



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS - FLet
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL



WENDELL MARTINS SILVA

**ESPELHO DE AMATERASU: A LITERATURA PRODUZIDA POR IMIGRANTES
JAPONESES E DESCENDENTES NO AMAZONAS (1930-2020)**

MANAUS - AM
2023

WENDELL MARTINS SILVA

**ESPELHO DE AMATERASU: A LITERATURA PRODUZIDA POR IMIGRANTES
JAPONESES E DESCENDENTES NO AMAZONAS (1930-2020)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Cacio José Ferreira

**MANAUS
2023**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586e Silva, Wendell Martins
Espelho de Amaterasu : A literatura produzida por imigrantes japoneses e descendentes no Amazonas (1930-2020) / Wendell Martins Silva . 2023
111 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Cacio José Ferreira
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Literatura e Imigração. 2. A escrita nikkei. 3. Produções literárias no Amazonas. 4. Amazonas. I. Ferreira, Cacio José. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

WENDELL MARTINS SILVA

ESPELHO DE AMATERASU: A LITERATURA PRODUZIDA POR IMIGRANTES
JAPONESES E DESCENDENTES NO AMAZONAS (1930-2020)

BANCA EXAMINADORA

Cacio José Ferreira

Dr. Cacio José Ferreira (UFAM)

Michele E. B. de Sá

Dra. Michele Eduarda Brasil de Sá (UFMS)

Kaoru Tanaka de Lira

Dr. Kaoru Tanaka de Lira Ferreira (UnB)

Wendell Martins Silva

Wendell Martins Silva

Mestrando

*Mesmo quando a vida
de um imigrante
chega ao fim,
As flores não podem sofrer,
devem florescer
Sachiko Kawada,*

Dedicatória

Dedico, primeiramente a Deus; à minha mãe, Maria das Graças e; a todos que me apoiaram incondicionalmente durante o período de desenvolvimento da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

O meu agradecimento maior é dedicado a Deus, pela dádiva da vida e pela saúde constante, sou grato por me permitir realizar tantos sonhos nesta existência. Gratidão eterna, por Seu infinito amor, pela Sua voz ressoando constantemente o que não me permitiu desistir, mesmo em momentos de extrema tribulação.

À minha família, por estar sempre presente em todos os momentos de minha vida, tanto nos bons quanto nos maus. Em especial à minha mãe, a senhora Maria das Graças Martins, por todo seu amor incondicional demonstrado em ações contínuas, desde a minha infância até os dias atuais.

Ao Professor Doutor Cacio José Ferreira, pelas orientações, pela competência, profissionalismo e dedicação tão importantes em meu processo formador. Em certos momentos, mesmo que eu pudesse estar me sentindo desestimulado, bastavam alguns minutos de conversa e o ânimo reacendia como o do primeiro dia de aula. Obrigado por acreditar em mim, pelos “puxões de orelha” e constante incentivo.

Aos membros da banca examinadora, que gentilmente aceitaram tomar parte e colaborar com esta dissertação. Suas inserções foram de extrema importância para o desenvolvimento e finalização desta pesquisa. Espero um dia, poder retribuir a gentileza e contribuir com vossas futuras ações acadêmicas.

Por fim, a todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização desta dissertação. Dentre os quais destaco, a pessoa do Sr. Ken Nishikido, que desde o início do meu percurso acadêmico na área de estudos relacionados à língua e literatura japonesa, tem sido fundamental, me auxiliando com seu vasto conhecimento, quanto às leituras e interpretações de termos específicos e me incentivando na constante melhoria da minha formação profissional da área. Aos meus vários companheiros de jornada acadêmica dentre os quais destaco Lorena Elizabeth Otani, Beatriz Augusta de Souza Coelho, Bruno Trece, Jone Braga de Moura e Débora Pontes Barbosa, pelo constante apoio e torcida nesta empreitada. Deixo registrado o meu total e sincero agradecimento à Valdenira Oliveira da Silva (minha tia) e Renan Dias de Figueiredo, por me auxiliarem constantemente em questões pessoais, sem medir esforços para que pudesse me concentrar na produção desta dissertação.

RESUMO

No porto de Santos do Estado de São Paulo, em 1908, o navio Kasato Maru aportava com os primeiros imigrantes japoneses em terras brasileiras. Havia o interesse pela mão de obra do lado do Brasil e em contrapartida a utilização da força de trabalho pelos japoneses. Anos depois, a imigração japonesa acontecia no Amazonas em virtude do sucesso imigratório no Sudeste. Além disso, era necessário a mão de obra em terras amazonenses como forma de obter um novo produto econômico para a região. Junto com o conhecimento dos imigrantes, como a produção agrícola, manejos de produção, artes, vieram as produções literárias como forma de subsidiar a saudade do Japão e fuga do intenso contato com as novas tradições, desenhando, assim, uma escritura híbrida ao contemplar as paisagens da nova terra. Nesse contexto de produção, a intertextualidade nascia na palavra desenhada em japonês ou em português, sem hierarquias, mas com a precisão do manuseio do pensamento migrante. Assim, a investigação desenvolvida analisa três produções literárias produzidas por japoneses ou descendentes em contexto imigratório, a saber: *Flores e Borboletas*, de Sachiko Kawada; *Narrativas Amazônicas*, de Toshio Shirayanagi; e *A terra natal está tão distante – Coleção de ensaios de imigrantes amazônicos*, de Toshiyuki Kawada. As obras são analisadas sob a luz teórica de Stuart Hall ao pontuar o entrelaçamento da produção literária e cultural do migrante no contexto amazônico. Ainda para entender melhor o contexto migratório dos japoneses para o Amazonas, a pesquisa traz à baila os pensamentos de Michele Eduarda Brasil de Sá e de Linda Midori Tsuji Nishikido; ainda a crítica de Silviano Santiago, na obra *Uma literatura nos trópicos* e Antonio Candido, em *Literatura e sociedade*, norteiam o processo de discussão literária dos autores japoneses e descendentes no Amazonas. Enfim, a investigação apresenta textos literários pouco difundidos no cenário da literatura amazonense ou nacional.

Palavras-chave: Literatura e Imigração. A escrita nikkei. Produções literárias no Amazonas.

ABSTRACT

In the port of Santos in the State of São Paulo, in 1908, the ship Kasato Maru docked with the first Japanese immigrants in Brazilian lands. There was interest in labor on the Brazilian side and, on the other hand, the use of labor by the Japanese. Years later, Japanese immigration took place in the Amazon due to the immigration success in the Southeast. In addition, labor was needed in Amazonian lands as a way to obtain a new economic product for the region. Along with the knowledge of the immigrants, such as agricultural production, production management, arts, literary productions came as a way to subsidize the nostalgia for Japan and escape from the intense contact with the new traditions, thus designing a hybrid writing when contemplating the landscapes of the new land. In this context of production, intertextuality was born in the word drawn in Japanese or Portuguese, without hierarchies, but with the precision of handling migrant thought. In this sense, the investigation carried out analyzes three literary productions produced by Japanese or descendants in an immigration context, namely: *Flowers and Butterflies* by Sachiko Kawada, *Amazonian Narratives* by Toshio Shirayanagi and *The homeland is so far away – Collection of essays by Amazonian immigrants* by Toshiyuki Kawada. Analyzed under the theoretical light of Stuart Hall when punctuating the interweaving of the migrant's literary and cultural production in the Amazonian context. Still to better understand the migratory context of the Japanese to the Amazon, the research brings up the thoughts of Michele Eduarda Brasil de Sá and Linda Midori Tsuji Nishikido; still the criticism of Silvano Santiago, in the book *A literature in the tropics* and Antonio Candido, in the book *Literature and society* guide the process of literary production of Japanese authors and descendants in the Amazon. Thus, the investigation presents literary texts that are not very widespread in the scenario of Amazonian or national literature.

Keywords: Literature and Immigration. Nikkei writing. Literary productions in the Amazon.

概要

1908年、サンパウロ州のサントス港に移民船の笠戸丸が接岸し、ブラジル最初の日本移民がこの地に上陸した。ブラジル国側は農業従事者が不足していた日本移民の労働力を必要としていた。こうした南伯での成功例もあることから後年、アマゾナス州でも地域経済発展を可能にする新たな生産物の開発を見据えて日本移民が導入されることになる。これらの移住者の中には農業技術を携え、更に文芸にも長けた人材の存在があり、開拓者には付き物の苦勞を少しでも癒すために祖国日本を想う気持ちを新天地の風景や環境、そして情調にも合わせて日本語・ポルトガル語の優劣に拘らず自然に現地語も導入した移民が描く独特の文脈で構成された作品が生まれることとなる。従って、この研究はアマゾナス州に於ける日系文献から選出した以下の3件の執筆作品の分析を実施する。川田幸子著書の短歌集「花紅に」、白柳敏男著書の物語集「アマゾンの拾い話」、そして川田敏之著書のエッセイ集「故郷は遠きにありて」である。これらの作品はスチュアート・ホール (Stuart Hall) が提唱する理論に基づきアマゾナス州への移民とその文化及び文芸活動を分析し、尚且つアマゾナス州への日本移民に関する理解を更に深めるためにミシェーリ・エドゥアルダ・ブラジル・デ・サー (Michele Eduarda Brasil de Sá) 並びにリンダ・ミドリ・ツジ・ニシキド (Linda Midori Tsuji Nishikido) の思考も考慮した。またシルヴィアーノ・サンティアゴ (Silviano Santiago) 著書の「熱帯地方の文学 (Uma literatura nos trópicos)」及びアントニオ・カンジド (Antonio Candido) 著書の「文学と社会 (Literatura e sociedade)」が掲げる文学的理論にも基づき当研究を実施した。そして当地域日系文学をアマゾナス州及びブラジル文学界に対し多少なりとも、その紹介に貢献できれば幸いである。

キーワード: 文学と移民。 日系執筆。 アマゾナス州での文学作品。

SUMÁRIO

PERCURSO INICIAL	8
1. CAPÍTULO I – LITERATURA E IMIGRAÇÃO JAPONESA	19
1.1 Imigração japonesa no Brasil	19
1.2 Estrangeiros e Descendentes na Literatura Brasileira Contemporânea.....	28
1.3 Influências estrangeiras na Literatura Brasileira	31
1.4 Obras famosas produzidas por nikkei	32
1.5 Amazonas, terra de escritores	34
1.5.1 A esperança dos primeiros nikkei no Amazonas traduzidas em palavras....	36
1.5.2 Motivações para escrita	37
1.5.3 Relevância das obras para Literatura Brasileira Contemporânea	40
1.6 Considerações finais do Capítulo I.....	41
2. CAPÍTULO II – LEGADO LITERÁRIO NIKKEI	42
2.1 Estilos Literários no Amazonas	44
2.2 Amazônia no olhar nikkei: Poesia, Prosa e Ensaio Literários.....	46
2.2.1. A vida na Amazônia – Vol I (2005).....	46
2.2.1.1. Hisako Toguchi	46
2.2.1.2. A vida na Amazônia – Vol I	47
2.2.2. Amazônia, de Toshiko Yamaguchi (1992)	49
2.2.2.1. Toshiko Yamaguchi	49
2.2.2.2. Amazônia	50
2.2.3. Manausu Kukai shu (Coletâneas de Haicai da Nippaku – Manaus) (1985-2020).....	52
2.2.3.1. Sobre as obras.....	52
2.2.4. Embaúba: Uma árvore e muitas vidas, de Noêmia Kazue Ishikawa (2016)	54
2.2.4.1. Noêmia Kazue Ishikawa.....	54
2.2.4.2. Embaúba: Uma árvore e muitas vidas	55
2.2.5. Suma Jinnai e suas narrativas	56
2.2.5.1. Suma Jinnai	56
2.2.5.2. Contos Infantis – Garashi e o Curupira (2004).....	56
2.2.5.3. A floresta onde mora a Cobra Grande – Minha Amazônia (2018)	57
2.2.6. Máximo (Recorde) de calor na Amazônia (2002).....	58

2.2.6.1, Gôta Tsutsumi.....	58
2.2.6.2. Máximo (Recorde) de calor na Amazônia (2002).....	59
2.2.7. Passagem só de ida aos confins da Amazônia – Um registro de um homem que foi o pioneiro no meio de uma selva e iniciou uma era na Amazônia, de (2005)	61
2.2.7.1. Toshiyuki e Sachiko Kawada	61
2.2.7.2. Passagem só de ida aos confins da Amazônia (2005)	61
2.3. Considerações finais do Capítulo II	64
3. CAPÍTULO III – O REFLEXO DE AMATERASU E A AMAZÔNIA REFLETIDA EM PALAVRAS.....	65
3.1 Flores e Borboletas (1999).....	67
3.1.1 Sobre as motivações de Sachiko Kawada	70
3.1.2 Uma vida em versos	71
3.2. Narrativas Amazônicas (1992).....	73
3.2.1 Sobre as motivações de Toshio Shirayanagi	77
3.2.2 Amazonas em palavras.....	77
3.3 A terra natal está tão distante – Coleção de ensaios de imigrantes amazônicos (2005)	79
3.3.1 Sobre as motivações de Toshiyuki Kawada.....	80
3.3.2 O Amazonas na visão do ensaísta	84
3.4 Considerações finais do Capítulo III	86
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
5. REFERÊNCIAS	91
5.1 OBRAS COLIGIDAS	95
ANEXOS	96

PERCURSO INICIAL

Em 1908, chegou no Porto de Santos do Estado de São Paulo o navio Kasato Maru, embarcação de sonho que atravessou o Atlântico, com centenas de imigrantes japoneses. Diversos elementos culturais também vieram com a chegada dos imigrantes japoneses em solo tupiniquim. Além do manejo de produção agrícola, produções literárias em poesia, prosa e diários foram escritos a fim de dialogar com as lembranças saudosas, da terra natal. O êxodo devido a pobreza e a falta de recursos econômicos motivaram a busca por um novo lar, que oportunizasse um certo enriquecimento possibilitando o retorno à pátria materna.

Já nos primeiros momentos em território brasileiro, a produção literária tornava-se palavra, quando ao desembarcar do navio para supervisionar o primeiro transporte de imigrantes como um representante da Companhia Imperial de Colonização, Shuhei Uetsuka, cujo pseudônimo era Hyôkotsu, produziu um poema haicaísta¹, firmando, nesse momento, o primeiro entrelaçamento da literatura japonesa com a brasileira, *in loco*, expressando o sentimento do novo imigrante oriundo do Japão em palavras e imagens. O poemeto foi traduzido por Hidekazu Masuda Goga, conforme a seguir:

A nau imigrante
chegando: vê-se lá do alto
a cascata seca. (GOGA, 1988, p. 33)²

Com a chegada dos imigrantes japoneses e criação de novas políticas internas de incentivos à importação de mão de obra estrangeira, por conta do processo de substituição de trabalhadores escravos por empregados rentáveis que continuassem a produção sem custos elevados, a imigração japonesa agradou o interesse brasileiro, sendo buscada por governos de diferentes estados, inclusive do Norte. Tal ação, gerou o processo de descentralização e interiorização da mão de obra imigrante, suprimindo assim as necessidades de ambos os governos, tanto os estaduais brasileiros quanto o japonês.

¹ Segundo Aston, “o haicai, também denominado de *haiku*, é a tradicional poesia japonesa, composta de três versos e 17 sílabas ao todo. Era uma forma de entretenimento escrita por qualquer indivíduo que tivesse conhecimento da escrita. No século XVII, Matsuo Bashô refinou a escrita do haicai, tornando-o admirável em todo o mundo”. (ASTON, 2000, p. 289). Doravante utilizaremos o termo “haicai” em português como forma de referência ao estilo literário.

² 酒滝を見上げて着きぬ移民船

No que tange à região norte do Brasil, a primeira colônia japonesa em território amazônico foi instituída em Tomé-Açu, no Estado do Pará, em 1929, devido à implantação da Companhia Nipônica de Plantações do Brasil, conhecida como *Nantaku*. Esta Companhia visava a organização, divisão e distribuição dos imigrantes japoneses em diferentes regiões do Brasil. Também tinha como interesse a coleta de dados que seriam analisados por técnicos especializados em diversas áreas e, por fim, serem encaminhados ao Governo Japonês, evidenciando um exímio controle do processo migratório em solo brasileiro por parte do Japão.

Nesse contexto de imigração, a Fazenda Bela Vista foi vendida à Companhia Nipônica, instalando os primeiros colonos japoneses. Eram 42 famílias e tinham um total de 189 pessoas (NAGAI, 2017, p. 2).

As primeiras famílias chegaram apenas em 7 de setembro de 1929 no Pará. Takuya Kawada menciona a vinda de alguns japoneses a partir do Peru e da Bolívia com a ressalva de que somente com a organização da *Nambei Takushoku Kabushiki Kaisha* (“Companhia Nipônica da Plantações do Brasil”), em 31 de dezembro de 1928, em Belém, auxiliada pela *Amazon Kougyou Kabushiki Kaisha* (“Companhia Amazônica de Exploração”), esta presença se fez sentir de maneira mais notória, especialmente após a fundação da colônia japonesa de Tomé-Açu, no município de Acará (PA). (SÁ, 2010, p. 23)

Nos anos seguintes, foram instituídas colônias japonesas, mesmo com dificuldade, nos municípios de Maués, em 1930, e Parintins, em 1931. No Amazonas a busca por mão de obra imigrante, tentava alavancar as produções agrícolas, pelo fato de serem intitulados como trabalhadores sérios e comprometidos com as atividades em que eram inseridos.

[...] do porto de Kobe, no Japão, aos doze dias de outubro de 1929, saía o primeiro grupo de imigrantes para o Amazonas. Eram nove famílias e dezessete solteiros totalizando quarenta e nove pessoas. De Kobe para o Rio de Janeiro, no navio *Santos Maru*; do Rio de Janeiro para Belém, no *La plata Maru*; de Belém a Manaus e de Manaus a Maués, em dois de janeiro de 1930. (SÁ, 2010, p. 24)

No Amazonas, a busca por imigrantes nikkei³ avançou e Maués foi uma das cidades escolhidas para a permanência dos japoneses na região. O município que se localiza a 257 quilômetros de Manaus teve em seu processo de firmação econômica diversos experimentos agrícolas e, com o auxílio dos japoneses, iniciou o plantio de cacau, arroz e guaraná, sendo este último o único produto que obteve relativo sucesso

³ Nikkei – japoneses residentes no exterior do Japão, bem como, os descendentes japoneses de segunda, terceira, quarta, quinta gerações.

e é mantido a constância até os dias atuais, inclusive, se consolidando como um principal esteio econômico da região.

Paralelamente ao assentamento em Maués, outro se instalava em Parintins. O deslocamento e a troca entre as duas comunidades imigrantes era frequente. O cultivo de juta era o principal foco destes imigrantes japoneses em Parintins. A comunidade crescia e se desenvolvia conforme o cultivo da juta, que obtinha sucesso considerável.

(...) a imigração japonesa no Município de Maués que visava aos plantios de cacau, guaraná e arroz não teve o sucesso planejado ao instalar as 50 famílias, por desentendimentos entre os colonos que somente foram apaziguados com a chegada de Hisae Sakiyama, em 22 de setembro de 1930. Com a plantação de guaraná, eles mantiveram a vida, mas não tiveram muita esperança para ganhar o dinheiro. Enquanto isso, em Parintins, a Companhia Industrial Amazonense (CIA) obtinha sucesso na plantação de juta. Em 1938, alguns japoneses de Maués começaram a plantar a juta sob a orientação da Companhia Industrial Amazonense. (HOMMA, 2016. p. 38)

Com a Segunda Guerra Mundial, as imigrações japonesas foram suspensas, devido ao fato de o governo brasileiro ter se posicionado a favor dos Estados Unidos e, com isso, muitos atos contrários a japoneses e descendentes foram instituídos em todo o território nacional. Em algumas regiões do Brasil,⁴ por exemplo, diversos imigrantes japoneses tiveram que abandonar as posses por ordens de representantes de governos locais. Tal fato resultou em um êxodo dos imigrantes para cidades maiores e mais urbanizadas, em busca de novas oportunidades para garantir o sustento básico.

O processo de imigração e interiorização japonês foi retomado apenas após o fim da grande guerra, quase uma década depois, em 1952. Tal ocorrência foi chamada de Retomada da Imigração no Estado do Amazonas e, assim, novas incursões foram instituídas em regiões do entorno dos municípios de Manacapuru, Iranduba e Manaus. As novas colônias focariam em produções hortifrutigranjeiras.

Nessa perspectiva, surge a Colônia Bela Vista, localizada no perímetro rural do município de Iranduba – AM, sendo considerada a primeira colônia japonesa criada em perímetro assentado próximo da capital amazonense. Era composta por vinte e

⁴ Em 1943, o governo determinou a remoção de todas as pessoas de nacionalidade do Eixo da costa litorânea do país, uma vez que toda essa região foi considerada área de segurança nacional. (SILVA E SILVA, 2011, p. 9).

três famílias, em setembro de 1953. Aproximadamente cinco anos depois, no dia 10 de novembro de 1958, dezessete famílias com cento e dezessete membros se instalaram na Colônia Efigênio Salles, localizada na zona rural da cidade de Manaus. Cabe ressaltar que as colônias mencionadas permanecem ativas atualmente.

Conseqüentemente, junto com a força de trabalho, valores sociais, filosofias de vida e também produções artístico-culturais, além de literárias acabaram se espalhando, tomando formas regionais, sem é claro, perder a essência japonesa. Nesse diapasão, Stuart Hall acredita que “a reafirmação de "raízes" culturais e o retorno à ortodoxia têm sido, desde há muito, uma das mais poderosas fontes de contra-identificação em muitas sociedades e regiões pós-coloniais e do Terceiro Mundo” (HALL, 2019, p. 95). Como exemplo, pode-se citar o trecho da obra de 1992, *Amazon no hiroi hanashi (Narrativas Amazônicas - tradução nossa)*, onde o autor Toshio Shlrayanagi, um imigrante japonês residente no Amazonas, traz a sua própria versão de contos e lendas amazônicas, bem como o uso de elementos regionais na composição do texto: “Bem, eu pensei assim: será se a mironga que me foi roubada, é esta que nativos venderam para mim? Então perguntei diretamente a ele (o nativo), mas ele apenas riu e respondeu: “Não sei!”” (SHIRAYANAGI, 1992, p. 4).⁵

Entretanto, essas produções literárias, muitas vezes, ficaram restritas à comunidade, descendentes ou ainda acabaram sendo extraviadas, antes de chegarem ao conhecimento do grande público.

Stuart Hall, em *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais (2013)*, destaca questões relacionadas às mudanças de um povo de determinado meio social ou região que, por questões políticas, religiosas ou econômicas acaba por se deslocar para outro ambiente, a fim de se reestruturar enquanto indivíduo social. Assim, a vinda de um grupo para uma terra longínqua exemplifica a ação diaspórica⁶, pois existe uma busca pela sobrevivência, necessidade de aportar em outras terras buscando a solidez da existência.

Consonante a diáspora mencionada no trabalho de Hall, ao analisar as escrituras produzidas no Amazonas pelos nikkei, há no processo criativo um sentimento de busca por uma identidade cultural que se assemelha à nativa, mas não

⁵ (...) さてはあのミロンガを私に売った土人が盗んだのではないかと思ひ、彼に聞いてみたが、ただ「ノンセイ」（知らない）と笑って返事をするだけでした。(SHIRAYANAGI, 1992, p. 4).

⁶ O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um "Outro" e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora. (HALL, 2013, p. 36).

é mais a mesma. Há uma mescla das duas terras experienciadas pelo grupo de imigrantes. Fica evidente o sentimento de saudosismo pela terra natal e até o desejo de retorno em um momento futuro. Nesse sentido Stuart Hall postula que:

Essencialmente, presume-se que a identidade cultura seja, fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. E impermeável a algo tão “mundano”, secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência. A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades [...] podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor. (HALL, 2013. p. 28)

Por outro lado, a assimilação da nova realidade e o surgimento de pertencimento no novo ambiente também é uma marca do processo criativo dos novos imigrantes. A exaltação à natureza, o entendimento e a reprodução de contos amazônicos, a utilização de elementos que remetem aos mais variados cenários do Amazonas, bem como a incursão de vocábulos regionais, são exemplos da manifestação do sentimento de pertencimento⁷ ao meio social amazonense.

Stuart Hall (2013, p. 29) ainda considera o processo diaspórico como uma relação em que a identidade com a “terra de origem” se mantém aguerrida, mesmo considerando a evolução social e o surgimento de novas gerações, o que faz parte do desenvolvimento de uma nova identidade cultural⁸. Portanto, os imigrantes japoneses que se fixaram no Amazonas, fundiram-se em sua essência, valores e costumes absorvidos a partir da vivência na floresta, mantendo os preceitos trazidos de sua terra natal, conservando assim os princípios tradicionalistas que os mantiveram em harmonia por tantos anos, contudo os princípios tradicionalistas de outrora se entrelaçaram aos novos elementos culturais vivenciados, conforme destaca o pensamento de Stuart Hall a seguir:

Possuir uma identidade cultural [...] é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de “tradição”, cujo teste é o de sua fidelidade às

⁷ (...) pertencer, integrar um grupo e estabelecer vínculos e compromissos de longo prazo, significa ver-se comprometido com uma escolha, o que significa abrir mão de parcela da liberdade individual. Eis mais um dos paradoxos e sentimentos de ambivalência que habitam o mundo líquido-moderno: a comunidade representa um pêndulo projetado em direção ao valor segurança enquanto o não pertencimento comunitário representa a liberdade do indivíduo em relação aos vínculos e compromissos estabelecidos a longo prazo. (SANTOS, 2014, p. 117).

⁸ (...) é formado através do pertencimento a uma cultura nacional e como os processos de mudança – uma mudança que efetua um deslocamento compreendidos no conceito de “globalização” (...). (HALL, 2019, p. 22).

origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua “autenticidade”. (HALL, 2013. p. 32)

Nesse caminho, surge o primeiro questionamento da investigação: “Como seria a identidade do imigrante japonês recém-chegado ao Brasil?”. Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2019), postula sobre a fragmentação humana, considerando que:

O fato de projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (HALL, 2019. p. 11)

Ainda seguindo o processo de entendimento de si, é possível compreender a mistura do olhar subjetivo em relação à objetividade do lugar, no caso a Amazonia, pelos imigrantes japoneses e a produção literária diante do novo cenário em que estavam inseridos.

Cabe ressaltar que as novas escrituras realizadas têm identidade própria, por se tratarem de escritos carregados de elementos característicos singulares, por exemplo, a exaltação ao belo, como encontradas em obras de autores japoneses consagrados como Matsuo Bashô e Yasunari Kawabata, tendo a sensibilidade e pontos de vista do entrelaçamento com o ribeirão. Assim há a inserção de termos amazônicos nas escrituras analisadas, mais adiante na dissertação, criando uma atmosfera regional no corpo do texto literário.

Em *a Literatura dos trópicos* (2000), Silvano Santiago desenvolveu o termo *entre-lugar* a partir do discurso latino americano como ferramenta para analisar o texto do ponto de vista pós-colonial. O leitor acaba se distanciando das premissas da formação considerada clássica por ser de origem europeia, para refletir sobre a literatura latino-americana como estabelecida nesse *entre-lugar*, ou seja, para “entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão” (Santiago, 2000, p. 26), percebendo, assim nas narrativas nikkei, um encontro da terra natal com a nova terra sem definir um ponto específico. Ao assumir tal perspectiva, a compreensão do *entre-lugar* traz a noção de que se é desconstruído o legado e hostilidade da colonização europeia, buscando assim uma singularidade literária, no caso da Amazônia, entrelaçado com elementos culturais japoneses e amazônicos.

Logo, quando o povo japonês chega ao Brasil, não há residência fixa, sofre com o preconceito constante por parte da sociedade que aqui residia. Há, em um

primeiro momento, péssimas condições de moradia e alimentação e por conta de todos esses fatores, busca constantemente por reafirmação de uma posição no meio social, além da consolidação da nova identidade e no novo contexto. Assim, o processo criativo literário também é uma forma de exposição dos sentimentos, além da possibilidade de servir como uma espécie de guia para os próximos grupos de imigrantes e seus descendentes.

Contudo, a literatura produzida pelos nikkei no Amazonas é considerada como singular, posicionando no entre-lugar definido por Santiago pois, apesar de ter similaridades com os estilos literários japoneses, incluindo métricas de poemas e forma de abordagens de temas, possui elementos únicos, desenvolvidos a partir de circunstâncias vividas pelos imigrantes japoneses durante o processo de adaptação à nova realidade de vida no Amazonas.

Nesse pressuposto, segundo Stuart Hall (2013), a diáspora gera questões relevantes no meio social, pelo fato de serem consideradas centrais, não apenas para seus povos, mas para as artes e culturas que produzem, onde um certo sujeito imaginado está sempre em jogo.

Da difusão social e cultural que a imigração japonesa trouxe à região amazônica surgem conseqüentemente registros literários em forma poética, anotações em forma de diários e textos em prosa com temas diversos. Diante do exposto, a presente investigação realizou um levantamento das obras literárias produzidas por nikkei no Amazonas, contemplando, desde a década de 30 do século XX até o ano de 2020, apanhando assim, cerca de 90 anos de história desde a chegada dos primeiros imigrantes japoneses no Amazonas, a fim de registrá-las no universo acadêmico e compreendê-las como parte do cânone literário amazonense, observando o posicionamento dos temas correlacionados às histórias de vida dos autores.

Na obra *Literatura e Sociedade* (2014), por exemplo, Antonio Candido aponta como a sociedade é transpassada para a literatura de forma direta, assim, os novos imigrantes japoneses aqui estabelecidos, vivendo um momento instável por conta da mudança abrupta de realidade também se utilizaram do artifício literário como forma de expressão de seus variados sentimentos vividos como tecitura da parte saudosista do encontro com o novo.

Ao ler as escrituras produzidas pelos nikkei em território amazonense, observam-se pontos inerentes à estética dos textos, às formas de linguagem e às

abordagens peculiares trazidas em cada obra, assim surgem os seguintes questionamentos: *Que literatura seria, como foi constituída e a quem estaria destinada? Esta literatura seria memorialística⁹? E, possuem elementos que possam indicar um cenário constituído no Amazonas?*

Assim, a presente pesquisa analisou as produções literárias e buscou compreender o processo formador das obras, bem como reunir elementos que as possam caracterizar ou não como memorialísticas. Investigou-se, ainda, a existência de elementos regionais característicos do Amazonas nas produções analisadas, caracterizando-as como parte integrante da literatura brasileira contemporânea.

Para tal, foram verificadas as obras a seguir, divididas em três categorias: Prosa, Poesia e Ensaio Literários. As obras encontradas em poesia foram: *Amazon ni iku – Vol I (A vida na Amazônia)*, de Hisako Toguchi; *Amazonia (Amazônia)*, de Toshiko Yamaguchi; *Hana to chō (Flores e Borboletas)*, de Sachiko Kawada e; *Manausu Kukai shu (Coletânea de Haikai da Nippaku)*, Nippaku – Manaus. Em prosa: *Amazon no hiroi hanashi (Narrativas Amazônicas)*, de Toshio Shirayanagi; *Embaúba: Uma árvore e muitas vidas*, de Noêmia Kazue Ishikawa; *Kodomo no tomo – Garashi to Kurupira (Contos Infantis – Garashi e o Curupira)* e *Orochi no sumu mori – watashi no Amazon (A floresta onde mora a Cobra Grande – Minha Amazônia)*, de Suma Jinnai. Em Ensaio Literários: *Amazon no hohon neppu-roku (Máximo (Recorde) de ar quente na Amazônia)*, de Gôta Tsutsumi; *Furusato wa tooku ni arite – amazon imin no esseishu (A terra natal está tão distante – Coleção de ensaios de imigrantes amazônicos)* e *Katamichi kippu – Mitsurin wo hiraki chuubu amazon no jidai wo hiraita otoko no kiroku (Passagem só de ida aos confins da Amazônia – Um registro de um homem que foi o pioneiro no meio de uma selva e iniciou uma era na Amazônia)*, de Toshiyuki Kawada. Contudo, devido ao tempo de duração da pesquisa, apenas três foram analisadas de forma verticalizada, sem nenhum prejuízo, para a compreensão global das demais.

As três obras que foram analisadas de forma pormenorizadas foram: *Hana to chō (Flores e Borboletas)*, de Sachiko Kawada; *Amazon no hiroi hanashi (Narrativas Amazônicas)*, de Toshio Shirayanagi; e *Furusato wa tooku ni arite – amazon imin no*

⁹ (...) a escrita memorialista se lança às reminiscências para também pensá-las pelos seus avessos, nas idas e vindas, e ao pensá-las repensar ressentimentos e esquecimentos, através das falhas, das lacunas de uma história, dos “brancos” como numa “cegueira branca” também da História. (PORTO, 2011, p. 433).

esseishu (A terra natal está tão distante – Coleção de ensaios de imigrantes amazônicos), de Toshiyuki Kawada. Para contemplar todos os gêneros na análise preterida, foi escolhida uma obra em prosa, uma em poesia e uma em ensaio. Contudo, cabe salientar que a escolha se deu por um gosto pessoal na leitura. É importante destacar que a escolha não é hierárquica, pois não há um *ranking* de melhores obras, todas estão na mesma linha como categorização literária. No entanto, as obras escolhidas para análise mais profunda são capazes de afirmar os elementos, estruturas e características das obras produzidas por nikkei no Amazonas. Apesar de não haver uma análise detalhada das demais que foram citadas na dissertação (isso ficará para uma próxima etapa da pesquisa), em um momento posterior da investigação, haverá um resumo das principais características de cada obra coligida.

Cabe ressaltar, ainda, que as obras coligidas nesta pesquisa perpassam o espaço diacrônico no Amazonas a partir de 1930, pelo fato de ser o período em que os japoneses e descendentes vieram residir no Amazonas, conseqüentemente tendo início a tecitura literária em solo amazonense.

Para sustentar a discussão presentificada na investigação, a dissertação está dividida em 3 capítulos que abordam quesitos históricos, teóricos, apresentação e análise de obras literárias escritas por nikkei e pontuações sobre a relevância de cada uma no cenário literário amazonense. Entretanto, é importante ressaltar que apenas 3 foram detidamente analisadas, as demais configuram como produções literárias existentes no Amazonas.

O Capítulo I – *Literatura e imigração japonesa* segue apoiado nas teorias de Stuart Hall (2011) ao tratar do processo migratório e adaptação do povo imigrante em uma nova terra. Existem ainda, contribuições pertinentes ao conteúdo de Silvano Santiago (2019), Masahiko Nishi (2014), Michele Eduarda Brasil de Sá (2011), Linda Midori Tsuji Nishikido (2018), entre outros, explorando o processo migratório, a adaptação do povo imigrante em uma nova terra. Também são abordadas as influências estrangeiras na cultura e literatura brasileira. O capítulo faz um breve histórico do processo migratório japonês para o Brasil e, conseqüentemente, para o Amazonas. São apresentadas ainda, obras famosas produzidas por imigrantes japoneses e descendentes em território brasileiro. Por fim, é discutida as motivações das escrituras por parte dos nikkei e a conseqüente relevância das obras encontradas no Amazonas para academia e a Literatura Brasileira Contemporânea.

No Capítulo II – *Legado literário Nipo-Amazonico*, colige as obras encontradas, se voltando para um momento descritivo tanto da obra, quanto dos autores, relatando ainda breve histórico de cada um, a fim de auxiliar na compreensão das motivações do fazer literário em solo amazonense.

O Capítulo III – *O reflexo de Amaterasu – Análise literária dos textos, as obras Hana to chō (Flores e Borboletas)*, de Sachiko Kawada; *Amazon no hiroi hanashi (Narrativas Amazônicas)*, de Toshio Shirayanagi; e *Furusato wa tooku ni arite – amazon imin no esseishu (A terra natal está tão distante – Coleção de ensaios de imigrantes amazônicos)*, de Toshiyuki Kawada foram observadas mais profundamente, sendo o último, fazendo alusão ao título da dissertação, focando na análise das obras mencionadas, ainda sob à luz de Antônio Candido para um entendimento da aderência delas sobre o posicionamento como parte da literatura brasileira contemporânea.

Como abordagem metodológica, a investigação foi estritamente bibliográfica, pelo fato de que os instrumentos que são aproveitados na realização da pesquisa serem obras literárias, artigos científicos, dissertações etc. As obras presentes na pesquisa foram coletadas em grande parte em bibliotecas particulares de famílias de ascendência japonesa do estado do Amazonas. Além da produção literária encontrada, sendo considerada a fonte primária, foram utilizados documentos e publicações a respeito da imigração japonesa no Amazonas como fonte secundária.

Para embasamento teórico da dissertação foram utilizadas como fortuna crítica a obra de Stuart Hall, *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais* (2013), e *A identidade cultural na pós-modernidade* (2019). Pois ao considerar-se o processo da escrita dos nikkei, o conceito de identidade cultural é relevante. Ao se tratar da relação das escrituras com o meio em que estão inseridas, utilizou-se a obra, *Literatura e Sociedade*, de Antonio Candido, e ao que tange ao processo de formação literária em si, por meio da obra *Formação da Literatura Brasileira*; Silviano Santiago com a obra, *Uma literatura nos trópicos*, conceitua o entre-lugar de novos nichos literários fora dos expoentes mundiais.

Após o processo de catalogação de cada achado literário, realizou-se a análise das três obras já mencionadas, observando em cada uma: o enredo, o tempo e espaço, a presença ou não de narradores, os personagens, a linguagem presente e elementos que caracterizam ou não como literatura amazonense. Já nas obras de

cunho poético foram observados: o *kigô*¹⁰, a métrica, o tempo e o espaço e também os elementos que os caracterizam ou não como literatura amazonense. Nas demais foram pontuadas uma breve descrição do conteúdo e dos autores.

No que diz respeito à produção literária de nikkei, já existem levantamentos bibliográficos, contudo tais estudos estão relacionados a escritores de maior notoriedade e fama em território nacional, além de estarem centrados no eixo sul-sudeste. Diante do exposto, ressalta-se a relevância da investigação no que diz respeito à identificação histórico-bibliográfica de elementos que compõem o cenário literário contemporâneo, auxiliando futuras pesquisas realizadas pela comunidade acadêmica local e nacional.

¹⁰ Representa o aqui e o agora, a própria sensação que originou uma dada emoção; em outros tantos, permite criar, muito economicamente, característico que envolve e atribui significado a uma dada impressão sensória. (Franchetti, 2008, p. 268).

CAPÍTULO I

Literatura e Imigração Japonesa

1.1 Imigração japonesa no Brasil

No Japão, a Era Meiji¹¹ iniciou em 1868 o que trouxe mudanças significativas à sociedade japonesa daquela época. Assim, o fim do regime de governo ditatorial, a determinação de segregação por classes sem possibilidades de ascensão social por grande parte da população e, abertura do país para o exterior deu fim ao isolamento que o país perpassava, o que perdurava mais de 265 anos.

Conhecido como Período Edo¹², época governada pelos integrantes do Clã Tokugawa¹³ os quais propiciaram, além do fechamento do país ao mundo exterior, um longo período sem guerras, sem imigrantes e epidemias oriundas do estrangeiro.

Ao fim do período Tokugawa ou Edo (1603-1868), o Japão saiu de um isolamento nacional (鎖国 *sakoku*) de mais de dois séculos e a partir da segunda metade do século XIX direcionou toda a sua energia para a realização de um objetivo: estabelecer um estado-nação moderno, voltando-se ao Ocidente. (SASAKI, 2017. p. 19)

Contudo, cabe ressaltar que o Japão é um arquipélago, ou seja, um conjunto de ilhas que possuem fronteiras exclusivas com o mar. Logo, caso o Japão se mantivesse fechado ao mundo, em algum momento o território ficaria pequeno para abrigar tantas pessoas e poderia, conseqüentemente, colapsar em diversas esferas sociais e econômicas.

Com terras escassas, qualquer quebra nas safras agrárias fazia com que a população passasse fome generalizada, pois o Japão consumia tudo o que produzia. Paralelamente a este fato, com a modernização do país e a mecanização da agricultura, muitos japoneses ficaram desempregados, outros perderam suas terras e ficaram extremamente limitados, pois com o início da era Meiji, os impostos passaram a ser cobrados em espécie.

¹¹ Com o fim do período Tokugawa (1603-1868) inaugurou-se o período Meiji (1868-1912), o que implicou em uma transformação sem precedentes do Japão, quando passou a ter um contato intenso com os países ocidentais. (SASAKI, 2017, p. 19).

¹² Período da história que o Japão foi governado pelos xoguns da família Tokugawa, no período de março de 1603 a maio de 1868, estabelecido por Tokugawa Iyeyasu (o primeiro xogum desta era) na então cidade de Edo (atual Tóquio) três anos após a batalha de Sekigahara. (MARQUES, 2014, p. 10).

¹³ A hegemonia militar do clã Tokugawa foi consagrada com o final da notória Batalha de Sekigahara em 1600, que pôs fim ao período de guerras civis e coroou o processo de unificação do Japão. (MARQUES, 2014, p. 10).

A taxação era considerada inacessível para parcela significativa da população de agricultores, assim, os ruralistas, que tiveram as terras confiscadas, passaram a migrar com suas famílias para as principais cidades do Japão, o que acarretou na saturação populacional nas cidades e um “boom” de residentes desempregados que viviam abaixo da linha da pobreza. Diante deste cenário, o governo propôs políticas de incentivo, por meio de acordos internacionais, culminando na imigração da população japonesa para outros países. Assim, Coréia, Manchúria, Estados Unidos, Peru, Argentina e Brasil receberam inúmeros imigrantes.

Sabe-se que o Japão após 1868, com a centralização do poder em torno do Imperador (antes, o modelo japonês era muito semelhante ao feudalismo europeu), passou por um período de acelerado crescimento econômico e prosseguindo a tendência do período anterior de melhoria da qualidade de vida com maior produtividade no campo, pela proibição do infanticídio. As áreas disponíveis para a prática agrícola (atividade predominante na época) não eram suficientes para sustentar a crescente população. Por isso, o Japão optou pela emigração e colonização. (SAKURAI, 2004. p. 05)

No Brasil, o cenário era inverso, o país estava em franco crescimento e havia falta de mão de obra para laborar nas plantações de café. Tal fato se deve ao processo de encerramento da escravidão que estava ocorrendo no país ao longo de duas décadas, culminando na ação oficial de abolição da escravatura por meio da Lei Áurea assinada pela Princesa Isabel, em 1888.

Assim, como o grande motor da economia brasileira na época era a produção de café em São Paulo, e como as fazendas produtoras de café funcionavam em sua maioria com mão de obra escrava, iniciou-se a problemática. Os donos de campos produtivos precisaram buscar alternativa para continuar com a plantação. Conseqüentemente, houve um aumento significativo no número de imigrantes em território brasileiro, nesse sentido, IOTTI, 2010, reitera que:

[...] paralelamente ao processo lento e gradual da abolição da escravatura, o governo imperial procurou incentivar a vinda de imigrantes europeus. Os resultados parecem ter sido positivos: “de 1867 a 1887, a média anual da entrada de imigrantes foi de 30.000, e de 1888 a 1900 essa média situou-se em torno de 100.000”. (MANFROI, 1975. p. 44, Apud. IOTTI, 2010 p.10).

Outra questão problemática é que as políticas imigratórias do Brasil favoreciam os cidadãos europeus, com o intuito de “branquear” a população brasileira. Então, o presidente Deodoro da Fonseca sinalizou a intenção de mudança desta política e assinou um decreto que permitiu a imigração de pessoas da África e da Ásia, entretanto, tal decreto só teria validade após a aprovação do Congresso Nacional. Em

1892 foi aprovada a Lei nº 97, que permitia a entrada sem restrições de japoneses e chineses no Brasil.

Diante deste cenário, as necessidades de ambos os países entrelaçaram-se. Surgiu, então, como solução, a busca de mão de obra imigrante para trabalhar nas fazendas.

Porém, por volta de 1897, houve uma crise de superprodução cafeeira no Brasil e o café passou por um processo de desvalorização. Apenas em 1901, o preço do café se recuperou e o Brasil voltou a incentivar a imigração japonesa para trabalhar nas fazendas.

A necessidade de mão de obra fez com que surgissem as negociações entre Brasil e Japão para vinda de trabalhadores rurais. O que acabou culminando na formulação do Tratado de Amizade Comércio e Navegação entre o Japão e o Brasil, celebrado em Paris, no dia 5 de novembro de 1895.

Em 1905, o governo japonês enviou o representante, o ministro Fukashi Sugimura¹⁴ para conhecer o Brasil e escrever um relatório que seria apreciado por outras autoridades japonesas. O Ministro Sugimura foi bem recebido em solo brasileiro, tanto pelas autoridades e representantes do governo local, quanto pela população. Tal reação causou uma impressão bastante positiva. Assim, iniciaram-se os preparativos para a vinda do primeiro navio contendo imigrantes japoneses para solo Tupiniquim.

Em 18 de junho de 1908, o primeiro navio trazendo 781 japoneses, o Kasato Maru, desembarcou no Porto de Santos, vindo da cidade de Kobe. Eles foram trazidos para trabalhar como lavradores no interior paulista. Entretanto, chegando em solo brasileiro não foi como os japoneses pensavam, pois apesar de terem uma série de regras e regimentos dentro da negociação entre os dois governos para imigração, o agenciamento de mão de obra era realizado por grupos privados que visavam exclusivamente o lucro. Agenciar a mão de obra era um trabalho muito lucrativo, mas para tais grupos necessitavam criar propagandas atraentes para os japoneses. Afinal os futuros imigrantes saíam de seu país para tentar a vida do outro lado do mundo, até então desconhecido.

Além disso, era prometido moradia para os trabalhadores, mas sem se aprofundar em informações ou quais as condições, então, muitos que aqui chegaram

¹⁴ Fukashi Sugimura - nomeado em abril de 1905 ministro plenipotenciário da representante do Japão no Brasil, (CUNHA, 2020, p. 47).

tiveram surpresas desagradáveis ao perceber que, de certa forma, foram ludibriados. Entenderam que não conseguiriam retornar rapidamente ao Japão, e ainda, haveria dificuldade de adaptação com o idioma, o clima, os hábitos alimentares e o modo de vida brasileiro. Apesar destas dificuldades, alguns japoneses, depois de um tempo, acabaram economizando o suficiente para comprar as primeiras terras em solo brasileiro.

Outro ponto relevante é que os contratos de imigração eram feitos em família, ou seja, um imigrante japonês não poderia vir para cá solteiro ou sozinho. Era necessário ser casado e/ou com filhos. Esses fatores acabaram perpetuando a estadia dos japoneses no Brasil.

A reação do povo brasileiro com o imigrante foi positiva, pois, por terem vindo japoneses de classes sociais mais baixas para cá, pensava-se que eles eram pessoas sujas, contudo mesmo “os miseráveis” estabelecidos eram organizados e cumpridores dos deveres da nova pátria.

Trouxeram ainda tinta e papel, sendo à época considerados artigos de luxo para um trabalhador braçal. Formaram comunidades próprias onde se falava o japonês, como forma de preservação cultural para seus filhos e descendentes. Muitos nem sequer chegaram a aprender a língua portuguesa enquanto moraram em colônias. Diversos navios vieram ao Brasil depois do tempo áureo do cultivo de café.

Contudo, o maior fluxo de imigrantes japoneses foi após o fim da Primeira Guerra Mundial. As empresas exportadoras de mão-de-obra continuavam divulgando que no Brasil poderiam enriquecer de forma rápida. Além disso, outro fator que também contribuiu para o aumento acentuado de imigrantes seria o fato do Governo dos Estados Unidos banir a entrada de imigrantes japoneses, em 1924, e países como Canadá e Austrália também restringiram a imigração, com isso, o Brasil passaria a ser um dos poucos países a aceitarem imigrantes japoneses.

Vieram 164 mil japoneses para o Brasil entre os anos de 1917 e 1940. Muitos deles, a partir de 1930, tinham a intenção de se estabelecerem definitivamente em solo brasileiro e não só apenas de trabalhar em fazendas por tempo determinado como seus antecessores. Ainda, durante a década de 1930, começaram a recrutar mão de obra não apenas para as fazendas de café, mas também para as de cultivo de arroz, morango e chá. Grande parte destes imigrantes foi residir em São Paulo e com isso o Brasil passou a ser o país com maior número de japoneses fora do Japão, título que mantém até os dias atuais (YURA, 2019).

Porém, paralelamente a isso, na mesma década de 30, iniciou-se a Era Vargas¹⁵, que trouxe consigo o Nacionalismo¹⁶, culminando na produção e aprovação de leis que restringiam de forma geral a quantidade de imigrantes no Brasil. Tal fato gerou inúmeras discussões entre os que eram a favor e os que eram contra a vinda de imigrantes japoneses, os quais se sustentavam com os discursos de que eles roubariam os postos de trabalho destinados aos brasileiros natos, verdadeiros donos da terra, além de falas xenofóbicas e racistas para embasar os argumentos. Já os que defendiam a vinda de imigrantes ressaltavam o fato de que os trabalhadores japoneses eram excelentes para os meios de produção do país, sendo que os agricultores japoneses eram responsáveis por mais da metade da produção, por exemplo, de chá e seda no Brasil.

Com a implantação, em 1937, do Estado Novo de Getúlio Vargas, a situação de todos os imigrantes, não somente os japoneses, piorou consideravelmente, pois para enaltecer o nacionalismo brasileiro foi instaurada uma forte repressão em relação a cultura de imigrantes, principalmente em cima daqueles que possuíam comunidades mais fechadas, como era o caso dos japoneses e dos alemães.

No dia 18 de abril de 1938, foi assinado o decreto número 383, dificultando ainda mais a vida dos imigrantes e seus descendentes em território brasileiro. O decreto proibia que os estrangeiros formassem qualquer tipo de associação, participassem de quaisquer atividades políticas, falassem línguas estrangeiras em público ou que fossem usadas na alfabetização de crianças.

Tal fato foi prejudicial para a maioria dos imigrantes que conseguiam se comunicar apenas em língua japonesa. Consequentemente, as revistas, jornais e livros em línguas estrangeiras também passaram a ser proibidos, com exceção daqueles que fossem bilingues (SILVA, 2012). Assim houve uma estagnação na circulação destes periódicos por conta do valor agregado na produção ser bastante caro. Logo, todos esses fatos contribuíram para que os japoneses ficassem sem nenhum tipo de acesso à informação por um longo período de tempo.

¹⁵ Era Vargas é o período da história brasileiro, compreendido entre os anos de 1930 a 1945, quando o então presidente Getúlio Vargas governou o Brasil por 15 anos consecutivos. Este período está dividido em três momentos: o Governo Provisório, o Governo Constitucional e o Estado Novo.

¹⁶ Nacionalismo foi um movimento político que surgiu precisamente com a implantação do Estado Novo durante o governo de Getúlio Vargas. Essa forma de governo tinha como principais características o anticomunismo, o autoritarismo e o nacionalismo (valorização da nação).

Com o advento da Segunda Guerra Mundial, em 1939, a situação das comunidades estrangeiras em solos tupiniquins era de completa exclusão social e cada vez mais degradada. Então, em 1941, os jornais das comunidades estrangeiras foram fechados e a última notícia que os japoneses residentes no Brasil tiveram da guerra foi a de que o Japão estava em vantagem. Considerando ainda que, durante a guerra, o Japão, Itália e Alemanha formavam um eixo, os estrangeiros desses países eram considerados “*súditos do eixo*”, ou seja, pessoas que se manteriam fieis às suas nações de origem, podendo ainda contribuir para o êxito do eixo mesmo estando em solo estrangeiro. Assim, “como ‘súdito’ ou vassalo, subordinado a um país inimigo, este imigrante poderia muito bem agir contra o Brasil” (PERAZZO, 1999, p. 194)

Em 1942, Getúlio Vargas manifestou seu apoio aos Estados Unidos na Grande Guerra. Foi então que os imigrantes provenientes de países que compunham o eixo passaram a ser tratados como inimigos de forma mais aberta por todos os nacionalistas brasileiros. Escolas imigrantes foram fechadas, os rádios foram apreendidos para não incorrer risco de ouvirem transmissões de quaisquer naturezas. Houve a expressa proibição de circulação por todo o território nacional sem prévia autorização do governo, entre outras repressões.

Os imigrantes italianos e alemães sofreram bastante discriminação nas mãos brasileiras, contudo os japoneses sofreram repressões ainda mais severas. Muitos japoneses e descendentes perderam terras e empregos, sendo substituídos por brasileiros natos sem qualquer ascendência asiática.

Como inimigos, os súditos do Eixo sofreram diversas formas de repressão em todo o Brasil. Em nome do Estado, e da segurança nacional, foram fechadas diversas associações e clubes, igrejas; religiosos, sobretudo alemães, foram presos; objetos foram apreendidos (como rádio, máquinas fotográficas, livros, fotos, etc.); enfim, diversas violências físicas e culturais foram cometidas. Milhões de imigrantes, descendentes e familiares de alemães, italianos e japoneses sofreram as consequências de outra guerra, ou um front interno em uma guerra sem guerra. (SILVA, 2010, p. 23)

O Imperador Hirohito¹⁷ era constantemente ironizado publicamente nas mídias e nas ruas. Este ato era considerado insulto extremo pois o Imperador não era considerado apenas um Chefe de Estado, mas também uma figura de descendência divina, da religião seguida pela maioria dos japoneses e descendentes, o xintoísmo.

¹⁷ Imperador Hirohito ou Imperador Showa foi o 124º imperador do Japão, de acordo com a ordem tradicional de sucessão, reinando de 25 de dezembro de 1926 até sua morte, em 1989.

O ápice dessa repreensão aconteceu no dia 10 de julho de 1943 quando, cerca de 10 mil imigrantes japoneses e alemães residentes na cidade de Santos foram expulsos de suas casas, obrigados a viver longe de seu lugar de residência na cidade litorânea. Isso se deve ao fato de o governo brasileiro temer que existissem espiões transmitindo informações ilegais para submarinos alemães da costa do litoral. Concomitantemente, muitos estrangeiros foram presos ou expulsos do Brasil por suspeita de espionagem, campos de concentração foram criados para integrar imigrantes de países do eixo. Entretanto, com o fim da guerra nenhuma das suspeitas de nipo-brasileiros contra a segurança nacional foi confirmada.

Quando a guerra terminou, os imigrantes voltaram a receber cartas de seus parentes que ainda residiam no Japão, tais cartas reforçavam as dificuldades encontradas por lá durante o pós-guerra por conta da derrota japonesa. Assim, muitos japoneses residentes no Brasil desistiram do sonho de retornar à sua terra natal e passaram a preparar os filhos para viverem na sociedade brasileira definitivamente.

Mesmo com a posse de informações sobre o Japão, um grupo de imigrantes nikkei relutaram em acreditar na derrota na guerra, de que o imperador havia se rendido e se declarado mortal e estavam convictos de que era uma mentira inventada pelo governo brasileiro a fim de mantê-los oprimidos por mais tempo. Contribuindo para um movimento de revolta o preconceito anti-japonês persistia no país, mesmo após a guerra, eles ainda eram tratados de forma indigna em muitas regiões onde habitavam.

Surge assim, um grupo terrorista formado por japoneses e descendentes, chamado *Shindo Renmei* ou *Kachigumi* com o intuito de matar outros membros da comunidade japonesa residentes no Brasil. De acordo com Nishi, 2014:

Negando a derrota do Japão, o grupo *Kachigumi* praticava represálias contra os compatriotas considerados traidores e, em geral, o alvo eram os que se dedicavam à sericultura e o cultivo de hortelã. O *Kachigumi* era um grupo de fanáticos que usava a força da arma e contava com a adesão maciça dos japoneses. Para enfrentá-lo havia o grupo dos *Makegumi* que era a favor da assimilação como um meio de sobreviverem na sociedade brasileira. Este grupo estava ciente de que o Japão havia perdido a guerra por terem acesso às informações veiculadas pela mídia brasileira e pelos decretos promulgados no Japão. (NISHI, 2014, p. 101)

O povo japonês tem conceitos de honra bastante elevados, logo, ao falar que o Japão foi derrotado e que seu representante maior era um simples mortal, funcionava como ofensa e traição. Assim, o japonês que acreditava na derrota do

Japão na guerra era considerado sem honra e com o “coração sujo”, sendo denominados de “*Makegumi*” (MORAIS, 2011). Entretanto, após algum tempo em ação, a verdade deu as caras e os assassinatos causados pelo *Shindo Renmei* cessaram.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, em vários estados em que foram lotados, os imigrantes japoneses realizaram um êxodo rural, assim a maioria deixou de trabalhar em fazendas e mudou-se para a cidade, tornando-se comerciantes, mesmo ainda, tendo certa resistência de parte da população considerada nacionalista. Algumas medidas contra os japoneses ainda foram propostas na assembleia nacional constituinte de 1946, onde foi votada a emenda 3.165 que dizia apenas: “é proibida a entrada no país de imigrantes japoneses de qualquer idade e qualquer procedência” (Brasil, 1946, Livro 16, p. 60).

Esta votação terminou em empate tendo 99 votos a favor e 99 votos contra, levando ao presidente da sessão, o Senador Fernando de Melo Viana, a dar o voto de Minerva para desempatar. Votou contra a emenda fazendo com que os japoneses não fossem sujeitos a deixar o país por apenas um voto. (Brasil, 1946, Livro 23, p. 76).

No Amazonas, o processo de entrada de imigrantes ocorreu entre os anos de 1929 e 1930, com o pleito, realizado pelo governo do Amazonas, de concessão de terras do Município de Maués, com o intuito de construir plantações de guaraná. Para tal, tinha-se como principal responsável pelo empreendimento Kosaku Oishi¹⁸, por conta de ter experiência em pesquisas agrícolas, tendo inclusive, visitado e analisado, por iniciativa e recursos próprios, variados lugares em solo brasileiro. Como consequência destes fatos, os primeiros colonos japoneses chegaram em terra amazonense em 02 de janeiro de 1930.

Em 1931, chegaram os primeiros *Koutakusei*¹⁹ no Amazonas. Se estabelecendo no município de Parintins, com o intuito de voltarem os esforços para o plantio de juta. Tinham como peculiaridade, diferente dos demais imigrantes japoneses, os *Koutakuseis* saíram do Japão sabendo que jamais retornariam,

¹⁸ Engenheiro japonês que já se encontrava na região amazônica desde 1926, quando a comitiva denominada Missão Fukuhara veio avaliar cientificamente as áreas para possíveis assentamento dos nipônicos na região, auxiliando o grupo. Constituiu a Companhia de Desenvolvimento Industrial da Amazônia. (NISHIKIDO, 2018, p. 67)

¹⁹ *Koutakusei* significa “aluno da *Koutou Takushoku Gakkou* (Escola Superior de Colonização)”. A palavra “colonização” é amplamente utilizada na tradução da palavra japonesa *takushoku*, que significa, na verdade, “fazer a terra produzir”, e não tem a acepção de vilipêndio e expropriação que geralmente acompanham a palavra portuguesa. (SÁ, 2010, p. 293)

assumindo o compromisso de permanecerem em seu lugar no Amazonas. (SÁ, 2010, p. 26).

Outra característica que se sobressai nos *Koutakusei* que vieram para o Amazonas é o fato de seus objetivos não poderem ser marcados como exclusivamente o de breve enriquecimento ou de busca pelo retorno à terra natal. Considerando que eles estavam isolados dos demais imigrantes japoneses lotados no Brasil, o compromisso estabelecido com a própria comunidade era considerado mais relevante nas motivações dos colonos japoneses. Neste contexto de dificuldades, Michele Brasil de Sá ressalta que:

Eram jovens bem treinados, de famílias de classe média-alta, dispostos a enfrentar o ambiente hostil da selva, embora talvez não suficientemente preparados para a hostilidade de seu maior predador. Estavam separados dos demais imigrantes do sul e do sudeste, com os quais não havia condições de manter contato; mesmo os imigrantes japoneses que estavam no Pará encontravam-se distantes demais dos que foram para o Amazonas. Sozinhos como estavam, resistiram, mas com dificuldade. (SÁ, 2010, p. 26)

A persistência dos *Koutakuseis* fez com que o Amazonas despontasse com um dos principais produtores mundiais de juta, alavancando a economia que se encontrava enfraquecida depois do fim do Ciclo da Borracha²⁰.

O processo migratório de japoneses para o Amazonas foi retomado em 1954, depois de uma década do fim da grande guerra. “O estabelecimento deste grupo de imigrantes foi na Colônia Bela Vista, no perímetro rural do Município de Manacapuru, localizado à 93 Km de distância da capital Manaus, o principal foco deste assentamento era a produção de hortifrutis” (SÁ, 2010, p. 30).

Em 1958, iniciou-se o processo de assentamento de novos colonos japoneses na Colônia Efigênio de Salles, localizada no perímetro rural da cidade de Manaus. O foco principal desta colônia era a produção de hortifrutigranjeiros. Já no perímetro urbano da capital amazonense, no final dos anos 60, foi instituída a Colônia da Cachoeira Grande, resultante da incorporação de imigrantes japoneses já residentes na região, eram de iniciativa privada (NISHIKIDO, 2018, p. 75).

Portanto, percebe-se que o fluxo de imigração japonesa no Amazonas aumentou novamente quando começou a década de 50, tendo diminuído na década de 70, do século XX. Contudo, depois de 1980, aconteceu uma inversão de imigração,

²⁰ Principal ciclo econômico que aconteceu na região Norte do Brasil entre as décadas de 1880 e 1910, por meio da extração de látex das seringueiras presentes na região amazônica para produção de borracha visando atender às demandas do mercado internacional.

por conta da crise financeira que o Brasil estava passando e necessidade do Japão de mão-de-obra qualificada, muitos brasileiros descendentes de japoneses fizeram o caminho inverso de seus pais e avós, indo para o Japão em busca de melhores oportunidades de trabalho, surgem assim os *dekasseguis*.

1.2 Estrangeiros e Descendentes na Literatura Brasileira Contemporânea

O Brasil é um país de dimensões continentais, tal fato acaba por evidenciar diversas nuances sociais, pluralidades de pensamentos, distintas ideologias e perspectivas de realidade. Essa condição influencia diretamente as produções literárias. A Literatura Brasileira Contemporânea traz em seu escopo variadas vozes, antes suprimidas ou até esquecidas do grande público, dentre elas, destacam-se as expressões feministas, dos homossexuais, dos pretos, dos colonizados e também dos imigrantes.

Considerando que as sociedades modernas são formadas por múltiplos apelos oriundos de povos distintos, a inserção contínua de novos elementos no contexto contemporâneo faz com que novos paradigmas sejam criados, que resultam em quebras de tabu e ultrapassem a linearidade de conceitos constituídos por décadas e séculos anteriores, até então considerados como absolutos, assim as concepções de: nação, tempo, domínio, espaço, definição histórica e identidade vêm sofrendo modificações em detrimento das novas perspectivas em que são postas.

Assim, a arte se torna um instrumento de manifestação das vozes dos indivíduos que compõem a nação brasileira. Dentre os imigrantes que tiveram maior destaque no cenário nacional pode-se citar: Carmen Miranda que foi uma das artistas com imenso destaque internacional, desde os anos 1940, por suas obras cinematográficas, muitos com roteiros escritos e canções compostas pela própria Carmen. Natural de Marco de Canaveses – Portugal filha de um barbeiro, ela imigrou para o Brasil aos 10 meses de vida.

Outra expoente artista radicada no Brasil foi a consagrada Elke Maravilha, oriunda de São Petersburgo – Rússia, enquanto a União Soviética era nomeada de Leningrado. Elke era uma ex- modelo, jurada de programas de TV, atriz, cantora, novelista e roteirista renomada, conhecida pelo seu estilo extravagante.

Um renomado artista plástico, de feroz engajamento político, Cândido Portinari, apesar de ter nascido em Brodowski, interior de São Paulo, é de

ascendência italiana. Portinari esteve presente e observou as mudanças políticas sociais e econômicas instituídas por Getúlio Vargas ocorridas no Brasil durante a primeira metade do século XX, o que influencia diretamente às criações. Cita-se, por exemplo, a obra *Retirantes*, em que Portinari retrata uma família de migrantes formada por quatro adultos e cinco crianças situados em um ambiente hostil e em completa desgraça, representado pelo tom fúnebre das cores utilizadas.

Na formação da produção literária contemporânea mundial os imigrantes têm papel relevante no que diz respeito à representatividade pois são retratadas desde ações cotidianas até questões mais complexas como a própria imigração para uma nova terra e os impactos de políticas socioeconômicas locais na vida dos novos indivíduos residentes. Como exemplo, destaca-se *Fabrizio's Passion*, lançado em 2000, por Antonio D'Alfonso, trazendo em sua concepção a representação da vida de uma família de imigrantes italianos no Canadá, entrelaçados com os conflitos diaspóricos que tal movimento proporcionou. Outra obra relevante é *Na América*, publicada em 2001, por Susan Sontag, que narra o processo migratório de poloneses para os Estados Unidos de forma ficcional, se utilizando da verossimilhança com o movimento histórico do fato.

No cenário da Literatura Brasileira Contemporânea, destaca-se a autora Clarice Lispector, que foi uma das escritoras brasileiras mais importantes e reconhecidas do século XX. Foi agraciada com variados prêmios, dentre eles o Prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal e o Prêmio Graça Aranha. Clarice era ucraniana e chegou ao Brasil quando criança, em 1922, descendente de judeus refugiados de uma guerra civil na Rússia. Mesmo tendo nascido na Ucrânia, Clarice sempre afirmou ser brasileira, escolhendo o estado de Pernambuco como o seu local de afirmação de identidade nacional.

Dentre outros povos que aqui se instalaram estão o povo japonês. Segundo o Ministério de Relações Exteriores do Japão, o Brasil abrigava, em 2010, data do último censo nacional²¹, cerca de 1,5 milhões de nikkei. O que configura a maior população de japoneses e descendentes residentes fora do Japão. Conseqüentemente, novas manifestações artísticas e culturais surgiram contribuindo para o cenário brasileiro.

É notório que durante certo tempo os membros residentes em colônias resistiram a se integrarem, assim, os poetas e autores de prosa continuavam restritos

²¹ O último Censo Nacional realizado até a conclusão desta pesquisa, foi finalizado no ano de 2010.

ao meio social que residiam e se mantinham integrados com a tradição oriental, temas, formas de expressão escrita e idiomas. Inclusive grande parte das obras apresentadas nesta pesquisa são exemplos deste cenário de restrição colonial. Ainda assim, a paisagem do lugar e certas histórias perpassam a produção literária imigrante.

Segundo Moacyr Scliar (1998), tal processo é natural e não seria uma peculiaridade restrita ao Brasil. Logo, o processo migratório e a criação de novas obras literárias ocorrem em três etapas em congruência com o estabelecimento de novas gerações de imigrantes e descendentes:

(...) A primeira geração é a que chega ao país; só raramente impõe sua marca à literatura, em primeiro lugar porque está tão ocupada com a sobrevivência que mal pode pensar em ficção e depois porque não domina o idioma. A segunda geração, beneficiada pelos frutos do árduo trabalho de seus antecessores, tem acesso aos bens culturais e à linguagem literária, às vezes com requintes que surpreendem os nativos. Paga um preço por essa situação até certo ponto cômoda, um preço que se expressa nos conflitos de identidade – que acabam se transformando em matéria-prima para a literatura. A terceira geração, assimilada, não tem esses problemas; pode sofrer do “mal-estar da cultura” de que falava Freud, mas nisto não é exceção. Esta é a geração da globalização, da linguagem planetária. (SCLIAR, 1998. p. 138)

Contudo, foi em 1970, que Eico Suzuki se destaca no cenário literário nacional, com a publicação da coletânea de contos *Desafio ao Imortal*, o qual foi o primeiro de uma série de livros. A autora manteve-se ativa em suas produções até o ano de 1997, tendo como última obra lançada a biografia de Natsume Sôseki, intitulada *Natsume Sôseki: O homem que merecia o Prêmio Nobel*.

Marilia Kubota foi outra autora descendente de japoneses que hoje é conhecida em nível nacional por conta de atuações como jornalista, escritora, pesquisadora e é tida como referência em oficinas de criação literária da Fundação Cultural de Curitiba. Kubota demonstra notório engajamento na difusão artística-cultural nikkei em solo brasileiro, visto que tomou parte da “Bienal de Artes de Curitiba”, em 2013, da organização do evento *Concurso Nacional de Haikai Nenpuku Sato*, em 2008, e da “Exposição Arte Nikkei”, no Centenário da Imigração Japonesa no mesmo ano. Seus destaques seguem por conta do recebimento dos prêmios *Nikkei de Literatura*, em 2011, e o prêmio *Revelações Jornal Nicolau*, em 1991.

Outro exemplo que se tem no cenário literário brasileiro é Oscar Nakasato. Sendo um descendente de 3ª geração, natural do estado do Paraná, além de professor universitário, também é autor de diversas obras relevantes para a Literatura

Brasileira Contemporânea, destacando os romances *Nihonjin*, que narra por um viés contemporâneo a saga dos imigrantes e descendentes. Publicado em 2012, recebe renomadas condecorações como o Prêmio Jabuti daquele ano, e *Dois* que foi lançado em 2017.

Ressalta-se que os autores mencionados, apesar de representarem uma comunidade bastante atuante e influente, acabam por contemplar apenas uma parte geograficamente restrita, haja visto que seus nichos sociais e contextos de vida estão localizados nos eixos sul e sudeste brasileiros. E quanto às demais regiões do Brasil?

Existem produções de japoneses e descendentes em outros polos do Brasil, entretanto várias destas obras ainda se encontram fora do alcance do grande público, ficando restritas ao espaço da comunidade onde foi concebida ou ainda sendo levada até o próprio esquecimento. Cabe-se, primeiramente, o entendimento macro de como se seguiam os cenários socioeconômicos japonês e brasileiro, bem como o seguimento pós imigração, observando o cenário literário considerando as obras mais relevantes produzidas.

1.3 Influências estrangeiras na Literatura Brasileira

O meio ambiente, o viés social e econômico, terrenos em que é criada, acabam influenciando diretamente no desenvolvimento da criação literária, bem como têm reflexos no processo criativo e influenciam novas produções. Assim, a literatura brasileira teve influências da literatura estrangeira, em especial da literatura europeia, mesmo no movimento romântico, onde os autores e demais artistas buscavam o enaltecimento de temas nacionais.

Na passagem dos séculos XIX para o XX, a literatura brasileira deixa de sofrer maior influência portuguesa na constituição das obras e passa a ter uma notória influência francesa, isso se deve ao processo de reverberação da independência que se instaurava no meio político daquela época. A estética europeia também pode ser observada em obras referentes ao período modernista brasileiro.

Neste processo, pode-se citar ainda, como exemplos de obras influenciadas externamente as literaturas de viagens, pois considerando que nelas, a constante busca por abordagens de temas nacionais teriam como base as obras de viajantes, estrangeiros, que se aventuravam em terras brasileiras a fim de catalogar e fazer relatos de impressões de uma terra desconhecida do grande público.

Cabe ressaltar que a literatura brasileira tem um papel relevante no auxílio do desenvolvimento de novos pensamentos críticos que fomentaram os pensadores do futuro, visto que a literatura tem se caracterizado por muitos anos como um dos principais canais de educação e veículo de conhecimento acerca dos fatos ocorridos no país em outros momentos históricos refletidos em narrações literárias.

1.4 Obras famosas produzidas por nikkei

As obras literárias nikkei desenvolvidas no Brasil trazem consigo, em sua maioria, o emprego da língua portuguesa inserida em discursos narrativos ou diálogos de personagens como forma de propiciar ao leitor a imersão em uma atmosfera regional, assim, independentemente do idioma utilizado no diálogo, acabam sendo inseridas palavras como: jacaré, cobra, camarada, plantação, cipó, tucumã, urucum etc.

Isto ocorria pelo fato de nem sempre os japoneses conviverem somente entre eles, em círculos fechados. Ao redor das colônias estavam famílias amigas de pretos e caboclos, em momentos pontuais, chegavam a compartilhar de suas bonanças e mazelas. Tal fato acabou influenciando várias obras de japoneses e descendentes e o cotidiano foi representado, mesmo que de forma indireta, além de manterem um ar de mistério no que diz respeito às motivações para as ações narradas nos escritos.

Os japoneses que escrevem romances sobre o Brasil possuem o interesse em descrever o comportamento dos japoneses e analisar os motivos de se tornarem o que são. E é justamente por não falar abertamente sobre essa questão é que se cria a ideia de um ser enigmático. Pode-se dizer que há uma ramificação intencional no modo como se aborda esse assunto entre os escritores japoneses no Brasil. Estes concentram o seu foco em descrever as experiências dos japoneses tentando revelar os segredos deste mistério. (NISHI, 2014, p. 100)

Muitas produções literárias dos japoneses e descendentes eram difundidas por meio de jornais e/ou revistas de entretenimento, culminando na criação de uma revista específica de literatura e artes. Surge assim, em 1966, a *Koronia Bungaku* (*Literatura de Colônia*), que promoviam diversos concursos literários com produções em prosa e poesia, que levaram a um aumento nas produções imigrantes no período do pós-guerra,

Vale ressaltar que grande parte dos autores japoneses e descendentes que produziram obras no Brasil são de primeira geração e, poucos são os de gerações

posteriores, entretanto, ainda pode-se enaltecer os trabalhos de Augusto Yamazato²², que produziu obras expoentes da literatura nikkei do Brasil, dentre elas as obras: *Imin ga teikô o ushinatta toki (Quando o imigrante perde a resistência)*, de 1967 – obra que retrata um pouco do cotidiano de expatriados e seus descendentes durante o processo de readaptação à nova realidade; *História Ilustrada do Japão*, de 1967, que seria um compilado e resumido dos principais acontecimentos registrados do Japão – esta obra era utilizada em escolas de colônias como um dos livros de apoio para o ensino da cultura japonesa e, *Os 7 Dekasseguis*, lançado em 2005, romance baseado na filosofia e espiritualidade do povo japonês.

Outro renomado autor japonês que teve relevante destaque no cenário nacional foi Tarô Matsui²³, com suas obras: *Kyôken (Cão raivoso)*, que foi publicado na, já citada, revista *Koronia Bungaku*, em sua 28ª Edição, em 1975, e tem como principal cenário a Serra do Mar. Nesse conto, o protagonista oriundo da costa litorânea tem convívio com indivíduos caboclos residentes das matas que buscam manter uma vida de autossustentação e, concomitantemente, tem de lidar com a sociedade japonesa em que pertence, visto o engajamento almejando uma vida prospera. Matsui possuía um notório interesse literatura de cordel, por conta de sua simplicidade e narrativa direta, chegando ao ponto de traduzir para o japonês alguns contos que aprendeu, dentre eles alguns sobre o Cangaceiro Lampião.

Como obra mais extensa tem-se *Utsuro-bune (A barca vazia)*, que fora publicado entre os anos de 1989 e 1994, na mesma revista *Koronia Bungaku*, cujo enredo gira em torno de um protagonista que viveu um casamento frustrado com uma nissei e que, após cometer constantes agressões, acaba abandonando-a deixando conseqüentemente, a colônia japonesa em que vivia. Ele se muda para um local no interior, próximo à divisa com o Mato Grosso do Sul, o lugar que conhece outra nissei que possui um bebê. Os dois se apaixonam e vivem de forma estável até que a nova esposa é acometida com malária e acaba falecendo, cabendo ao protagonista tomar conta do enteado buscando remissão pelas faltas do passado. Entretanto, algum tempo depois, a casa é assolada por uma enchente, o que o faz perder tudo o que havia conquistado, a partir daí, como o filho já está maior, ele o deixa sob os cuidados

²² Augusto Yamazato foi nissei natural do estado de São Paulo. Tinha como principal característica em suas obras, a retratação da interação do caboclo com a comunidade japonesa.

²³ Tarô Matsui foi um imigrante japonês original da cidade de Kobe, imigrou para o Brasil em 1936. Tinha uma fixação por barcos (item constante em suas histórias). Residiu nas cidades de Marília e Mogi das Cruzes ambas no estado de São Paulo.

de uma mulher que conhecia na cidade e parte para a jornada como eremita. Essa série de contos posteriormente foi compilada, traduzida por Lidia Ivasa²⁴ e relançada em 2015, como um único romance, tornando-se uma obra de leitura simplificada, por conta das diversas camadas que os personagens apresentam.

Os autores citados até o momento são bastante renomados e de conhecimento do grande público, tanto que receberam menções honrosas por sua relevância no cenário nacional e diversas premiações ao longo dos anos. Contudo, mesmo sendo de extenso predicado, eles acabam por não representar uma parcela de seu grupo social, visto que estão situados nos eixos sul e sudeste. Assim sendo, considerando que o Brasil é um país imenso e diverso, outras regiões do país também podem ter autores, pouco conhecidos, mas igualmente excelentes no ofício da escrita.

1.5 Amazonas, terra de escritores

O Amazonas é um nicho literário que possui autores de exímio talento e influentes da Literatura Brasileira Contemporânea, nomes como Luiz Bacellar²⁵, Milton Hatoum²⁶ e o ícone da poesia nacional Thiago de Mello²⁷ são alguns exemplos de escritores renomados conhecidos internacionalmente, iniciados em solo amazônico. Por tal fato, sempre buscaram enaltecer a floresta e suas belezas naturais nas obras produzidas.

Um dos expoentes literários amazonenses foi Luiz Bacellar. Poeta nascido em Manaus, porém conhecido nacionalmente, teve uma infância complicada por conta da crise econômica instaurada após o fim do *Ciclo da Borracha*. Seu repertório poético transita por elementos eruditos e em paralelo, acaba por retratar temas populares, exaltações folclóricas entrelaçados elementos contemporâneos e com fatos vividos em sua vizinhança do bairro dos Tocos, hoje chamado de bairro de Aparecida.

²⁴ Lidia Ivasa Bacharel em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestre em Literatura Japonesa pela Universidade de São Paulo (USP).

²⁵ Luiz Bacellar foi um dos principais escritores amazonenses. Popularizou o haicai na literatura amazonense, também foi um dos fundadores do Clube da Madrugada em 1954. Por conta de suas ações influentes no campo literário se tornou membro da Academia Amazonense de Letras.

²⁶ Milton Hatoum é considerado um dos maiores escritores vivos, tem obras traduzidas em mais de 8 idiomas. Foi ainda professor da Universidade Federal do Amazonas e da Universidade da Califórnia nos Estados Unidos.

²⁷ Thiago de Mello ícone literário nacional, teve um importante engajamento político principalmente demonstrado durante o período ditatorial vivido no Brasil.

Após alguns anos em formação em São Paulo e especialização no Rio de Janeiro, retorna à Manaus e se torna professor de Literatura e Língua Portuguesa do Colégio Estadual Dom Pedro II e destacam-se no processo de renovação literária regional, auxiliando no desenvolvimento do *Clube da Madrugada*²⁸, em 1954. O percurso literário de Bacellar teve início com o livro *Frauta de Barro*, de 1963, chegando a receber o Prêmio Olavo Bilac naquele ano. Outra obra de imenso predicado é *Sol de Feira*, publicada em 1973, que foi agraciada com o Prêmio de Literatura do Estado do Amazonas no mesmo ano.

Thiago de Mello era natural do município de Barreirinha, interior do estado do Amazonas, foi considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira, além de ser aclamado em diversos países. Quando criança, em busca de melhores oportunidades, muda-se com a família para Manaus. Aos vinte anos ingressa na Faculdade Nacional de Medicina do estado do Rio de Janeiro, contudo desiste do curso para seguir a carreira literária. Dentre as obras de maior notoriedade do autor destacam-se *Silêncio e Palavra*, publicado em 1951; *Mormaço na Floresta*, de 1981; e *Manaus, Amor e Memória*, de 1984.

Thiago de Mello ganhou destaque mais expressivo, após a publicação, em 1977, de *O Estatuto do Homem*, por conta de ser um evidente manifesto literário contra o regime ditatorial o qual comandava o Brasil na época. Como consequência, o poeta foi perseguido pelo governo militar, o que resultou no exílio em Santiago, no Chile. Durante o período exilado, desenvolveu uma amizade com o poeta Pablo Neruda²⁹, com quem pode trocar experiências, o que tornou o texto acessível ao grande público, sem perder a essência e a qualidade poética. Também cumpriu exílio na Europa, residindo na Alemanha, França e Portugal antes de retornar ao Amazonas. Foi membro influente do Clube da Madrugada, onde, por meio de seus versos, impulsionou a produção literária amazônica.

Sendo um descendente de libaneses, Milton Hatoum é um exemplo de imigrante que teve notório sucesso com a escrita que apresenta Manaus em ruínas, em desmoronamento. Dentre as principais obras, destacam-se *Relato de um Certo*

²⁸ Clube da Madrugada foi o principal grupo literário amazonense formado por poetas, escritores, intelectuais no início dos anos 50, com o intuito de romper com uma certa mistificação do homem da região, pois o conteúdo deste manifesto tinha um caráter contestador.

²⁹ Pablo Neruda inicialmente era o pseudônimo de Ricardo Eliécer Neftalí Reyes Basoalto, foi um poeta, diplomata e político chileno que chegou a outorga da literatura máxima, o Prêmio Nobel da Literatura em 1971.

Oriente, de 1989; *Dois Irmãos*, de 2000; *Cinzas do Norte*, de 2005; *Órfãos do Eldorado*, lançado em 2008. Essas obras chegaram a ser traduzidas em oito idiomas e foram líderes de venda em países como a Itália, os Estados Unidos, França e a Espanha.

A literatura amazonense é consolidada por meio de autores consagrados que contribuem para a divulgação da Amazônia e para o repertório literário nacional. Portanto, é evidente que o Amazonas é terra criativa e de grandes nomes da Literatura Brasileira Contemporânea.

1.5.1 A esperança dos primeiros nikkei no Amazonas traduzidas em palavras

Constata-se que o Amazonas é o lar de escritores influentes dentro do cenário literário nacional e internacional. Contudo, existem tanto outros que não são conhecidos do grande público ou que não tiveram seu reconhecimento devido dentro da academia. Dentre eles, estão presentes alguns escritores japoneses que imigraram para o Amazonas em busca do sonho de uma melhor qualidade de vida para si e seus descendentes, mas que aprenderam a desfrutar do que o Amazonas tem de melhor e não somente isto, conseguiram externar na escritura o sentimento de um imigrante.

A tradição da literatura japonesa acompanha os imigrantes nipônicos que rumaram em busca de uma nova vida. A saudade do Japão e o mergulho em novas tradições começaram a desenhar a escritura híbrida, termo cunhado por Homi Bhabha (2007), ao entrelaçar com a nova terra. Uma intertextualidade nascia na palavra desenhada em japonês ou em português, sem hierarquias, mas com a precisão do manuseio do pensamento migrante. De acordo com Goga,

Os japoneses possuem uma forma elementar de arte, mais simples ainda que a nossa trova popular: é o haikai, palavra que nós ocidentais não sabemos traduzir senão com ênfase, é a epigrama lírico. São tercetos breves, versos de cinco, sete e cinco pés, ao todo dezessete sílabas. Nesses moldes vazam, entretanto, emoções, imagens, comparações, sugestões, suspiros, desejos, sonhos... de encanto intraduzível. (GOGA, 1988, p. 22)

Nessa perspectiva, seja na prosa ou na poesia, um novo olhar era delineado pelo povo japonês e/ou seus descendentes no Brasil. Era uma forma de contar o mundo que ainda era quase intraduzível. O olhar em uma nova língua desenhada na língua materna. Nascia uma nova linha literária no Brasil com a chegada dos

imigrantes de forma geral, entre eles os imigrantes japoneses, destacados na investigação.

Como forma de exemplificação temos os escritos produzidos dentro das colônias constituídas no Amazonas, que expressavam sentimentos de contemplação da natureza, evidenciando algumas peculiaridades encontradas na vida no meio da Floresta Amazônica, como destacado na obra, escrita em japonês, intitulada *Amazônia*, de Toshiko Yamaguchi:

Da cesta, mergulho o peixe salgado na água da nascente, (YAMAGUCHI, 1992, p. 92, Tradução nossa).³⁰

Outro proeminente autor é Toshio Shirayanagi, imigrante japonês radicado inicialmente no Município de Maués. Produziu a obra intitulada *Amazon no hiroi hanashi (Narrativas Amazônicas)*, como forma de registro das memórias entrelaçadas com ditos populares, o que torna a narrativa atrativa e literária. Entretanto, diversos elementos regionais podem ser percebidos nos escritos em prosa como observar-se a seguir:

Diz-se que o boto é um tipo de golfinho e existem dois tipos, o vermelho e o preto. Os botos vermelhos podem crescer até três metros de comprimento, e os machos são considerados travessos pelas fêmeas. Os botos negros são pequenos e crescem apenas cerca de um metro. Se diz ainda que os botos protegem os canoeiros.³¹ (SHIRAYANAGI, 1992, p. 2, tradução nossa.).

Nota-se na citação mencionada, que a obra de Toshiko Yamaguchi e Toshio Shirayanagi (doravante analisados em maiores detalhes) são inteiramente marcadas pela justaposição de termos regionais transcritos de forma direta em idioma japonês, o que configura uma estética singular junto aos demais autores, sejam amazonenses ou radicados no Amazonas.

1.5.2 Motivações para escrita

A Amazônia historicamente possui narrativas que valorizam seus aspectos geográficos e culturais. Assim narrativas de viajantes, pesquisadores, exploradores e

³⁰ 春水に塩抜く魚を漬ける籠 (YAMAGUCHI, 1992, p. 92)

³¹ ボットはイルカの一種と言われ、赤と黒の二種類あります。赤ボットは体長三メートルにもなり、オスは女性にいたずらと言われます。黒ボットは小さく一メートルほどにしか成長しません。人間にいたずらすることもなく、旅するカノアを守ると言われます。(SHIRAYANAGI, 1992, p. 2).

imigrantes acabam sendo influenciadas pelo desejo de exaltação do belo. Paralelamente a isso, desde a colonização da região, os imigrantes buscaram conhecer, descrever, e/ou mesmo, apropriar-se das riquezas naturais físicas e intelectuais.

A pesquisadora Linda Midori Tsuji Nishikido, na dissertação de mestrado intitulada *Hábitos alimentares esmerilados pelos imigrantes japoneses do pós-guerra no Amazonas (1953-1967): a reconstrução do passado através da memória*, analisa o cotidiano dos imigrantes japoneses, por meio de hábitos alimentares adaptados, em consonância com a adaptação constante com o novo “*habitat*” e o desejo persistente em manter os costumes e valores.

(...) o passado ressoa como uma lembrança saudosista de um tempo em que viveram com intensidade, nos limites dos desafios e desbravamento, marcadas pelos momentos históricos como o fenômeno da Segunda Guerra Mundial, o repatriamento, a imigração e o recomeço da vida no novo espaço. Esse passado, relatado por meio de hábitos alimentares, fez emergir fatos da vida cotidiana carregados de valores, encontradas especialmente na memória das pessoas que vivenciaram o fenômeno da imigração. (NISHIKIDO, 2018, p. 170)

Logo, além da contemplação pelo belo amazônida, havia também a necessidade de expressar as aflições e dificuldades, a fim de atenuar quaisquer tipos de agonia latente. Muitos escritos vieram a servir como forma de guia para novas levas de imigrantes e descendentes, assim poderia ter menos riscos de frustrações em solo amazônida.

Outra pesquisadora relevante no quesito imigração japonesa no Amazonas e as contribuições para a região é Michele Eduarda Brasil de Sá, quando residente em Manaus, seguiu linhas de pesquisas ligadas à imigração, imigração japonesa sobretudo os imigrantes chamados *Koutakusei*, que se estabeleceram no Estado do Amazonas.

A produção poética estaria presente em diversos momentos e fases de consolidação dos imigrantes. A composição do hino da Escola Koutaku do Amazonas pelo então Deputado Tsukasa Uetsuka³², por exemplo, exalta as belezas naturais do Amazonas.

Hino da Escola dos Koutakuseis

1° estrofe: Esperança

³² Tsukasa Uetsuka foi o fundador da Kokushikan Koutou Takushoku Gakkou, principal responsável pela imigração japonesa no Amazonas desde que o visitou. (SÁ, 2011, p. 32)

O verde colore o firmamento
 Resplandece o brilho dourado da nuvem,
 Correnteza caudal do Rio Amazonas
 Ecoam na névoa do amanhecer,
 Abre-se caminho no capim da beira,
 Há esperança nos corações juvenis.

2° estrofe: Escola

Imenso e perseverante
 Água flutua cerca de 4 mil ri,
 É a espinha dorsal do norte do Brasil,
 Junção de sete grandes rios
 Local importante na entrada do grande rio
 Onde se encontra a nossa escola.

3° estrofe: Colônia

Extensa cerca de 800 milhões de are
 A floresta verde cobre o céu
 A corrente limpa purifica a terra,
 Na sombra das estrelas do Cruzeiro do Sul,
 Vento tem a fragrância do desabrochar da flor do cacau,
 É a nova colônia japonesa.

4° estrofe: Nativos

Na colônia do Rio Andirá,
 A lua nova paira inclinada,
 Independente das épocas que passam,
 Sob reflexo da folha da palmeira,
 As areias prateadas se arrumam
 Será que alumia a dança do povo do tambor?

5.° estrofe: Criação

Bando de garça brinca
 Alegrementemente à beira d'água do José Açu (Zé Açu)
 Entre as árvores da terra firme,
 Ouve-se nitidamente a máquina de plantar,
 Som musical cheio de júbilo,
 Criação de tudo que existe na natureza.

6° estrofe: A força

Queremos abrir a porta da riqueza
 Que guarda o celeiro de Deus,
 Apesar da responsabilidade da importante missão,
 Os jovens de Yamato mostram a força
 Da esperança do mundo na ponta da foice,
 É a luz de uma nova civilização.

7° estrofe: A construção (História)

Com um ardente nobre ideal,
Desde a manhã à noite os jovens
Empunham machados que ecoam na floresta virgem
E queremos construir a nossa história
Gravando na inestimável construção de um país. (SÁ, 2011, p. 32)

Observa-se na composição poética do hino um viés quase que romântico no que tange à natureza amazônica, consonante a isso o constante incentivo ao trabalho, buscando desenvolver um senso de entrega por parte dos Koutakusei.

Tais elementos de exaltação ao belo amazônico, enfrentamento da nova realidade, aceitação de si próprio enquanto indivíduo que contribuirá para o desenvolvimento do seu grupo de imigrantes, bem como para o crescimento da região, estão presentes nas obras analisadas na dissertação. Cabe ressaltar, que mesmo possuindo todos os elementos já mencionados, um sentimento de pertencimento mostra-se evidente nos escritos, tal comoção se refere ao entendimento de cada indivíduo como membro representante em um ambiente maior em diversidade de fauna e flora do que o Japão.

1.5.3 Relevância das obras para Literatura Brasileira Contemporânea

As obras desenvolvidas trazem narrativas ficcionais que proporcionam reflexões relacionadas à sociedade contemporânea. Assim, cabe ao leitor tentar compreender a existência de indivíduos constituídos de várias nuances sociais que impactam diretamente no auto entendimento da identidade, cabendo ainda a reflexão quanto o sentimento de perda, de deslocamento, senso de pertencimento e auto reconhecimento expresso no discurso desses autores imigrantes. A análise de obras produzidas por imigrantes é importante para os estudos literários e culturais como um todo, pelo fato de trazer novas perspectivas quanto ações vividas, novos conceitos a serem agregados à sociedade contemporânea, bem como o entendimento macro sobre o que tange a definição de identidade.

Ao pontuar a literatura amazonense produzida por imigrantes japoneses, percebe-se que os estudos acerca do tema vêm caminhando lentamente devido à falta de material propício, e até, de certo desconhecimento por parte da academia quanto à existência de obras produzidas por japoneses e descendentes. Logo, é papel do pesquisador realizar a busca constante de novos materiais. Portanto, é necessário ultrapassar as barreiras da língua e do anonimato e trazer à baila a literatura de

japoneses e descendentes produzida no Amazonas. Tal fato, inserirá diversas obras e autores na historiografia literária da região a fim de propor contínuas análises para engrandecer o pavilhão literário amazonense.

1.6. Considerações finais do Capítulo I

O processo migratório nikkei para o Brasil trouxe uma série de aglutinações culturais que fomentaram a formação de indivíduos híbridos, ou seja, entrelaçados com a cultura japonesa e brasileira. Diante disso, a tessitura desenvolvida pelos sujeitos em solo amazônico conceitua a representação do efetivo entre-lugar, de acordo com Silviano Santiago.

Nessa esteira, conforme postula Hall (2019, p.11), “o fato de projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos”. Assim, o Capítulo I, como resumo geral, é a tematização da imigração japonesa até a consolidação do processo de produção literária no Amazonas. Observam-se sentimentos resultantes de uma nova identidade cultural formada, tendo, inclusive, alguns toques de brasilidade ou elementos folclóricos regionais brasileiros. Portanto, os nikkei residentes fora do Japão não são apenas japoneses e sim também membros do meio em que residem.

CAPÍTULO II

Legado literário nikkei

A literatura japonesa inicia-se seu caminho desde as confluências com as narrativas chinesas. Nos primórdios, as primeiras obras são influenciadas a partir do intercâmbio cultural e literário com a China. Essa influência permaneceu de alguma maneira, ainda que com menos intensidade, até a reabertura dos portos japoneses no fim do período Edo, no século XIX, intensificando o contato com outras nações do ocidente, inserindo outros estilos literários nas obras japonesas.

A característica tradicional da literatura e da cultura somada à abertura do Japão possibilitou a construção de uma escritura com confluência literária entre ocidente e oriente, resultando em um estilo mais apurado no processo formador literário. Isso não quer dizer que há hierarquia literária, mas que, há sabedoria japonesa em observar o outro e adaptar-se à influência recebida. A tradução ocidental permitiu um novo olhar da escritura proveniente do Japão, dando a Yasunari Kawabata, por exemplo, em 1968, e Oê Kenzaburô, em 1994, o Prêmio Nobel de Literatura.

Nesse pensamento, o clássico japonês também galanteia entre as grandes escrituras, ainda que, características chinesas da literatura clássica, a partir da simplificação da escrita, perpassa por uma literatura genuinamente japonesa. Como ilustração, desse momento clássico, a obra *Genji Monogatari*³³, de Murasaki Shikibu, no período Heian (973-1031), sendo o primeiro romance épico produzido por uma mulher no mundo. A história de *Genji*, por exemplo, aprofunda questões psicológicas de um personagem palaciano e apresenta para o mundo as ações de um Japão feudal.

No quesito poesia, Matsuo Bashô, o poeta eremita, por meio da incursão pelo Japão, traz na poesia elementos singulares com ressonâncias de uma época de consolidação da estrutura social japonesa e, imprimiu no haikai a padronização clássica da estrutura que chegou aos dias atuais.

No período moderno até a contemporaneidade, época elástica (acesso ao estilo literário ocidental e, na sequência, a busca por um certo nacionalismo), Natsume

³³ Obra que mostra com verosimilhança o cotidiano da aristocracia japonesa da época, enquanto, narra a saga do filho de um imperador conhecido como Hikaru Genji, bem como seus inúmeros casos com as mulheres da antiga Kyoto. Na obra *Genji* está ainda, imerso em um sentimento de desejo pela jovem esposa de seu pai.

Sôseki, Ryûnosuke Akutagawa, Abe Kobo, Junichiro Tanizaki, Yukio Mishima, Hiromi Kawakami, Banana Yashimoto, Natsuo Kirino, Haruki Murakami e Sayaka Murata são autores que integram e ressoam no mundo literário mundial.

Assim, muito do que foi produzido de literatura no Japão até o momento, são influenciados pelos autores renomados mencionados, muitos, na contemporaneidade, partem rumo a um processo de escrita híbrido, escrevendo em duas línguas ao mesmo tempo, com exemplo, Yôko Tawada³⁴.

Ressalta-se que os escritores mencionados são expoentes importantes da literatura japonesa e são referências em diversos momentos por seus compatriotas, mesmo os radicados em outras regiões do mundo.

Nessa perspectiva, elementos regionais são incorporados ao tecer as obras dos imigrantes que percorreram diversos países. A contemplação do belo e a exaltação do local de onde pertencem são elementos indispensáveis para a produção literária do escritor. Outro elemento entrelaçado nos escritos é a inserção das lendas amazônicas, pelo fato de que, em certas narrativas, há a presença de alguma característica heróica e itens fantásticos. A palavra “lenda”, em suma, provém do latim *legenda*, que significa “o que deve ser lido”. Nessas narrativas há sempre um ambiente heróico, quase sempre o sobrenatural é indispensável (Casudo, 2006).

Nesse contexto, percebe-se que as lendas transmitem a cultura amazônica e contribuem para a formação do indivíduo do norte brasileiro. Entre os ribeirinhos e os indígenas, todos os elementos que os circundavam eram explicados por meio do uso do fantástico provenientes da interação com a floresta. Logo, as cheias e vazantes dos rios, as fases da lua, as formações das plantas, a morte, os sonhos etc., exalam significados diversos, justificando a existência dos fatos e narrativas míticas.

João de Jesus Paes Loureiro considera que, as narrativas provenientes da fusão do mítico e a realidade como algo natural desenvolvido em comunidades ribeirinhas, ou seja, a percepção do mundo pelo o espectro do estranhamento é o que fomenta o desejo de entender e desbravar os mistérios da vida, conforme a seguir:

Na vida amazônica a mitologia reaparece como linguagem própria da fábula que flui como produto de uma faculdade natural, levada pelos sentidos, pela imaginação e pela descoberta das coisas. Nesse procedimento de uma verdadeira metafísica poética, o impossível

³⁴ Escritora japonesa radicada na Alemanha desde a década de 80, tem produções literárias em diferentes estilos como: inúmeros ensaios, contos, romances, peças de teatro e também poesias. Suas obras são produzidas concomitantemente em japonês e alemão e, também foram traduzidas em diferentes línguas, as quais se destacam: inglês, francês, chinês, espanhol e português.

torna-se possível, o incrível apresenta-se como crível, o sobrenatural resulta em natural. (LOUREIRO, 2000, p. 103)

O povo amazônida narra os contos fantásticos, sem ser de forma cômica. A lenda, por exemplo, tem um viés de veneração e respeito. Outro exemplo, é a lenda indígena, que é evocada no seio das tribos, porém, é mais citada em manuais e livros do que presente no espírito do povo da cidade (Casculo, 2006). Nesse sentido, em parte dos textos analisados, a descrição do novo lugar auxilia a compor o cenário para as personagens inseridas nas escrituras. Tal ação, permite ao leitor um entendimento maior do contexto amazônico, bem como detalhes que o compõe.

Com relação à coleta das obras, devido ao acesso, por vezes, limitado devido a questões relacionadas à COVID – 19, a pesquisa, resultou em uma coleta de 10 obras produzidas por nikkei, dispostas em três categorias: prosa, poesia e ensaios literários, sendo analisadas, como já mencionado, apenas três.

Nas produções literárias coligidas, nota-se um repertório variado que abarca temas relacionados à Amazônia. Há predominância do gênero poético devido à quantidade de obras publicadas neste estilo. Acredita-se que tal fato, deve-se ao cenário natural diferenciado presente na Amazônia. Nesse sentido, o Capítulo II realizou uma compilação das obras mencionadas, construindo a descrição de cada obra, autor e algumas ponderações em relação ao seu conteúdo, auxiliando na compreensão das motivações da criação da obra literária produzida em solo amazônida.

2.1 Estilos Literários no Amazonas

O Amazonas é um estado peculiar no que diz respeito à produção literária, pelo fato de apresentar inúmeras fases que não são alinhadas às épocas dos movimentos ou estilos literários surgidos nas demais regiões do Brasil. Assim, como primeiros registros literários no Amazonas, têm-se a literatura documental produzida por Frei Gaspar de Carvajal, escrivão da expedição do capitão Francisco Orellana, a fim de registrar os fatos ocorridos na empreitada. Em um segundo momento, a poesia produzida por Tenreiro Aranha ³⁵, (presidente da província na época) durante o

³⁵ Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha (1769-1811), foi um político importante e poeta do estado do Amazonas, considerado por muitos como o primeiro escritor genuinamente amazonense. Tem como principais obras: *Ode Pindarica*, *A felicidade no Brasil*, *drama em hum só acto*, *Melizo*, *Idyllio* etc.

período áureo da borracha, é de grande importância por servir como marco de início desse seguimento no Amazonas. Após as publicações de Tenreiro Aranha, surgiram poetas com exímio domínio da palavra escrita, como exemplo, Torquato Tapajós³⁶ e Paulino de Brito³⁷, entre outros.

Com o fim do período áureo do Ciclo da Borracha no Amazonas, o estado entra em um período de recessão econômica, o que acabou por inspirar novas produções de contos, ensaios, poemas e romances com temática alusiva ao período de caos econômico vivenciado na época. Nos anos 50, surge em Manaus o Clube da Madrugada, com uma linha mais modernista, ligada ao regionalismo. Como membros celebres destacam: Jorge Tufic e Luiz Bacelar. O grupo mencionado está na segunda geração e, atualmente busca também o resgate de escritos passados, para preservação do legado literário amazonense. Percebe-se ainda que a produção literária amazonense aumentou, utilizando de diferentes abordagens e estilos literários e os mais variados conteúdos inseridos em obras relevantes para o cânone da literatura brasileira.

Nesse contexto, alguns nikkei, que visitaram ou residentes do estado do Amazonas, também se destacaram com produções importantes que retratam as dificuldades encontradas na imigração, o cotidiano em uma terra estrangeira, as alegrias descobertas etc. Diante disso, a seguir estão descritas obras produzidas por nikkei em solo amazonense.

No gênero poético, os textos literários são todos de autoria feminina: Hisako Toguchi, Toshiko Yamaguchi e Sachiko Kawada. Em relação aos escritores em prosa, são: Toshio Shirayanagi, Noêmia Kazue Ishikawa e Suma Jinnai. Já os ensaios literários são construídos por: Gôta Tsutsumi, Sachiko e Toshiyuki Kawada. Também foram considerados os autores presentes nas coletâneas de Haikai encontrados em *Manausu Kukai shu*, Nippaku – Manaus. Vale ressaltar que todos os autores são expatriados japoneses ou descendentes radicados no Amazonas e que, além da contribuição literária, sendo socialmente influentes em suas respectivas comunidades.

Em prosa: *Amazon no hiroi hanashi (Narrativas Amazônicas)*, de Toshio Shirayanagi, publicado de forma artesanal em 1992; *Embaúba: Uma árvore e muitas*

³⁶ Torquato Xavier Monteiro Tapajós (1853-1897) foi um engenheiro, geógrafo, bacharel em ciências matemáticas, pertenceu a diversas associações culturais do Brasil e do exterior. Tinha a escrita de contos e poesias como passatempos em meio à tantas escritas técnicas.

³⁷ Paulino de Almeida Brito (1858-1919) foi um escritor, poeta, contista, cronista, romancista, jornalista e professor amazonense.

vidas, de Noêmia Kazue Ishikawa, publicado em janeiro de 2016; as obras de Suma Jinnai, *Kodomo no tomo – Garashi to Kurupira (Contos Infantis – Garashi e o Curupira)* publicada em 1992 e relançada em 2004 e *Orochi no sumu mori – watashi no Amazon (A floresta onde mora a Cobra Grande – Minha Amazônia)*, publicado em novembro de 2018.

Em Ensaio Literários: *Amazon no hohon neppu-roku (Máximo (Recorde) de ar quente na Amazônia)*, de Gôta Tsutsumi, publicado em janeiro de 2004, *Furusato wa tooku ni arite – amazon imin no esseishu (A terra natal está tão distante – Coleção de ensaios de imigrantes amazônicos)* e *Katamichi kippu – Mitsurin wo hiraki chuubu amazon no jidai wo hiraita otoko no kiroku (Passagem só de ida aos confins da Amazônia – Um registro de um homem que foi o pioneiro no meio de uma selva e iniciou uma era na Amazônia)*, de Toshiyuki Kawada ambas publicadas, de forma artesanal, em fevereiro de 2005.

Para maior compreensão das obras coligidas como parte da literatura amazonense, segue uma breve análise de cada escritura, onde foi explanado um pouco sobre o autor ou autora e as motivações para a produção da obra e, foram inseridos fragmentos que pudessem auxiliar no posicionamento da narrativa como sendo ou não amazonense. Ressalta-se que as obras de Sachiko Kawada (*Flores e Borboletas*), Toshio Shirayanagi (*Narrativas Amazônicas*) e Toshiyuki Kawada (*A terra natal está tão distante – Coleção de ensaios de imigrantes amazônicos*), foram abordadas de maneira mais aprofundada no Capítulo III.

2.2. Amazônia no olhar nikkei: Poesia, Prosa e Ensaio Literários

2.2.1. A vida na Amazônia – Vol I (2005)

2.2.1.1. Hisako Toguchi (1934 - presente)

Nascida em 1934, em Yanagimaru-cho, na cidade de Miyazaki, província de Miyazaki do Japão, Hisako Toguchi realizou o processo imigratório para o Brasil em 1954, com apenas 20 anos de idade. Se instalou primeiramente na Colônia de Monte

Alegre³⁸, onde trabalhou na cooperativa da colônia até o ano de 1956. Em 7 de janeiro de 1957 se casa com o *Kotakusei* Tsuneharu Toguchi, em São Joaquim, comunidade pertencente ao município de Juriti/PA. Lá, administraram uma pequena fazenda e têm quatro filhos.

Por conta de melhores oportunidades de educação para os filhos, mudam-se em 20 de julho de 1972, para o município de Parintins. Em 29 de janeiro de 1986, o marido de Hisako falece por problemas cardíacos. No mesmo ano, mesmo mantendo residência em Parintins, vincula-se ao Manaus Kukai (Grupo de Produção de Haikai em Manaus), pertencente à Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental, onde permaneceu ativa até 2017. A autora encaminhava escritos mensalmente por meio de cartas, participando das convenções do grupo, durante esse período, chegou a ser angariada como melhor poema.

Cabe ressaltar, que Hisako, passou a escrever poemas a partir do momento da imigração para a Amazônia, devido ao fato de ter se encantado com as belezas naturais encontradas na região.

2.2.1.2. *A vida na Amazônia – Vol I*

A obra é composta por poemas, dispostos em 160 páginas, onde prevalecem os elementos de exaltação das belezas naturais da Amazônia. A percepção da imigrante Hisako em relação aos elementos que compõem o cenário amazônico é disposta em palavras que permitem ao leitor uma compreensão macro desse ambiente, conforme pode-se notar no poema abaixo:

No outro lado
Do grande rio
As **nuvens** da primavera se aproximam (TOGUCHI, 2005, p. 23, tradução nossa).³⁹

O poema mencionado traz as “nuvens” como indicação do início da primavera amazônica, o período considerado como o da estação das chuvas (entre outubro e dezembro). Nesse sentido, a palavra em destaque, pode ser classificada como o *kigô*

³⁸ Na década de cinquenta, Monte Alegre no Estado do Pará foi o cenário da experiência de colonização japonesa. De 1953 a 1955, cerca de 810 imigrantes, de 126 famílias fundaram o núcleo de colonização no município. (ISHIZU, 2011, p. 1)

³⁹ アマゾンの/ 大河の対岸/ 春の雲 (TOGUCHI, 2005, p. 23).

do poema. Outros poemas descrevem um pouco da rotina vivida durante o processo de imigração nikkei para o norte brasileiro, conforme o exemplo a seguir:

O som dos mosquitos
Tarde da noite
No assentamento imigrante (TOGUCHI, 2005, p. 10, tradução
nossa).⁴⁰

Os versos contidos no poema trazem consigo um pouco das experiências de Hisako, entretanto não é possível identificar um *kigô*, visto que os vocábulos empregados não expressam nenhum período específico do ano, pelo fato da existência de mosquitos em todos os meses na Amazônia.

Outros poemas trazem consigo o enaltecimento da beleza natural em meio a uma rotina de trabalho pesado no preparo da terra, conforme constituído no poemeto a seguir:

A flor de arroz
Das profundezas da Amazônia
Na terra recuperada (TOGUCHI, 2005, p. 15, tradução nossa).⁴¹

A partir da compreensão por meio de fragmentos presentes na obra, percebe-se que Hisako trabalhou em lavouras durante o período em que esteve no interior da Amazônia, conseqüentemente, em detrimento da realidade que vivera, vislumbra a beleza dos elementos que a cercava. Tal sentimento pode ser considerado um exemplo de autoafirmação do indivíduo no meio ambiente e social, em que está inserido, provocando assim, um senso de conformismo e aceitação das condições submetidas. No último poemeto, contido em *A vida na Amazônia – Vol I*, culmina em uma espécie de lamento mesclado com o contentamento por ter alcançado a velhice, vivendo em plenitude no coração da Amazônia:

Seguindo vivendo
Na Amazônia
Abraço minha velhice (TOGUCHI, 2005, p. 133, tradução nossa).⁴²

Ao final da leitura da obra, verifica-se que a autora trouxe à baila da escritura, elementos fantásticos como seres lendários, por exemplo o Curupira, o Pirarucu e o Boto. Em grande parte dos poemas, manteve-se fiel ao uso do termo sazonal como forma de indicar o período de inspiração para o desenvolvimento dos versos. E, por

⁴⁰ 虫の音に/ 移民収容所の/ 夜は更けて (TOGUCHI, 2005, p. 10).

⁴¹ 稲の花/ アマゾン奥地の/ 開拓地 (TOGUCHI, 2005, p. 15).

⁴² アマゾンに/ 生きてはや古稀/ 年惜む (TOGUCHI, 2005, p. 133).

fim, é notória a intenção da autora em expor o sentimento de afeto desenvolvido pelos lugares onde residiu e os elementos que os formaram.

Diante disso, a obra não pode ser classificada como puramente amazonense, visto que os itens presentes nos versos podem ser posicionados em qualquer território com as características amazônicas, fazendo assim, a obra de Hisako, ultrapassar quaisquer limites pré-estabelecidos, podendo ser considerada nacional ou universal. Tal característica, aumentaria consideravelmente a relevância dessa obra para o cânone da literatura brasileira, visto que Antonio Candido, considera que:

A grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende da sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar. (CANDIDO, 2000, p. 53).

Nessa perspectiva, ressalta-se o empenho, mesmo que involuntário, da autora em abarcar na escritura, temáticas amplas em uma linguagem de fácil compreensão, a fim de, transmitir os sentimentos vividos perante a uma realidade rígida e desconhecida, tornando patrimônio comum de todos.

2.2.2. *Amazônia*, de Toshiko Yamaguchi (1992)

2.2.2.1. Toshiko Yamaguchi (1914 – 2005)

Toshiko Yamaguchi nasceu em 1914, na cidade de Ono, na Província de Fukui do Japão. Teve um comportamento de certa forma nômade por ter realizado várias mudanças enquanto residia no Amazonas. Em 1934, com apenas 20 anos de idade, junto do esposo Ron Yamaguchi, imigrou para o estado do Amazonas e, primeiramente, passou a residir na Colônia Modelo de Andirá⁴³, contudo ali não permanece por muito tempo e muda-se para a Vila Amazônia, que fazia parte da administração do município de Parintins/AM.

Por conta de manifestações contrárias à comunidade nikkei, decorrentes da Segunda Guerra Mundial e em busca de melhores condições de trabalho com o manejo de juta e comércio, em 1942, muda-se para a região do Médio Amazonas.

⁴³ Colônia Japonesa localizada no entorno de Barreirinha/AM, cujo objetivo de cultura era produção de juta.

Com o fim do conflito, em 1945, decide mudar-se para Caburi⁴⁴. Após a morte do esposo em 1949, devido às complicações derivadas da malária, decide sair da comunidade e instalar residência em Urucurituba/AM, onde passa a trabalhar novamente com juta e o comércio local de carne seca suína.

Em 1983, após uma série de mudanças, realiza derradeira troca de residência, fixando-se em Manaus, por fim, em 1986, ingressa no Manaus Kukai (Grupo de Produção de Haicai em Manaus), pertencente à Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental. Contudo, a prática da escrita dos poemas é decorrente dos vários anos em que esteve migrando entre as comunidades rurais do interior do estado do Amazonas.

2.2.2.2. Amazônia

A obra *Amazônia* é um compilado de Haicais escritos por Toshiko Yamaguchi ao longo da vida. O livro conta com 197 páginas dentre as quais 168 são dedicadas a exposição dos poemas, e as demais servem com um glossário que dispõe os termos utilizados nas construções dos poematos. A temática presente em cada poema é variada, tendo como elementos inspiradores o cotidiano, a exaltação das belezas naturais observadas pela autora.

O *kigô* amazônico pode ser observado em palavras que indicam o período do ano em que o poema foi escrito, bem como, itens que tem maior incidência em certos períodos do ano, como pode ser exemplificado no trecho a seguir:

Maromba rústica
Levantada
Inundação do fim de ano (YAMAGUCHI, 1992, p. 61, tradução nossa.).⁴⁵

O vocábulo “maromba” se remete ao período de dezembro a maio, em que a água sobe, realizando a “cheia” dos rios, logo, o poema é marcado por um termo sazonal indicando o período e o elemento que inspirou a criação. Conforme afirma Kato (2012, p. 103), “o termo sazonal é um instrumento poderoso para a economia da expressão das formas poéticas curtas”. Nesse contexto, outro exemplo, é a utilização de alimentos típicos, como forma de indicar a estação do ano presente no poema:

⁴⁴ Comunidade Rural, pertencente à administração do município de Parintins/AM, localizada à 60 quilômetros por meio fluvial do mesmo.

⁴⁵ マロンバの/ 俄か造りや/ 秋出水 (YAMAGUCHI, 1992, p. 61).

Peixe Mapará
Frito e temperado
É comida de verão (YAMAGUCHI, 1992, p. 69, tradução nossa).⁴⁶

A autora deixa uma afirmação no corpo do próprio haikai indicando que o referido peixe é encontrado apenas no verão. Nem sempre o *kigô* é mostrado de maneira tão explícita, geralmente a sutileza do termo temporal se mostra como uma das marcas de alguns haicaístas, entretanto, Yamaguchi, sempre que possível, tentou deixar bem clara a intenção temporal dentro de seus escritos. O folclore amazonense também serviu de inspiração para Yamaguchi em sua composição de poemas, conforme pode ser observado:

É Boi Bumbá
Em vez da garoa
Vem a chuva forte. (YAMAGUCHI, 1992, p. 153, tradução nossa).⁴⁷

Pode-se considerar os termos “Boi Bumbá” como sendo o *kigô* do poema, visto que o festival folclórico de Parintins ocorre todo final do mês de junho. Diante disso, observa-se na escritura uma produção híbrida com elementos regionais amazônicos entrelaçados com um estilo de escrita tradicional japonesa. Tal fato, demonstra o quanto o imigrante nikkei sofreu modificações no processo de formação individual. Assim, não existe mais apenas um ser japonês, mas sim um ser misto, transitando entre o oriente e o ocidente.

Entretanto, nem sempre é possível perceber um *kigô* evidente presente nos poemas de Yamaguchi, visto que, dentre os tipos variados de inspiração, o cotidiano como algo frequente exposto em versos pela autora, conforme pode ser observado nos versos a seguir:

Rede de criança
À sombra da árvore
Onde canta o curió (YAMAGUCHI, 1992, p. 92, tradução nossa).⁴⁸

Não se observa a alusão à nenhuma estação do ano no poema mencionado, pois, apesar de o curió (um pássaro) ser um *kigô* que indicaria a primavera, o tempo ou a estação do ano são indiferentes.

A autora utiliza-se de termos escritos em *katakana*, expressando a forma que se reproduzem no norte brasileiro, apesar de existirem os correspondentes próprios

⁴⁶ マバラ魚/ 蒲焼きにして/ 夏料理 (YAMAGUCHI, 1992, p. 69).

⁴⁷ ボーイブンバ/ 小雨ならず/ 本降りに (YAMAGUCHI, 1992, p. 153).

⁴⁸ クリオ鳴く/ 木蔭に吊るす/ 児のレーデ (YAMAGUCHI, 1992, p. 92).

em japonês. Como exemplos, seguem os termos: manga (マンガ), canoa (カノア), rede (レーデ), índio (インヂオ), guaraná (グアラナー) etc.

Entretanto, cabe ressaltar que, a obra não pode ser localizada como exclusivamente amazonense, fazendo jus ao título (Amazônia), a obra perpassa por cenários típicos de toda a região norte brasileira, visto a similaridade encontrada entre os ribeirinhos dos estados vizinhos. Contudo, observa-se a grande contribuição, proporcionada pela obra, no que diz respeito ao entendimento macro do cotidiano do imigrante nikkei, presente no interior do estado do Amazonas, bem como, os sentimentos de medo, de alegria e a própria aceitação como indivíduo amazônida.

2.2.3. *Manausu Kukai Shu (Coletâneas de Haikai da Nippaku – Manaus) (1985-2020)*

A Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental teve a fundação datada em 1 de maio de 1980. É uma instituição que visa a representação da comunidade nikkei pertencentes aos estados de Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima.

Dentre as atividades realizadas pela associação, destacam-se: o curso livre de língua japonesa (disponível em módulos, atende às variadas faixas etárias na cidade de Manaus), os grupos de difusão cultural nikkei (tambor japonês – *Taikô*, teatro, dança) e o grupo de produções de *Haikai*.

O grupo é formado por imigrantes japoneses e descendentes, reúnem-se mensalmente, para realizar composição de poemas e promover a pontuação dos melhores *haiku* produzidos. Os membros ativos do grupo são nikkei, em sua maioria, e geralmente empregam temáticas naturais que exaltam a beleza amazônica. Conseqüentemente, os encontros mensais, resultam em coletâneas anuais que contemplam os *haicais* mais bem ranqueados.

2.2.3.1. Sobre as obras

Até o ano de 2020, 35 volumes foram compilados, contendo os melhores haicais do grupo nos últimos 35 anos. Contudo, os volumes 36 e 37, estão sendo preparados para lançamento futuro. Tal atraso é devido a situação restritiva causada

pela Pandemia de Covid-19, que impossibilitou a realização das assembleias e, conseqüentemente, a escolha e produção dos melhores haicais.

Ressalta-se que, infelizmente, alguns volumes das coletâneas, foram perdidos por conta da ação do tempo e/ou foram extraviadas. Diante disso, a presente pesquisa analisou alguns poemets de coletâneas acessadas na Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental de 1986 a 2020.

As temáticas trazidas nos poemas são variadas, desde a exaltação à natureza, até rememorar acontecimentos vivenciados pelos haicaístas. Como exemplo, o poema escrito por Kazuko Iwamoto, que foi publicado no 19º volume da coletânea de haikai, em 2003:

Celebração e fogos de artifícios
Ano novo
Trazem as festividades (MANAUS KUKAI, 2003, p. 1, tradução
nossa).⁴⁹

Os versos do poema mencionado, remetem ao momento de celebração pelo ano novo, comprovando que a inspiração para a escrita de poemas pode surgir dos mais variados momentos. O que chama a atenção na estética do poema em japonês é a utilização de termos mais elaborados por meio do emprego do *jukugo* (a formação de palavras em japonês, utilizando somente as leituras *on'yomi* – chinesas), no desenvolvimento do escrito.

As belezas naturais também se tornam temas presentes nas poesias criadas pelos membros do grupo, assim a Amazônia e toda a exuberância pôde ser retratada por meio dos versos de Tamiko Suzuki, no poema contido no 21º volume das coletâneas do *Manaus Kukai*, conforme disposto a seguir:

Aves aquáticas
Passam a canoa
De pai e filho (MANAUS KUKAI, 2005 p. 34, tradução nossa).⁵⁰

Nos volumes mais antigos, salta aos olhos o preciosismo na confecção e produção das coletâneas, visto que os poemas eram todos escritos à mão, constituindo uma estética única, contemplativa dos elementos que formavam a atmosfera mais urbano que a interiorana. Assim surgem poemas como o de autoria de Kiku Hanada, publicado no Volume 9, *Manaus Kukai*, em 1992:

São João
O céu em festa

⁴⁹ 歓声と/ 花火に新年/ 浮かれ来る (MANAUS KUKAI, 2003, p. 1,).

⁵⁰ 水鳥の/ 親子横切る/ カヌーの先 (MANAUS KUKAI, 2005, p. 34,).

Queimam fogos de artifício (MANAUS KUKAI, 1992 p. 53, tradução nossa).⁵¹

Percebe-se que nos poematos desenvolvidos, pelos membros do Manausu Kukai, perpassam por variadas nuances, dentre as quais flutuam entre elementos provenientes da natureza, ações do cotidiano, experiências de vida e o saudosismo pela terra natal. Portanto, a obra completa do grupo pode ser considerada como parte do cânone literário amazonense, pois a questão histórica, elementos de imigração e adaptação na Amazônia surge em diversos poemas, narrando o legado do povo nikkei no estado do Amazonas.

2.2.4. *Embaúba: Uma árvore e muitas vidas*, de Noêmia Kazue Ishikawa (2016)

2.2.4.1. Noêmia Kazue Ishikawa

Noêmia Kazue Ishikawa nasceu em 1972, na cidade de Londrina, Paraná. É residente de Manaus desde o ano de 2004. Dentre os autores citados, é a única que não é imigrante japonesa e sim, descendente. É doutora em Biologia, na área de Recursos Naturais, pela Universidade de Hokkaido, Japão, tendo concluído seu Ph.D em 2001, possui Pós-doutorado no Instituto Micológico Tottori, também no Japão e na Universidade Clark, em Worcester, Massachusetts, nos Estados Unidos. Os estudos científicos da autora privilegiam os cogumelos por notória influência do avô materno Nobuo Komagome, sendo ele, um dos primeiros a cultivar *shitake* (cogumelo japonês), no estado do Paraná.

Atualmente, é pesquisadora do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA. Além de diversos artigos científicos, debutou na área da literatura em 2014, com o livro de crônicas intitulado “*A porteira azul*”, reunindo textos de aventuras do cotidiano. Em 2016, a pesquisadora publicou o livro *Embaúba: Uma árvore e muitas vidas*, a fim de fomentar o incentivo à literatura infantil e o entendimento sobre a biodiversidade da Amazônia. Em entrevista ao G1⁵² (2018), Noêmia afirma que ela mesma foi educada lendo livros sobre biodiversidade de outros países, só teve

⁵¹ サンジョアンの / 空は祭り / 揚げ花火 (MANAUS KUKAI, 2005, p. 53).

⁵² Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/noticia/livro-infantil-falada-importancia-da-embauba-para-a-floresta.ghtml> > Acesso em: 13 de setembro de 2022.

conhecimento de muitos animais, plantas e cogumelos amazônicos depois de adulta e, ainda assim, tem dificuldade de encontrar livros com a biodiversidade brasileira.

2.2.4.2. Embaúba: Uma árvore e muitas vidas

Em *Embaúba: Uma árvore e muitas vidas*, utiliza-se o recurso literário quase autobiográfico ao inserir a autora Noêmia como uma personagem importante da narrativa. É escrita utilizando três idiomas: português, inglês e japonês, propiciando uma expansão da compreensão da narrativa disposta. Tal realização foi possível devido às colaborações de Takakazu Yumoto⁵³ e William E. Magnusson⁵⁴. A narrativa é fluida e as páginas não possuem numeração, como forma de expressão que a obra não se apega à estética acadêmica. Por se tratar de uma narrativa, cujo público-alvo é o infanto-juvenil, a linguagem presente é simplificada, porém instrutiva, como observado no fragmento a seguir:

A embaúba é muito amiga das formigas. As formigas-de-embaúba (*Azteca spp*) moram dentro do tronco e dos galhos dessa árvore. Quando algum animal tenta comer suas folhas, as formigas saem em defesa de sua casa. (ISHIKAWA, 2016, p. S/N).

A narrativa é simples, trata-se de um enredo em que a personagem pesquisadora é questionada sobre as propriedades da Embaúba e, com isso, parte em uma jornada para elucidar as dúvidas dos alunos, tendo como desfecho futuro esperançoso a partir da compreensão de preservação ambiental da nova geração, conforme discorre o trecho a seguir:

Um dia, a embaúba foi derrubada para construir uma calçada. Foi um acontecimento muito triste. MAS nem tudo está perdido – as sementes daquela embaúba foram levadas pelos animais. Outras embaúbas continuam fazendo parte da teia da vida em outros lugares. (ISHIKAWA, 2016, p. S/N).

O livro, apesar de curto, é rico em informações que condicionam o leitor a pensar sobre o meio ambiente, por meio da leveza trazida nas concepções das palavras. A proposta de uma escrita trilingue, faz com que a escritura alcance um

⁵³ Foi Professor Adjunto na Universidade de Quioto e vice coordenador da equipe japonesa do projeto "Museu na Floresta/Field Museum", desenvolvido em parceria do INPA com a Universidade de Quioto, o que o trouxe para a Amazônia pelo menos duas vezes ao ano. Além dos artigos científicos, também se dedicou à literatura voltada para o público infantil com as obras: "*Yakushima: floresta de árvores gigantes e ecologia da ilha de águas*" (1995) e "*Floresta tropical*" (1999).

⁵⁴ Natural de Sidney, Austrália, reside em Manaus desde 1979, onde atua como pesquisador do INPA, além de produções acadêmicas, publicou também relatos de história ocorridas em suas pesquisas sobre crocodilianos no livro intitulado "*O olho do crocodilo*".

público maior, sem perder totalmente a essência da obra original, visto que as traduções para inglês e japonês foram realizadas concomitantemente com a revisão do texto base.

2.2.5. Suma Jinnai e suas narrativas

2.2.5.1. Suma Jinnai (1937 - presente)

Suma Jinnai, nasceu em 03 de janeiro de 1937, em Tóquio no Japão. Imigrou primeiramente para Belém/PA, em 1970, onde residiu até pouco depois da morte do esposo. Muda-se para Manaus/AM, em 1983. A inspiração para a escrita surge a partir de histórias orais ouvidas durante a pescaria, seu hobby favorito. As narrativas orais, proporcionaram a aprendizagem sobre os peixes amazônicos, as plantas utilizadas pelos indígenas e a vida do ribeirão amazônica. Entretanto, a principal inspiração para a construção das narrativas foram as gravuras desenvolvidas pelo artista plástico Antônio Evanildo da Costa Pereira, conhecido no mundo das artes como Van Pereira⁵⁵ (1952-2018), inclusive o tendo convidado para o desenvolvimento das ilustrações das obras *Garashi e o Curupira* (2004) e *A floresta onde mora a Cobra Grande – Minha Amazônia* (2018).

Van se tornou amigo pessoal de Jinnai, a quem contou sobre os mitos e lendas amazônicas que aprendera com o tio-avô, durante a época da juventude. Diante disso, surge o personagem Garashi, que viria a interagir na narrativa com um dos ícones do folclore brasileiro, o Curupira. Jinnai consegue entrelaçar a palavra, narrativas orais, conhecimentos japoneses e lendas amazônicas de forma sincrônica. Tal façanha, propicia ao texto certa matiz lúdica.

2.2.5.2. Contos Infantis – *Garashi e o Curupira* (2004)

Trata-se de uma obra em prosa destinada ao público infantil que narra as aventuras de *Garashi* e seu principal algoz, o símbolo maior da proteção das matas, o Curupira. O livro possui 31 páginas dispostas em uma linguagem simplificada e de

⁵⁵ Foi desenhista, pintor e ilustrador oriundo de Nhamundá, no Baixo Amazonas. Participou de várias exposições ao redor do planeta. A Editora Fukuinkan de Tóquio, Japão, o convidou para realizar uma série de ilustrações para esta obra escrita por Suma Jinnai,

fácil compreensão. A escrita está disposta em *hiragana* com espaço entre as palavras, possibilitando compreensão maior do leitor pelo contexto narrado. Evidencia o domínio, por parte da autora, dos termos amazônicos inseridos na narrativa, conforme inserção a seguir:

"Eu também posso conseguir." – disse Garashi.
Garashi e Yumiya traziam beijus (espécie de biscoitos feitos de mandioca) enquanto seguiam os pais. (JINNAI, 2004, p. 11, tradução nossa).⁵⁶

O *beiju* é um alimento típico dos povos originários brasileiros, feito geralmente da macaxeira, tendo a aparência de um crepe ou panqueca e, é uma iguaria muito apreciada no Norte do Brasil. O emprego correto do termo mencionado, demonstra que a autora, pesquisou e entendeu de maneira profunda os contextos que os vocábulos de uso caboclo e indígena amazônica.

Os macacos bugios não estão gritando, e ao parecer estar sozinho, na frente de um perdido Garashi, pôde ser visto correndo um pequeno tatu. (JINNAI, 2004, p. 13, tradução nossa).⁵⁷

O que chama atenção no fragmento mencionado é o fato da autora ter escolhido uma palavra brasileira, ao referir-se ao animal, ao invés da palavra comumente utilizada no idioma japonês. Assim, *arumajiro* (アルマジロ) passa a ser chamado de *tatsû* (タツ), o que localiza a obra sob o espectro regional amazônico. O termo utilizado aproxima o leitor da região amazônica, trazendo ainda, o contexto semântico.

Durante a leitura do texto original, não é possível posicionar a obra em um território somente amazonense e sim que a narrativa tem o intuito de localizar-se como amazônica, fazendo possível crer que o texto delineado pela autora pode ter ocorrência em qualquer lugar pertencente à Amazônia.

2.2.5.3. A floresta onde mora a Cobra Grande – Minha Amazônia (2018)

A narrativa *A floresta onde mora a Cobra Grande – Minha Amazônia* está dividida em 2 partes, sendo a primeira uma espécie de glossário contendo as definições

⁵⁶ 「ぼくだって もうかりにいけるんだ」

ガラシはゆみやと ベイजू(おいもでつくったビスケット)をもって、とうさんたちのあとを
おいかけていきました。(JINNAI, 2004, p. 11)

⁵⁷ ホエザルがおおごえで ないています。ひとりぼっちになって、こころぼそくなったガラシのめの
まえをちいさなタツ(アルマジロ)がはしっていくのがみえました。(JINNAI, 2004, p. 13)

descritas em japonês acerca de elementos que fazem parte do contexto do ribeirão amazônico; a segunda parte, é um compilado das principais lendas amazônicas, disposta também em japonês e, de forma resumida, descrita por meio de uma linguagem clara e direta.

As lendas narradas por Jinnai são: *O início da noite*, *O início das chuvas*, *A lenda da Yara*, *A lenda do Uirapuru*, *A lenda da Vitória Régia*, *A lenda do Guaraná*, *A lenda do Boto*, *A lenda do Curupira*, *A lenda do Pirarucu* e *A lenda do Boi Tatá*. Cabe ressaltar que todas as lendas são representantes de um repertório totalmente brasileiro.

Jinnai consegue expressar de forma sucinta, essas ricas histórias populares, fazendo com que o leitor possa imergir em um imaginário com riquezas de detalhes, além de perceber, a utilização adequada de terminologias regionais amazônicas, expostas fluidamente no corpo do texto, conforme fragmento a seguir:

Há muito tempo, Pirarucu era filho de um cacique. Por ser um bom caçador e um guerreiro forte, se tornou um homem soberbo. Por sempre ser violento e brigar com os demais, passou a ser um incômodo para os aldeões. Logo, o deus da floresta, Tupã, que o estava observando, há muito tempo, se enfureceu e balançou o seu cajado. A floresta escurece e um vento forte começa a assoprar. Raios caem no chão, Pirarucu se assusta e sem pedir perdão à Tupã, começa a fugir, até que é atingido por um raio. Seu corpo começa a mudar, ele se transforma em um grande peixe preto e ficou preso no fundo de um rio. Assim, como o Pirarucu era originalmente um ser humano, às vezes, ele precisa subir à superfície para respirar. (JINNAI, 2018, p. S/N, tradução nossa).⁵⁸

Ao narrar *A Lenda do Pirarucu*, Jinnai demonstra primor na utilização das palavras. Mesmo que de forma reduzida, consegue abarcar toda a estória, bem como inserir detalhes na continuidade da narrativa.

2.2.6. Máximo (Recorde) de calor na Amazônia (2002)

2.2.6.1, Gôta Tsutsumi (1948 - presente)

⁵⁸ ずっと昔、ピラルクはワイワイ族の酋長の息子でした。プレイボーイで力持ち、狩りもでき、戦士としても強かったのです。それなのに、村人に乱暴したり、喧嘩ばかりするので村の困り者でした。それをずっと見ていた森のツパンの神がとうとう怒り、杖を振り 下ろすと、森は闇に包まれ強い風がふき、物凄いカミナリが地上に落ちてきました。ピラルクは神様に許しを請うこともせず、ただ逃げまどい、ついには稲妻を受けると、その身体が、だんだん変化を始めました。しまいには黒くて大きな魚の姿になり、深い河の底に閉じ込められてしまったのです。もとは人間だったピラルクですから、息をするためには水面に浮上しなければならないのです。(JINNAI, 2018, p. S/N)

Gôta Tsutsumi nasceu em 1948 na cidade de Kushima, na província de Miyazaki. Se formou na Universidade Particular Senshû em Tóquio e, pouco tempo depois, mudou-se para o Brasil aos 26 anos, para a cidade de São Paulo. Passa a trabalhar como jornalista, durante três anos, em um jornal paulista, voltado para a comunidade nikkei residente em solo tupiniquim.

Anos depois, mudou-se para Belém, no estado do Pará, a fim de trabalhar como funcionário de empresas de diversos seguimentos. Em Belém, atuou como gerente de joalheria, gerente de farmácia e secretário hospitalar. Por fim, teve como últimas atuações na capital paraense, a de secretário-geral da Associação Nipo-brasileira Pan Amazônica. Decide retornar ao Japão para assumir o cargo de professor visitante na Universidade de Agricultura e Tecnologia de Tóquio.

Gôta é um exímio escritor, tendo contribuído na criação de textos importantes que retratam a vida do ribeirinho, bem como a inserção de japoneses nesse novo contexto amazônico. Utiliza uma abordagem direta e descritiva em seus textos a fim de proporcionar ao leitor uma experiência de imersão nos contextos narrados.

2.2.6.2. *Máximo (Recorde) de calor na Amazônia (2002)*

Máximo (Recorde) de calor na Amazônia é dividida em 4 partes, com narrativas que contemplam todo o período de residência do autor em solo brasileiro. A parte I é composta por ensaios referentes a chegada e o estabelecimento de Gôta em São Paulo, nela há narrativas sobre as ações do cotidiano e as impressões do autor sobre a nova realidade estabelecida, conforme a seguir:

O cardápio do meu primeiro jantar em São Paulo foi frango temperado e batata, cenoura, rabanete refogado à moda caipira, peixe cozido, sopa de missô, picles e arroz branco servido em uma tigela. O sol no hemisfério sul caía sobre o jardim de rosas, que produziam bastante barulho, mas fora isso, a vida parecia tão confortável quanto no Japão. (TSUTSUMI, 2002, p. 18, tradução nossa)⁵⁹

⁵⁹ サンパウロでの初めての夕食のメニューは、鶏肉の味付けでコンニャクとジャガ芋、ニンジン、大根の田舎風煮付け、煮魚、味噌汁、漬物、それにお茶碗に盛られた白いご飯、なんとなく日本の地方の民宿で食事をしている気分であった。バラ園にふりそそぐ南半球の太陽の陽射しには、さすがに音を上げてしまったが、それ以外は日本にいるのと同じく変わらない生活環境で居心地も良かった。(TSUTSUMI, 2002, p. 18)

A parte II, trata do processo de mudança para a cidade de Belém, no estado do Pará. Ocorre um novo processo de adaptação na região norte, e apresenta algumas características que diferem do sudeste brasileiro, tais como: a alimentação, o clima, algumas interações sociais, os ambientes etc. No trecho a seguir, apesar de ser discricional, exemplifica a visão de um imigrante nikkei, quanto a uma considerável capital do norte brasileiro:

A "Rua 25 de setembro", que também serve como um parque verde, corre no sentido norte-sul ao lado da minha casa, e se você caminhar cerca de dez minutos, chegará aos fundos do "Jardim Botânico Rodriguez Alves". Este jardim botânico é um resquício dos tempos em que Belém ainda tinha florestas virgens, com 2.500 árvores amazônicas crescendo em 16 hectares. Há uma calçada de 3 metros ao longo da cerca do jardim botânico, e muitos cidadãos caminham pela manhã e à noite. A meca dos que gostam de caminhar em Belém é como o Palácio Imperial de Tóquio. (TSUTSUMI, 2002, p. 110, tradução nossa)⁶⁰

Cabe ressaltar ainda, que Gôta, enquanto residente no norte brasileiro, conheceu parte do interior amazônico visitando, inclusive, estados vizinhos como o Acre e o Amazonas, conforme descrito na parte III da obra, sobre uma passagem por Parintins no estado do Amazonas, representada pelo fragmento abaixo:

Do aeroporto de Belém, embarquei em um bimotor chamado "Brasília" (fabricado no Brasil) com capacidade para 30 passageiros e segui para Parintins. É uma cidade regional, pertencente ao estado do Amazonas, a cerca de 1.500 quilômetros de Belém. (...) No caminho, o avião passou pelas pequenas cidades amazônicas, Altamira e Santarém, e chegando no destino final, após três horas. A cidade do outro lado Parintins é chamada Nhamundá. (TSUTSUMI, 2002, p. 205, tradução nossa)⁶¹

Por fim, a parte IV da obra apresenta alguns ensaios complementares sobre contextos que não se encaixavam nas demais partes do ensaio. Assim, nesse momento, o autor fala sobre a esposa, amigos preciosos e colônias que encontrou durante a estadia no Norte do Brasil.

⁶⁰ 我が家の横には緑地公園を兼ねた「九月二十五日通り」が南北に通っていて、十分ほど歩くと「ロドリゲス・アルベス植物園」の裏手に出る。この植物園はベレンにまだ原始林が残っていた頃の名残で、一六ヘクタールに二千五百本のアマゾンの樹木が繁茂している。植物園の堀沿いに三メートルの歩道が設けられ、朝晩多くの市民がウォーキングしている。ベレンのウォーキングのメッカで、東京でいえば皇居のようなものである。(TSUTSUMI, 2002, p. 110)

⁶¹ ベレンの空港から三十人乗り双発機「ブラジリア」(ブラジル製)に乗り込みパリンチンスへ向かった。ベレンから一五〇〇キロメートルほど先にあるアマゾナス州の地方都市である。(…)飛行機は途中、アルタミラ、サンタレンというアマゾンの中小都市を経由、三時間で到着した。この街の対岸の街は「ニャムンダー」という街。(TSUTSUMI, 2002, p. 205)

Percebe-se, assim, que a retratação relativa ao Amazonas é diminuta na obra. Tal fato se deve à própria localização geográfica do autor, visto que tinha Belém como base. A linguagem utilizada na obra é mais elaborada (considerando que o autor é um jornalista de profissão), contudo de compreensão fluida. O ensaio pode ser considerado como amazônico por retratar cenários e há a reprodução de falas de ribeirinhos nortistas.

2.2.7. *Passagem só de ida aos confins da Amazônia – Um registro de um homem que foi o pioneiro no meio de uma selva e iniciou uma era na Amazônia (2005)*

2.2.7.1. Toshiyuki Kawada (1930 – 2019) e Sachiko Kawada (1931 – 1999)

Toshiyuki Kawada nascido em 1930, na cidade de Nagasaki, foi considerado um sobrevivente da explosão da bomba atômica. Após o fim da Segunda Guerra Mundial e as repressões impostas pelas forças de ocupação americana, decide imigrar, junto de sua família para o Brasil.

Em solo brasileiro, Toshiyuki firmou residência em três estados do Norte: Acre, Rondônia e Amazonas, respectivamente. Em 1999, após o falecimento da esposa, o autor reencontra os próprios escritos e decide escrever ensaios e poemas *tanka*, a fim de preservar o seu legado histórico memorialístico. Assim surge produções literárias que abarcam mais de meio século de história familiar associadas ao percurso imigratório de seus compatriotas na Amazônia.

Ressalta-se a relevância das ações de Toshiyuki perante a comunidade nikkei residente na região amazônica, visto que ele foi um dos principais agentes difusores da cultura japonesa na cidade de Manaus. Dentre os sentimentos que o autor demonstra em seus escritos, destacam-se o de pertencimento à comunidade amazônica e o de contemplação constante, das belezas naturais presentes nas matas regionais nortistas.

2.2.7.2. *Passagem só de ida aos confins da Amazônia (2005)*

Passagem só de ida aos confins da Amazônia – Um registro de um homem que foi o pioneiro no meio de uma selva e iniciou uma era na Amazônia é dividida em três partes, sendo a primeira um compilado de 12 ensaios escritos por Toshiyuki Kawada, que narram o período de chegada e adaptação na região norte, mais

precisamente no estado do Acre. A segunda parte traz ensaios que remetem ao período de residência no estado de Rondônia. Por fim, a terceira parte faz referência ao período de mudança e fixação no estado do Amazonas.

Os referidos ensaios têm temáticas diversas e narram acontecimentos vivenciados pelos autores, bem como assuntos que achavam pertinentes. A linguagem é simples e fluida. Outro ponto que chama a atenção é a riqueza de detalhes que os autores trazem na construção das narrativas e explicações registradas na obra. Como exemplo, há uma descrição direta do que é a pinga/cachaça, conforme expresso a seguir:

A “Pinga” é uma bebida típica brasileira, feita a partir do caldo de cana-de-açúcar fermentado e destilado e, é denominada cachaça. Tem dezenas de nomes e, além de “pinga”, é chamada principalmente de “cachaça”, “caninha” e “aguardente”. Todos os dicionários e enciclopédias chamam essa bebida de “cachaça” e existem várias teorias sobre a origem do nome. Parece razoável supor que seja proveniente do vinho de alto teor alcoólico feito a partir das borras da primeira prensa de uvas fermentadas, conhecido em espanhol como “cachaza”. (KAWADA, 2005, p. 24, tradução nossa)⁶²

Percebe-se que além do conhecimento tácito, adquirido durante a vivência e interação com o povo amazônida, Toshiyuki buscava informações técnicas e se mantinha em constante estudo. Tais escritos podem ser considerados como um guia para um maior entendimento de futuros imigrantes, em relação ao que poderiam encontrar ao passar a residir em solo amazonense.

A comparação entre o Amazonas e a terra natal também marca as escrituras de Toshiyuki. Um misto de saudosismo e entendimento das nuances que permeiam o cotidiano amazônida estão presentes no corpo do texto, conforme especificado a seguir:

(...) pela primeira vez, eu pude ver uma briga entre crianças locais na frente do mesmo mercado. Eles se socavam um ao outro de forma veemente. Um soco acertou de um acertou o outro que caiu. Sem nem mesmo pensar no que fazer, o que derrubou o rival, pulou e chutou o oponente caído. Nesse momento, os adultos o detiveram, “cortando suas asas”. Pude assim, entender a diferença entre as brigas entre crianças japonesas e as locais e, ao mesmo tempo, senti como se

⁶² 「ピンガ」とは、ブラジルの代表的な酒で、砂糖きびの搾った汁を発酵させ、蒸留したものから作られており、分類的にはラム酒の仲間である。何十通りもの名前がついており、「ピンガ」の他、主に「カ シャッサ」、「カニンニヤ」、「アグアデンテ」とも呼ばれ、田舎の現地人などには「マタービッショ」（腹の中の虫を殺す）とも呼ばれている。この酒の名は、辞書や百科事典には、全て「カシャッサ」と記され、名前の由来についても色々な説があるが、スペイン語で「カシャザ」と称される葡萄を発酵させ最初の搾り粕から作ったアルコール度の高いワインから来していると考えるのが妥当なようである。(KAWADA, 2005, p. 24)

estivesse diante de disputas entre os nikkei descendentes de fazendeiros e os nikkei descendentes de caçadores. (KAWADA, 2005, p. 34, tradução nossa)⁶³

Nessa perspectiva, cabe ressaltar que, na sequência, o autor tece um panorama histórico, explicando o porquê da comparação, demonstrando mais uma vez o amplo conhecimento adquirido em diferentes áreas de estudo. Nesse contexto, manifestações folclóricas também foram tratadas nas escrituras de Toshiyuki. Assim, o Boi Bumbá também foi tema de um ensaio presente na obra:

O Boi Bumbá é como uma ópera a céu aberto, juntamente com a lenda indígena, se desenvolveu em uma cultura única da Amazônia e continua até hoje. Durante o festival, cerca de 40.000 a 60.000 pessoas do Brasil e do exterior se reúnem em Parintins para aproveitar as festividades. As comidas típicas desta festa são a "munguzá", que é um milho branco cozido no leite, o bolo de macaxeira, e o "aluá", que é uma bebida parecida com o licor feita com casca de abacaxi e água e fermentada com canela, que pode ainda ser servida quente. (KAWADA, 2005, p. 112, tradução nossa)⁶⁴

Ao tratar do texto em japonês, o que chama a atenção é o uso contínuo de vocábulos pronunciados como no português, escritos em *katakana*. Esta ação demonstra que o autor domina o português brasileiro de forma exemplar e também o uso de termos regionais de forma primorosa.

Nos escritos de Sachiko Kawada há a disposição em narrar fatos ocorridos no cotidiano, mais voltados para viagens e interações com membros de outras famílias japonesas ou de imigrantes nikkei. Contudo, pode-se perceber ainda, elementos característicos do Amazonas, como por exemplo, o calor do verão amazônico, conforme disposto a seguir:

Durante a estação seca (julho a dezembro), Manaus experimenta calor intenso de 35 a 38 graus todos os dias. Ano após ano, à medida que o desenvolvimento da cidade avança, fica cada vez mais quente. Mesmo assim, tento conseguir aguentar pela manhã somente com o ventilador ligado, contudo,

⁶³ (...) 場所も同じ市場の前で現地人の子供どうしの争いを見た。お互いに殴り合い、取っ組み合い、なかなか勇ましい。パンチが決まって一人が倒れた。さ どうするかなと私が思う間もなく、いきなり飛び込んで倒れた相手を蹴りに蹴りまくった。そこで大 人が羽交い締めにして止めた。日本人と現地人の子供の喧嘩の相違を初めて納得すると共に、農耕民族と狩猟民族の血の子孫の違いを改めて見せつけられたように思えた。(KAWADA, 2005, p. 34)

⁶⁴ BOI BUMBA はヨーロッパのオペラみたいなもので、インジオの伝説と一緒にあってアマゾン独特な文化として発展、現在に至っています。パリンチンスはその時期になると、国内・外国からも四万から六万人位の人々が集まり BOI の祭り を楽しみます。このお祭りの時の特別な食べ物は白いミーリオをレイチで煮込んだ「ムンゲーザ」とマカセイラのボーロ、それにアバカシーの皮と水で仕込み、発酵させた「アルア」というお酒みたいなものにニッケと 生姜を入れ温かくして飲みます。(KAWADA, 2005, p. 112)

a hora do almoço é o limite. Para poder comer meu almoço de forma proveitosa, preciso ligar o ar-condicionado. Entretanto, o ar-condicionado pode ser o meu grande inimigo, porque meus olhos, nariz e garganta se machucam, e assim vou até as 4 da manhã do dia seguinte. (KAWADA, 2005, p. 113, tradução nossa)⁶⁵

Portanto, percebe-se na narrativa apresentada por Sachiko um viés mais simplista, em que a autora foca nos acontecimentos de forma direta e narra com detalhes o que se passa em seu cotidiano. A obra escrita pelo casal pode ser considerada como escrito literário amazonense, pelo fato dos cenários, linguagens e interações serem, em grande parte, em solo amazonense ou relacionadas a pessoas que foram ao Amazonas.

2.3. Considerações finais do Capítulo II

A contribuição que os nikkei imprimiram na sociedade amazonense contemporânea é notória, contudo, não foi só o desenvolvimento agrícola que teve incrementos. Ao finalizar o Capítulo II, fica evidente que as produções literárias nikkei, também podem auxiliar no entendimento dos processos de imigração, das rotinas vivenciadas, o cotidiano nas colônias, os sentimentos dos imigrantes japoneses e a autoafirmação como indivíduos residentes do Norte do Brasil.

Dessa maneira, há um entrelaçamento expresso no texto em detrimento à mescla entre culturas ocidentais e orientais, desenvolvidas pelos indivíduos. Assim, é nítida a abordagem de temas universais como morte, perda, dor e saudade, mas também, é possível observar temas mais banais e simples como a lembrança de uma viagem, o encontro com um amigo importante, o labor do ribeirinho e o simples passar do dia.

Por fim, com a necessidade de registro, vem o desejo de rememorar o legado vivido por estes imigrantes, bem como posicionar as novas gerações como indivíduos resultantes dessas ações de luta cotidiana para subsistência e crescimento de toda uma comunidade, hoje considerada importante e representativa em todo o território nacional.

⁶⁵ 乾期(七月十二月)に入るとマナウスは連日三十五度から三十八度の猛暑となる。開発が進んで年々暑くなる。それでも午前中は何とか扇風機で我慢をしているけれど昼食時になるとそれも限界、胸がムカーとしてくるから美味しくアルモッサを頂く為にクーラーを入れる事になる。入れれば涼しくなるから気分はよくなるけれど、一度入れればもうずっと翌日の午前四時頃までだら、目、鼻、喉の弱い私にとっては大敵ともなる。(KAWADA, 2005, p. 113)

CAPÍTULO III

O reflexo de Amaterasu e a Amazônia refletida em palavras

Amaterasu é filha do deus primordial Izanagi⁶⁶, criador do Japão, sendo responsável pela luz e por isso nomeada como a *Deusa do Sol*. Também está relacionada à proteção humana e assegurando a fertilidade do solo, beneficiando, assim, o sustento do povo japonês.

De acordo com o *Kojiki*⁶⁷, por ser a deusa do Sol, Amaterasu representa toda a iluminação do dia, o que auxilia na produção dos campos de arroz. Afirma-se ainda que os imperadores japoneses são descendentes diretos da deusa, pois o neto de Amaterasu Ninigi-no-Mikoto veio à Terra com o intuito de governá-la, tornando-se assim o primeiro soberano do Japão.

Os textos antigos presentes no *Kojiki* narram diversas histórias referentes à criação e formação do Japão. Logo, estão presentes em diversos contos, evidenciando uma longa rivalidade entre Amaterasu e seu irmão mais novo Susanoo. Contudo, a rivalidade não deixa de ser um contraste necessário para a evolução dos deuses e do homem. Nesse sentido, o cenário literário, o lugar de permanência do escritor, o envolvimento com a paisagem do local e a saudade da terra Natal, também são elementos que permitem o mover da engrenagem necessária para a escritura.

Diante de ações passadas, ofensivas provocadas por Susanoo, a postura do deus foi a de um ser carregado de remorso, em busca do perdão de quem ofendera. Susanoo se surpreendeu, em certo momento, com a postura de embate a qual sua irmã foi encontrada e para provar que gostaria de uma reconciliação final, propôs um desafio. A prova seria quem poderia gerar divindades mais nobres, e para tal, cada um retirou um objeto do outro e a partir deles fizeram surgir novos seres. Amaterasu foi responsável pelo surgimento de três mulheres da espada do irmão; já Susanoo fez cinco homens derivados do colar da deusa do sol. A deusa reivindicou para si os homens criados a partir de seus pertences, logo as três mulheres foram atribuídas ao deus das tempestades. Ambos se declararam vitoriosos do desafio e assim foram comprovadas as boas intenções de Susanoo para sua irmã.

⁶⁶ Izanagi ou Lorde Izanagi, junto de Izanami (sua esposa e irmã), é a divindade considerada responsável pela formação do mundo e a criação de outras divindades.

⁶⁷ É considerado o registro mais antigo sobre a história do Japão, é composto por várias narrativas que descrevem o processo de formação do país bem como apresenta justificativas para a existência de muitos símbolos importantes, dentre eles a origem divina do imperador.

Contudo, tais intenções não perduraram por muito tempo, visto que momentos após, Susanoo voltou a pregar peças em Amaterasu. Dentre elas, uma das mais graves, foi a de soltar uma manada de potros malhados a fim de destruir os campos de arroz que eram o orgulho da deusa. E a ação derradeira foi a de certo dia, em que observava a irmã juntamente dos serviçais presentes no Sagrado Salão de Tecelagem trabalhando em vestimentas para os outros deuses. Susanoo decidiu fazer um buraco no teto e arremessar um cavalo morto sobre as criadas da irmã, ocasionando a morte de uma das trabalhadoras. Dado o ocorrido e por conta de imensa tristeza e raiva, a deusa do sol decidiu abandonar seu posto e se retirou do Reino do Céu.

Amaterasu então se escondeu em uma caverna, selando-se com uma rocha na entrada a fim de não ser incomodada. Como consequência, privou o mundo de sua luz e assim passou a não mais existir a alternância entre dia e noite, mergulhando o mundo em trevas perpétuas, ocasionando o congelamento da terra e a perda de muitos plantios. Os humanos passaram a conviver com demônios refugiados do submundo e o pânico foi instaurado até na morada dos deuses, pois assim como os seres terrestres, os residentes celestiais não conseguiam enxergar nada.

Com o intuito de fazer com que Amaterasu saísse de seu exílio, os deuses e os homens decidiram criar vários aparatos que se tornariam instrumentos musicais, além disso, com o uso de ferramentas específicas, os deuses coletaram e soldaram estrelas dos céus formando o esplendoroso espelho *Yata no Kagami* (Espelho de Oito Lados) e as joias *Yasakani no Magatama* (Joias Curvadas), estes itens seriam utilizados para presentear a deusa no momento em que fosse vista novamente. De forma análoga, a saída do Japão pelo imigrante é uma forma de tonificar a escrita literária, construindo espelhos que refletem a vivência, o novo lugar, a saudade e a imanência da vida.

O novo lugar para os imigrantes são uma caverna sem instrumentos de direcionamentos. Assim como Amaterasu inserida na caverna, percebe a dança, a música e muita agitação no interior de si. Nesse sentido, ainda pensando na narrativa do *Kojiki*, Amaterasu, curiosa com aquele som vindo de fora, não resistiu e se colou a observar de forma discreta por uma fresta da rocha na entrada da caverna. Contudo, ao fazer isso, um raio de luz surgiu de seu esplendor natural e refletiu no espelho que estava decorando a festividade. A deusa ficou deslumbrada com o reflexo de sua luz no espelho, o que a fez aproximar-se ainda mais do centro da festa e acabou sendo puxada para fora da caverna por outro deus. Em relação ao imigrante, a surpresa com

o novo ambiente é sintetizada na escrita como forma de abarcar o todo que o circunda continuamente.

Ao perceber tanta alegria por seu retorno, os sentimentos negativos nutridos por Amaterasu desapareceram e com isso ela decidiu voltar a iluminar o mundo proporcionando bonanças a todos. Susanoo, como forma de reconciliação com sua irmã, deu uma espada chamada *Kusanagi-no-Tsurug* (Espada Mata-Dragão), conseguida após derrotar *Yamata no Orochi*. Ainda segundo o *Kojiki*, Amaterasu deu ao seu descendente *Ninigi-no-Mikoto* o espelho, a jóia e a espada recebida de seu irmão, que ficaram conhecidos como *Os Três Tesouros Sagrados do Japão*.

Esse antigo mito japonês pode ser utilizado como metáfora para demonstrar que imigrantes japoneses conseguiram imprimir na literatura os reflexos de uma travessia causada pelo desregulamento econômico de uma sociedade. Dessa forma, o Capítulo III analisou as obras literárias já mencionadas no capítulo anterior, inserindo-as com ênfase na literatura amazonense e/ou amazônica.

Cabe ressaltar que, as obras foram concebidas por imigrantes japoneses em solo amazonense e, por muito tempo, se mantiveram restritas nas prateleiras dos familiares e/ou em salas de leitura de espaços nichados da comunidade japonesa local amazonense. Assim, como exemplificação desse contexto e, considerando uma maior familiaridade com o manejo dos textos coligidos, foram escolhidas as seguintes obras: *Hana to chō (Flores e Borboletas)* de Sachiko Kawada; *Amazon no hiroi hanashi (Narrativas Amazônicas)*, de Toshio Shirayanagi e *Furusato wa tooku ni arite – amazon imin no esseishu (A terra natal está tão distante – Coleção de ensaios de imigrantes amazônicos)*, de Toshiyuki Kawada.

Foi considerada a escolha de uma obra de cada estilo literário a fim de se manter consonante à proposta inicial da pesquisa, conseqüentemente buscou-se entender o contexto do espaço, da temática, os elementos literários que perpassam por cada um e, para compreender o posicionamento delas como parte da Literatura Brasileira.

3.1 Flores e Borboletas (1999)

A poesia é uma das formas de manifestação literária existentes mais sublime. Conseguir externar sentimentos por meio da justaposição de palavras é uma tarefa que muitos tentam, mas poucos conseguem lograr êxito. Nos poemas, geralmente são

descritos sentimentos de alegria e amor, entretanto, podem-se exprimir também sentimentos com a ira, revolta e o medo. Contudo, outros sentimentos bastante explorados pelos poetas nikkei, radicados no Amazonas, são a saudade por sua terra natal e a exaltação do belo amazônico.

Assim, muitos japoneses, passaram a manifestar seus pensamentos e sentimentos por meio da poesia. O Haikai foi o estilo mais comum de expressão literária produzida pelos nikkei em solo brasileiro, entretanto, os poemas de estilo *Tanka* também tiveram adeptos.

O poema *Tanka* significa literalmente “*Poema Curto*” visto que em japonês, o nome é formado por dois kanji: 短 – *tan* (curto ou breve) e 歌 – *ka* (poema ou canção). É considerado um estilo de expressão clássico e de grande sensibilidade, da poesia japonesa tradicional. Ressalta-se que essa manifestação literária foi se popularizando com temáticas românticas, entretanto, passou a ser também, um meio de expressão da interdependência com o meio ambiente e a natureza.

Nesse contexto, surge a obra *Flores e Borboletas*, de Sachiko Kawada. A obra é um compilado de *Tanka* dispostos em 9 capítulos, que contém aproximadamente 260 poemas (258 poemas dentro dos capítulos e 3 poemas externos) escritos pela própria autora, cronologicamente, visto que Sachiko, segundo levantamento disposto na própria obra, teria um acervo de aproximadamente 2000 poemas escritos em toda sua vida. Para cada capítulo da obra, existe uma ilustração que faz alusão ao assunto tratado na escritura. A seleção e a compilação dos poemas foram realizadas por Yoshiharu Taniguchi, Aiko Yoshida, Akiko Okumura e Miida Setoko. As ilustrações ficaram a cargo de Ryuta Taniguchi. Ressalta-se que todos os envolvidos no desenvolvimento e finalização da obra eram amigos pessoais de Sachiko e Toshiyuki Kawada.

O corpo do texto original escrito integralmente em japonês foi um grande desafio no processo de tradução e adequação para o português brasileiro, visto que a escrita japonesa se utiliza de ideogramas em sua formação e esses itens podem representar um ou mais significados distintos, além de, na leitura, poderem ser lidos com uma, duas ou mais sílabas. Portanto, a forma como é disposta a poesia oriental é um fator que dificulta a tradução, conforme discorre Campos, 2009:

Os problemas de tradução que propõe essa poesia, escrita em caracteres *ideográficos* e organizada segundo rigorosos critérios métricos prosódicos, numa *língua-música* dotada de quatro diferentes

tonalidades, são como se pode imaginar, desafiadores e um ponto extremo. (CAMPOS, 2009, p. 97).

Flores e Borboletas contempla poemas das mais variadas temáticas como: trivialidades do cotidiano, escrituras que transmitem sentimentos de tristeza decorrente do descontentamento com as mazelas sociais, medos da guerra, exaltação das belezas naturais da Amazônia, esperança no futuro etc. Como exemplo, já na primeira página, é trazido um poema que retrata o sentimento da autora em relação ao legado deixado por meio de seus escritos.

Mesmo quando a vida
de uma esposa imigrante
chega ao fim,
As flores não podem sofrer,
devem florescer. (KAWADA, 1999, p. 2, tradução nossa).⁶⁸

O poema foi escrito em 1995 e deixa clara a intenção de Sachiko de que seu legado literário pudesse ser mantido vivo e que pudesse servir de inspiração para futuras gerações de escritores e escritoras de poesia. Ao longo da pesquisa, percebeu-se em outros autores nikkei o mesmo sentimento de preocupação com o legado literário e o impacto que teria na formação de novos escritores.

Sachiko Kawada faleceu em 02 de fevereiro de 1999, na cidade de Manaus - Amazonas, enquanto dormia. A causa de sua morte foi tida como falência múltipla dos órgãos, visto que, desde a chegada ao Brasil detinha uma saúde fragilizada, acredita-se que por efeitos oriundos da radiação emanados pela bomba atômica que atingiu sua terra natal no passado.

A obra também contempla poemas com temáticas mais simplórias e banais, mas que demonstram o apreço da autora nessas memórias. Isto se deve a uma das características principais dos *Tanka*, que tendem a ser uma forma de retratar, por meio de palavras, os sentimentos vivenciados pelos autores em certos momentos, e ao tecer o registro poético, revisitam esse sentimento.

O poemeto a seguir, retrata um pouco das alegrias triviais do cotidiano em solo amazônico. Na ocasião, a autora explana sobre o sentimento feminino ao realizar compras de bens de consumo.

O coração de uma mulher
Se algum for a algum lugar
E compras realizar
Profundamente

⁶⁸ 移民妻/ 吾のひと世の/ 果つる日も/ 花よ咲くべし/ ひたくれないに (KAWADA, 1999, p. 2.)

Se alegrará. (KAWADA, 1999, p. 17, tradução nossa).⁶⁹

Considerando a dificuldade de se colocar na métrica exigida para ser classificado com *Tanka*, percebe-se a versatilidade e o talento da autora na utilização das mais variadas inspirações para produzir poemas com as mais diversas temáticas.

3.1.1 Sobre as motivações de Sachiko Kawada

Sachiko Kawada, cujo nome da solteira era Sachiko Terada, nasceu em 01 de novembro de 1931, na Província de Nagasaki, mais precisamente na cidade de Matsûra, contudo foi residente da cidade de Nagasaki, na maior parte do tempo antes de imigrar para o Brasil. Ela foi uma das sobreviventes da explosão da bomba atômica nuclear de plutônio *Fat Man*, que foi lançada pelos Estados Unidos na cidade de Nagasaki, em 9 de agosto de 1945. No dia do lançamento da bomba, Sachiko tinha ido atender um chamado de uma amiga dos pais, em uma cidade vizinha e acabou escapando do efeito direto da bomba.

Ainda na adolescência, quando residia no Japão, aventurava-se na composição de poemas. Contudo, a devoção à poesia foi impulsionada pelos traumas oriundos da dor e ressentimento por ter sobrevivido ao atentado nuclear e não ter a vida ceifada como os amigos próximos e parentes que residiam em Nagasaki. Cabe ressaltar que, o esposo de Sachiko e também escritor Toshiyuki Kawada, compartilhava do mesmo sentimento, como evidenciam os escritos (analisados ainda nessa pesquisa).

A capacidade de transformar a dor e o medo em expressão artística é uma marca forte da poetiza. A seguir tem-se um *Tanka*, escrito por Sachiko Kawada, que exemplifica a utilização de traumas do passado ainda presentes em forma de sonhos e manifestações literárias:

Explosão
E de dentro das chamas
Tentava fugir
Se chamar o nome do amigo
Acordará desse sonho (KAWADA, 1999, p. 28, tradução nossa).⁷⁰

⁶⁹ いくばくの/ 買物すれば/ しみじみと/ 満たされてゆく/ 女心は (KAWADA, 1999, p. 17.)

⁷⁰ ふき上ぐる/ 炎の中に/ 逃げまどう/ 友の名を呼べば/ 夢さめにけり (KAWADA, 1999, p. 12.)

Outro fator predominante, foi o sentimento de insegurança por ser pioneira junto a Toshiyuki Kawada (esposo e imigrante) em desbravar a desconhecida Floresta Amazônica. Conforme, observado no poema abaixo:

O sofrimento
É a prova viva
que repreende
O meu eu fraco. (KAWADA, 1999, p. 12, tradução nossa).⁷¹

No norte brasileiro, inicialmente, atuou em produções agrícolas arrendadas pela família Kawada. Ali também, acabava chamando a atenção por usar calças, enquanto as demais mulheres ribeirinhas usavam saias. Sachiko era, constantemente, motivo de chacota pelas mulheres. Ainda, outros percalços encontrados foram: a adaptação forçada em um ambiente hostil, as barreiras impostas por um diferente idioma, o processo de adaptação culinária e a compreensão cultural local. Entretanto, tais barreiras vivenciadas pela autora auxiliaram no processo criativo servindo como inspiração para poemas de forte expressão que chegaram a receber prêmios internacionais nos anos oitenta.

3.1.2 Uma vida em versos

Em março de 1959, aos 28 anos de idade, Sachiko Kawada, acompanhada do esposo, da filha de 5 anos e do filho de apenas 5 meses, deixa o Japão tendo a Amazônia como destino final. Levam mais de 100 dias para cruzar o Oceano Pacífico e subir o rio Amazonas até a comunidade ribeirinha onde residiriam. O trabalho na lavoura é árduo e, inicialmente, o solo não era muito produtivo, contudo, com a utilização de técnicas aprendidas no Japão, tiveram certo êxito.

Apesar das dificuldades, Sachiko ainda se dispusera a compor poematos que expressavam a sua visão sobre os elementos encontrados no cotidiano. A beleza observada na mata virgem foi um item de inspiração para vários poemas criados em meio às incertezas da vida. O poema a seguir exemplifica essa expressão de exaltação e contemplação da natureza amazônica:

A Amazônia é
Natural
Felicidade e

⁷¹ 苦しみも / 生ける証と / かろうじて / 己叱咤す / 弱きおのれと (KAWADA, 1999, p. 12.)

Exaltação do verde (KAWADA, 1999, p. 66, tradução nossa).⁷²

Apesar de ser um elemento opcional nos *Tanka*, tanto nos poemas mais antigos, quanto os mais modernos, o *kigô* também pode ser percebido em alguns poemas de Sachiko, como constata-se a seguir:

Um arco-íris surge sobre o Rio Tapajós
Estou me recuperando
Meus olhos ainda machucados (KAWADA, 1999, p. 54, tradução
nossa).⁷³

O *kigô* apresentado na escritura é o termo “arco-íris”, pois, é característico na região amazônica durante o período da estação das chuvas, entre os meses de novembro a março. Um outro elemento que caracteriza a região norte brasileira é o termo “Rio Tapajós”, pois apesar de ser um rio que se origina no estado do Mato Grosso (Região Centro-oeste), tem a sua maior extensão predominantemente disposta no estado do Pará, desaguando no Rio Amazonas.

Momentos importantes fora do contexto amazônico também foram retratados nas obras de Sachiko Kawada, como por exemplo, um poema criado durante uma das viagens de breve retorno ao país natal. No texto, a autora deixa claro, que mesmo tendo vivido muitas dificuldades, sente alegria por estar casada com Toshiyuki:

Céu claro de Tóquio,
Se minhas chagas cicatrizarem
E se eu puder andar com meu marido
Meu coração estará alegre (KAWADA, 1999, p. 53, tradução nossa).⁷⁴

A família foi outra fonte de inspiração para o desenvolvimento de muitos outros poemets de exaltação. A autora sempre deixou evidente nos poemas relacionados com o assunto, que a família era um porto seguro e que sempre lhe enchia de esperança de dias melhores e imensa alegria. Assim, uma singela festa de aniversário, com uma música de parabéns, cantada pelos netos, virou inspiração para o poema a seguir:

Ouvir o Parabéns
na voz de meus netos
Faz meu coração
Arder em chamas (KAWADA, 1999, p. 102, tradução nossa).⁷⁵

⁷² アマゾンには/ 自然のままが/ 幸せと/ 緑の会は/ 声ふりしぼる (KAWADA, 1999, p. 66.)

⁷³ タバジョース/ 河に虹立つ/ 病癒え/ 帰る瞳に/ 色あざやけく (KAWADA, 1999, p. 54.)

⁷⁴ 東京の/ 空晴れぬとも/ 傷癒えて/ 夫と歩めば/ 軽し心は (KAWADA, 1999, p. 53.)

⁷⁵ バラベンサ/ 歌いてる孫達/ の声に/ 包まれ胸/ 熱く座す (KAWADA, 1999, p. 102.)

Cabe ressaltar que o termo utilizado pela autora em japonês foi “*Barabensa*”, ou invés de “*Parabensu*”, devido ao fato de a mesma ter certa dificuldade na compreensão completa de algumas palavras em português, mesmo considerando o tempo em que já residia no Brasil. Contudo, a troca não afeta a interpretação das intenções das palavras que Sachiko utilizou na composição do poema.

Outro poema, com o mesmo viés, traz a alegria de estar cercada por seus entes queridos e especialmente, por seus netos ainda crianças, o que lhe rendia um misto de saudosismo e felicidade:

Que satisfatório
Os dias vão passando
E as pequenas crianças
Compartilham
Pequenas felicidades (KAWADA, 1999, p. 66, tradução nossa).⁷⁶

Percebe-se que a obra *Flores e Borboletas* traz não só um compilado de poemas com temática amazônica, mas também um misto de sentimentos diversos expressos em palavras, com o propósito de fazer com que o autor possa se conectar com a autora e ter uma maior compreensão da vida de uma imigrante japonesa residente no meio da Amazônia. A disposição cronológica facilita o passeio pela revisitação das memórias de Sachiko.

Outro ponto a ser considerado, é que grande parte dos poemas encontrados na obra não estão ligados à temática amazônica, mesmo considerando que muitos dos cenários serem ambientados em florestas, os temas dos poemas geralmente são mais focados em traumas, medos, e sobretudo, alegrias proporcionadas pela família da autora. Por fim, mesmo sendo um apanhado de cerca de 50 anos de escritos, a obra não contempla somente elementos típicos do estado do Amazonas, mas sim tópicos relacionados à toda a Região Norte do Brasil, visto que a autora fez morada em três estados (Acre, Rondônia e Amazonas), os cenários e vocábulos apresentados podem ser associados a qualquer local relacionado à região amazônica sem prejuízos de entendimento e de forma ampla.

3.2. Narrativas Amazônicas (1992)

⁷⁶ 充たされて/ 日々は過ぎゆく/ 幼子と/ 小さき幸を/ 分ち合いつつ (KAWADA, 1999, p. 66.)

A literatura é a impressão autoral, em palavras, do desenvolvimento de uma consciência a partir de experiências de vida por meio da interpretação dos fatos ocorridos no cotidiano, a compreensão dos elementos pertencentes ao ambiente que se está inserido, o entendimento das diversas formas de espiritualidade e o abrigo de sentimentos variados de um indivíduo.

Toshio Shirayanagi expressou em uma narrativa, um misto de variados momentos de sua vivência em solo amazônica e contos e lendas regionais, aprendidos com os locais. Em sua obra intitulada *Amazon no hiroi hanashi (Narrativas Amazônicas)*, o autor trouxe no texto alusões ao imaginário popular regional da época, bem como elementos que convidam o leitor a uma apreciação por cenários imersivos, onde são observados itens típicos de um Amazonas ainda em descoberta, sob a perspectiva de um imigrante japonês.

A obra foi escrita totalmente em japonês (com termos arcaicos) incorporando termos regionais, escritos utilizando o sistema de escrita japonês *katakana*, proporcionando assim um ambiente mais imersivo ao leitor, além de auxiliar no processo de entendimento dos vocábulos e jargões estritamente amazônicas, como perceber-se no trecho a seguir.

(...) Deve-se ter cuidado com os botos. Mesmo eu, sendo um homem, fui enganado por esses botos inúmeras vezes. Quando eu estava viajando de canoa, eles vinham por baixo da canoa, me empurravam e nadavam para longe, esguichando há cerca de dois metros de distância. Em certos momentos, cheguei a me sentir um pouco mal, pelo fato de estar sendo constantemente seguido por estes animais.
⁷⁷ (SHIRAYANAGI, 1992, p. 3, tradução nossa.).

Ao se analisar o texto original em japonês, percebe-se a utilização da palavra ボット (*botto*) ao invés do termo japonês イルカ (*iruka*) e カノア (*kanoa*) no lugar de カヌー (*kanu*). Tal recurso foi utilizado pelo autor como forma de localizar o texto criado, a fim de propiciar uma atmosfera mais regional ao leitor. A literatura regional tende a valorizar o cenário local, bem como os aspectos formadores humanos e sociais, como marcas deste subgênero literário. Segundo Pereira (1973), a obra literária regionalista tem sido definida como qualquer livro, que intencionalmente ou

⁷⁷ それはボットに対する用心のためである。けれども男である私も、このボットにいたずらされたことが何度もあります。カノアで旅をしていた時、カノアの下からつき上げてきたり、カノアをこすって泳ぎ去ったり、二米くらいの所を大きな赤ボットだしぶきを上げ、後になったり先になったりしながら、後を付きまわされり、実に気味の悪い思いをした事は度々ありました。
 (SHIRAYANAGI, 1992, p. 3).

não, traduza peculiaridades locais como credences, costumes, superstições e modismos. Assim, o trecho mencionado traz elementos propositalmente inseridos como forma de caracterizar os termos utilizados na região.

As narrativas contidas nos escritos de Shirayanagi trazem elementos regionais e/ou fatos sociais ocorridos no interior do Amazonas, o que possibilita a percepção da formação de uma identidade cultural por meio das interações narradas associadas às pessoas da comunidade local. Tais narrativas, inclusive, acabam por ratificar a crença e/ou o entendimento nos mitos e lendas amazônicas já existentes, recriando cenários e inserindo elementos próprios durante o desenrolar dos contos, auxiliando assim na compreensão dos fatos, época, cultura e meio social. Pode-se perceber ainda, a presença constante da exaltação ao belo amazônico no corpo do texto. A utilização de palavras que enalteçam os elementos com os quais existem interações nos contos, se torna uma marca das escrituras do autor.

Pode-se ainda, perceber o entrelaçamento entre duas culturas absorvidas pelo autor, onde se materializam em palavras, crenças em lendas de ambos os países. No estado do Amazonas existe a lenda do Boitatá, uma espécie de cobra-de-fogo gigante que tem o intuito de proteger a floresta e os demais seres que ali vivem contra ameaças externas. No Japão, por exemplo, existe a lenda dos *Shinen-Gaki*⁷⁸, cuja alusão foi realizada pelo autor no trecho a seguir:

Mesmo que digam ser apenas fogo, não é um incêndio normal. Acredito que no Japão existam histórias sobre espíritos relacionados às casas antigas ou fogo que surge a partir de ouro enterrado. Entretanto, no Amazonas existem muitas estórias relacionados a fogos estranhos. (SHIRAYANAGI, 1992, p. 5, tradução nossa).⁷⁹

Tal fragmento trata-se do *Fogo-fátuo*, que se trata de um fenômeno totalmente natural oriundo de gases inflamáveis presente nos pântanos e cemitérios, proveniente dos corpos de seres vivos em avançado estado de decomposição. Contudo, o fenômeno também é considerado sobrenatural, pois, para os indivíduos da região, o fato é conjugado como uma espécie de espírito que emerge nas matas para afugentar aqueles que desejam fazer mal à floresta. Assim, essas imagens que são construídas

⁷⁸ *Shinen-Gaki* é uma das trinta e seis espécies de espíritos admitidos no Budismo japonês, que aparecem à noite, sob a forma de fogos errantes. (CASCUDO, 1976).

⁷⁹ 火と言ってもそれは普通の火ではない。日本でも人魂の話や、古い家には火が出るとか、埋もれた金は火となって現れるとかの話がありますが、ここアマゾンにも、こうした火の話が沢山あります。私の見たのもそうした類のものと思われます。(SHIRAYANAGI, 1992, p. 5)

a partir da experiência da vivência local, somados ao processo de individuação da compreensão do meio ambiente ao qual se está inserido, fazem o autor criar um novo arquétipo, com características mescladas, diferente dos contos ou lendas originais.

Paes Loureiro (1995) afirma que:

(...) o sujeito amazônico navega culturalmente num mundo *sfumato* (palavra italiana que significa esfumado dos desenhos. Na pintura é um efeito produzido pelo uso da estopa, ao invés do pincel) que funde os elementos do real e do irreal numa realidade única, na qual o poético vibra e envolve tudo em sua atmosfera. Dessa maneira, ele cria uma cultura de grande beleza e sabedoria, transformando o habitat, onde desenvolveu seu projeto pessoal e social de vida. E “provoca a interpretação das realidades do mundo físico com as do mundo surreal, criando uma zona difusa na qual a imaginação e o entendimento reproduzem o jogo que possibilita a existência da beleza” (LOUREIRO, 1995, p. 38).

Na obra, também existem textos que não mencionam ou evocam o Japão, mas que tem o cerne total voltado para a vivência na Amazônia. Shirayanagi se apropria de forma primorosa de termos típicos dos ribeirinhos do interior do Amazonas, como forma de se afirmar como integrante da comunidade local. O trecho a seguir, por exemplo, o autor demonstra um exímio domínio do conteúdo, representado por meio dos detalhes ao narrar a lenda do Curupira:

A lenda do Curupira é uma das lendas da Amazônia. É dito que ele é um espírito das montanhas e, também se diz que utiliza magia para enganar as pessoas. Ele tem a altura de uma criança e se parece com um humano e que ele realmente gosta de fumo. Se você lhe der fumo, terá uma boa caçada naquele dia sem nenhum esforço, mas se não lhe der fumo, não haverá caça e, ainda poderá se perder nas matas. Então, quando os nativos vão caçar, eles dizem que não se esquecem do fumo. Os nativos ainda alertam as pessoas que vão caçar dizendo: “*olha, curupira, leva, fumo*” (Não esqueça do seu fumo para o Curupira). Na minha vida na Amazônia, ouvi histórias de muitas pessoas que se perderam nas matas. Dois dias, três dias. Outra pessoa se perdeu por dez dias. Não sei se foi porque não levaram fumo consigo, mas os indígenas afirmam que provavelmente poderia ser por causa do Curupira. (SHIRAYANAGI, 1992, p. 2, tradução nossa).⁸⁰

⁸⁰ クルピラは、アマゾン伝説の一つで山の精とも言われ、魔法を使って人をだますと言われる。子供位の高さで人間そっくり、大変煙草が好きで、クルピラは狩人に会うと必ず煙草を所望すると言う。彼に煙草を与えると、その日は勞せずして豊狩となるが、もし煙草を与えないと狩りはなく、山に迷い里に出られなくなると言う。なので土人は狩りに行く時、煙草だけは忘れないと言う。彼等土人は、狩りに行く人に出会うと。オーリヤ、クルビーラ、レーフワ、フーモ”(クルピラに煙草を忘れるな。)と言って注意する。私はアマゾン生活の中で、何人もの山に迷った人の話を聞きました。二日、三日またある人は十日も山に迷ったのです。それが、クルピラに煙草をやらなかったからなのかは知りませんが、クルピラの話、土人はまことしやかに話すのです。(SHIRAYANAGI, 1992, p. 2).

Shirayanagi utiliza-se de uma narrativa fluida e estritamente explicativa para narrar de forma breve o que aprendera com os nativos indígenas e caboclos, a fim de justificar causos ouvidos e/ou vivenciados pelo autor ou pessoas próximas. Assim, as narrativas expressas em palavra escrita é uma maneira que a pessoa encontrar ao mudar para determinado lugar, pode externar a própria incorporação no ambiente local, por meio de experiências, símbolos, arquétipos, elementos míticos, inclusive a forma de narrar uma história, visto que, mesmo que seja em japonês, existe similaridade com a forma de expressão de um ribeirinho nativo amazônico.

3.2.1 Sobre as motivações de Toshio Shirayanagi

Toshio Shirayanagi nasceu em 16 de dezembro de 1910, na Província de Shizuoka, no Japão. Ele foi imigrante da primeira leva de *Amazon Kogyô Kabushiki Gaisha* e chegou na cidade de Maués em 2 de janeiro de 1930, onde se estabeleceu. Em Maués, atuou como lavrador, pescador e em seus últimos anos no município um respeitado comerciante de látex e insumos de consumo alimentícios.

Em 1970, decide se mudar para a capital amazonense, com vista de ter uma maior estabilidade de suas enfermidades desenvolvidas durante a vida. Na capital amazonense, passa a integrar um grupo de produção de haikai, o *Manaus Kukai*, a fim de se manter ativo quanto às produções literárias.

Em 20 de março de 1994, acaba falecendo por conta de um ataque cardíaco fulminante durante um encontro da oficina de produção de haikai da *Manaus Kukai*, pertencente à Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental.

3.2.2 Amazonas em palavras

A obra *Narrativas Amazônicas* está dividida em 3 partes (capítulos) curtas. No primeiro seguimento o autor reserva um espaço para registro de contos e lendas amazônicos absorvidos durante o tempo em que permanecera residindo no interior do estado do Amazonas, mais precisamente na cidade de Maués.

Na segunda e terceira parte, o autor deixa algumas impressões acerca de suas próprias experiências vividas durante sua vida no interior do Amazonas, bem como uma espécie de guia, onde o autor “paralisa” a narrativa dos fatos contados para

realizar breves esclarecimentos correlatos aos termos da flora (inseridos na segunda parte) e fauna (inseridos na terceira parte) que doravante serão utilizados no corpo do texto. Cabe ressaltar que nessas duas últimas partes, o autor insere falas dos ribeirinhos locais, como forma de reafirmar os conteúdos abordados nas narrativas.

Por se tratar de uma obra voltada para o público nikkei, não se considera necessário para o entendimento macro do que é contado, bem como, para se manter o clima de imersão por parte do leitor, certo conhecimento dos termos ribeirinhos amazônicos, assim, palavras como: mironga, queixada, igarapé, carnaúba, andiroba etc. bem como os nomes de comunidades amazonenses citadas pelo autor são explicadas de forma sucinta entre parênteses nas primeiras vezes que são citadas no corpo do texto.

Percebe-se que ocorreu uma adaptação adequada do autor em solo amazonense, mas ainda assim, na tentativa de melhor explicar o texto narrativo, ele acaba buscando algo semelhante no Japão, para consolidar sua fala. Assim, mesmo considerando que ocorreu um processo de “*enraização*” do autor no Amazonas, o que antes, foi consolidado como mítico, como lenda ou história no japonês permanece presente na narrativa, mas agora de forma comparativa neste novo ambiente onde ele se encontra.

A obra traz inúmeros elementos característicos amazônicos, como forma de criar um ambiente regional aos seus contos. Pelo fato de o autor ter residido boa parte de sua vida no interior do Amazonas, constatou-se o exímio domínio do vocábulo caboclo, o que acaba por exaltar o ribeirinho amazônida. Ressalta-se que tal absorção expressa em palavras, localiza esta obra como sendo amazônica, pois além de citar locais, traz elementos típicos regionais do interior do Amazonas.

(...) Já fui picado por arraias três vezes durante a minha vida na Amazônia. Na época em que estava em meu primeiro ano de assentamento, no mês de novembro, ao lançar uma rede de pesca durante a noite. Estávamos em uma praia de areia branca, há cerca de dois quilômetros de onde morávamos da cidade de Maués. Devido ao fato de em noites com vento, os peixes se acumularem perto da praia, é mais fácil de captura-los na praia com uma tarrafa. (SHIRAYANAGI, 1992, p. 19, tradução nossa).⁸¹

⁸¹ 私はアマゾン生活のうち三回もこのエイに刺されました。入植第一年目の十一月頃、夜に投網を打ちに行った時のこと。私達の住んでいた所からマウエス町まで約二キロは白砂。風の吹く夜は魚が風に吹き寄せられるので、それを浜から投網で捕るのです。(SHIRAYANAGI, 1992, p. 19.)

No fragmento mencionado, ao tratar de um acontecimento da vida, o autor relata o ocorrido de forma didática, descrevendo por meio da narrativa fluida, as praias do interior do Amazonas, bem como a fauna que orna o cenário, com isso o leitor pode ter uma dimensão acerca das curiosidades, bem como dos perigos presentes nesses lugares ermos e pouco desbravados, até então, pelo homem.

3.3 A terra natal está tão distante – Coleção de ensaios de imigrantes amazônicos (2005)

A lembrança do que fora vivenciado em uma atmosfera ainda desconhecida faz com que nasça o desejo de expressar em palavras os sentimentos saudosistas e, com isso, realizar um registro direto e claro das experiências de vida de um imigrante japonês. Assim surgiu, em 2005, a obra *A terra natal está tão distante – Coleção de ensaios de imigrantes amazônicos*, escritos e compilados por Toshiyuki Kawada.

Assim como as demais obras analisadas, foi produzida integralmente em japonês, como forma de servir de guia para os nikkei que pudessem vir a residir no Amazonas, além de ser uma forma de registro dos caminhos percorridos na região norte pelo autor e sua família, até o estabelecimento na capital Manaus.

A coletânea conta com 36 ensaios literários, divididos em duas partes. A primeira é composta por 29 textos que narram momentos vividos pelo autor desde a imigração para o Brasil e sua chegada na região amazônica e sua passagem pelos estados do Acre, Rondônia e Amazonas. A segunda parte contém 7 ensaios escritos pela esposa Sachiko Kawada, em que trata de sua perspectiva referente a acontecimentos vividos enquanto residente da região Norte.

O texto apresentado, mesmo sendo escrito em japonês, é de fácil assimilação e transmissão de informações, pois utiliza vocabulários e estruturas simplificados e mais atuais que obras anteriormente mencionadas. Se evidenciam em certos momentos, a proposição de discussões e reflexões sobre o referido tema, sem o compromisso com o rigor e com o método científico, ainda se apresentam argumentos bem contundentes, como pode-se observar no trecho a seguir:

A partir da criação da Escola Japonesa, um grupo de empresas japonesas passou a ter ações mais participativas nas ações locais. Assim, empresas japonesas começaram a realizar doações de prêmios para várias competições, dentre elas: concursos de canto, bingos, festivais esportivos, jogos de beisebol ou *softbol* e *Bon Odori*. Assim, palavras japonesas como *undokai* e *karaoke*, acabaram sendo

incorporadas no vocabulário de alguns brasileiros envolvidos. (KAWADA, 2005, p. 81, tradução nossa).⁸²

O autor discorre sobre a relevância do envolvimento das empresas japonesas com a comunidade nikkei amazonense. Tal relação resultou no fortalecimento de associações locais, na criação de uma escola desenvolvida aos moldes de uma escola tradicional japonesa, para que os filhos dos novos imigrantes pudessem manter o vínculo com o país de seus progenitores e, por fim, a difusão da cultura, valores e preceitos japoneses para os brasileiros, não-descendentes, que mantinham relação com a comunidade nikkei no Amazonas.

3.3.1 Sobre as motivações de Toshiyuki Kawada

Toshiyuki Kawada nasceu em 26 de março de 1930, na cidade de Nagasaki. Aos 15 anos, foi considerado um sobrevivente da explosão da bomba atômica, por conta de um motivo inusitado. No dia em questão, ele foi visitar o avô que estava internado no Hospital da Universidade de Nagasaki. Após a visita, recolheu as roupas usadas pelo ancião para que fossem lavadas e se dirigiu à estação para retornar à cidade vizinha de *Imafuku*, onde residia. Pouco tempo após o regresso ao lar, ocorreu a explosão da bomba *Fat-Man*, cujo epicentro estava a cerca de 30 quilômetros de distância de onde o jovem se encontrava.

Com o fim da guerra e a rendição do Japão, a força de ocupação americana realizou uma reforma agrária, com efeitos severos aos japoneses. Com isso, a família Kawada, que era proprietária de grande área da terra, acabou perdendo a maior parte da terra para o novo sistema de governo. Na proposta, cerca de 60% do que produziam deveria ser repassado ao governo, lhe cabendo apenas os 40% restantes. Segundo Aquino, (2009):

Sob a direção do general MacArthur, empreenderam-se reformas radicais, sobressaindo-se: a dissolução dos *Zaibatsu* (grandes conglomerados); a reforma agrária de 1946, que pôs fim às grandes propriedades e converteu 70% do campesinato em proprietários de

⁸² 進出企業グループによる日本人学校の設立をはじめ、活発な活動を行うようになった。歌合戦、ピ
ンゴ、運動会、野球、ソフトボール、盆踊り等色んな大会の賞品として日系企業から寄贈があり、オ
ートバイ、テレビ、ラジオ、時計などその賞品の豪華さにはブラジル人社会にまで評判となつた。運
動会は日本語がそのまま UNDOKAI として一部の伯国人の間に固有名詞として定着した。カラオケ
も同じである。(KAWADA, 2005, p. 81.)

pequenos lotes de terra; a extinção das indústrias bélicas; o desarmamento e a desmilitarização do país e a promulgação da Constituição de 1947, estabelecendo um regime parlamentar com poderes limitados para o imperador. (AQUINO, 2009, p. 483)

Toshiyuki Kawada era esportista e, no secundário (hoje, o ensino médio), por volta do final da década de 40, foi o capitão do time de Rugby da Escola Científica e Técnica da Cidade de Hirado, na província de Nagasaki. Durante esse período, a convite de uma amiga, Sachiko Terada foi fazer parte de uma torcida organizada para o time da escola, em partida pelo campeonato da província. Na ocasião, Toshiyuki e Sachiko acabaram se conhecendo e em seguida passaram a se relacionar. Após alguns anos de relacionamento, os dois firmavam um laço matrimonial.

Cinco anos após o casamento entre Toshiyuki e Sachiko, a família Kawada tomava conhecimento da propaganda de imigração japonesa para exterior, assim o patriarca da família na época, o Sr. Taisuke Kawada, pai de Toshiyuki decide imigrar para o Brasil, com o intuito de ser um grande latifundiário e, assim, ter alguma compensação pelas terras perdidas com a reforma agrária realizada, anos antes, pelos americanos no Japão.

O estado brasileiro do Acre (na época, ainda classificado como Território Federal), foi designado para a imigração da família Kawada. Assim Toshiyuki e Sachiko, juntamente da filha Yuko (de 5 anos) e Takuya Kawada (com apenas 5 meses de vida), partiram do Porto de Kobe, em março de 1959, com destino ao Brasil. A viagem durou cerca de 30 dias até o porto de Belém do Pará e, mais 60 dias subindo o rio até Rio Branco/AC em um barco de linha regional.

Em 1964, Toshiyuki decide mudar do Acre, por conta dos altos índices de óbitos causados pela malária na região. Assim, passam a residir em Porto Velho - RO, também classificado como Território Federal de Rondônia, onde atuou como tesoureiro da *Cooperativa Agrícola Mista da Colônia 13 de Setembro*⁸³. Dez anos mais tarde, em 1974, mudava-se novamente para cidade de Manaus, com a esposa e seus dois filhos.

⁸³ Colônia Japonesa localizada a cerca de 12 quilômetros do Centro de Porto Velho, possui uma área de aproximadamente 23 hectares. Foi fundada em 1954 com a premissa inicial do cultivo de Seringueiras, sofrendo alterações para criação de aves e ao cultivo de verduras e hortaliças. Hoje é a sede da Associação Cultural 13 de setembro.

Em 1999, após o falecimento da esposa, Toshiyuki Kawada, revisita antigos escritos próprios e, passa a escrever ensaios e poemas *Tanka*, de forma mais contundente.

Com escrituras dispostas de forma detalhista e grande acervo de informações histórico-social complementares, os ensaios compilados nessa obra comtemplam um apanhado de 60 anos de história pessoal familiar, entrelaçada com o percurso imigratório nikkei para a Região Norte e o estado do Amazonas. O trecho a seguir exemplifica a forma de escrita e abordagens do autor:

Era uma noite chuvosa e enevoadada quando chegamos a Belém. As formalidades de imigração foram realizadas imediatamente e os colonos recém-chegados na região amazônica transferiram suas cargas para embarcações que subiriam o rio com o nascer do sol. Ali, eu não era o único que sentia que a conexão com o Japão havia sido subitamente cortada. O nome da embarcação que nos levava pelo Rio Amazonas era Cuiabá, pesava cerca de 600 toneladas, possuía três andares e turbina a vapor. Parecia com os navios que subiam o Rio Mississipi, que eu vi em um filme americano. (KAWADA, 2005, p. 10, tradução nossa).⁸⁴

O entendimento de que uma nova fase se iniciaria ali, expressa o sentimento do autor no que tange a sua percepção de posicionamento social, visto que, já não era mais um residente do Japão e sim um estrangeiro em uma terra desconhecida, que doravante deveria ser classificada como um novo lar. Percebe-se ainda em outros fragmentos do texto, um sentimento de exaltação à nova realidade, por parte do autor, ao descrever rotinas vividas no interior da Amazônia, fazendo comparativos com certos elementos existentes em sua distante terra natal.

Quando as vacas começam a dar à luz, o tempo é quase o mesmo e elas nascem quase todos os dias. Nessa época, muitas vezes fui convidado para visitar as fazendas dos moradores locais. disticia e outros. Um pouco de estudo no Japão foi útil do outro lado do mundo. Ao contrário do Japão, existem muitas vacas que podem ser usadas como material didático, então minhas habilidades estão melhorando constantemente. (KAWADA, 2005, p. 9, tradução nossa).⁸⁵

⁸⁴ ベレンに着いたのは雨にかすんだ夜だった。直ちに入国手続きを行い、アマゾン地方に入植する人々は上流へ遡る河船に荷を移し替えたのは朝日が昇るころで、日本船は汽笛を長く鳴らしながら南のサントス港へ向けて出航していった。日本とのつながりがプツンと切れたような気がしたのは私だけではなかった。このアマゾン河を遡る船のクヤバ号は六百トン位で船底の浅い蒸気タービンの三階建て、アメリカ映画に見るミシシッピー河の船のようなものであった。(KAWADA, 2005, p. 10.)

⁸⁵ 牛のお産が始まるころは時期がほぼ一緒に連日のように産まれる。このころになると良く呼ばれて現地人の牧場に出かけることがある。難産その他である。日本で少しばかり勉強したのが地球の反

Diante disso, fica claro o desejo do autor de manter as memórias de ações vividas por ele preservadas, além de fazer com que esses registros possam se tornar elementos norteadores para as próximas gerações nikkei que vierem a residir em solo amazônica.

Cabe ressaltar que, Toshiyuki foi um atuante membro pertencente à comunidade japonesa local, participando, inclusive, de diversos eventos, que objetivavam a difusão cultural japonesa na cidade de Manaus, bem como no Amazonas. Como exemplo, pode-se citar a participação em um evento cultural japonês que promovia um contato de pessoas residentes em zonas periféricas da cidade de Manaus com o Japão, tendo com palco o Teatro Amazonas, no centro da capital amazonense. Nesse evento estavam presentes autoridades locais e convidados influentes, vindos do Japão exclusivamente para a participação do referido evento. Tal ação é descrita a seguir em um dos ensaios compilados na obra:

No dia do evento, as pessoas vindas da periferia de Manaus foram reunidas na plateia do teatro, e finalmente a cerimônia teve início, tendo o Sr. Ogi como anfitrião. Por conta de uma condução sublime, eu me sentia, como se tivesse sido levado para outra realidade. Após o fim da exibição cinematográfica de *Zatoichi*⁸⁶ de *Shintaro Katsu*⁸⁷, um outro filme que mostrava belas paisagens do Japão se iniciou. Percebi que era um cenário nostálgico, era a costa de Ariake na Província de Nagasaki. (...) Quando penso nos meus familiares que ali residiam, é realmente doloroso, e meu coração sofre. (KAWADA, 2005, p. 93, tradução nossa).⁸⁸

Se mostra evidente com a expressão em palavras dos sentimentos nostálgicos relacionados à terra natal, bem como o saudosismo ao se lembrar com claro carinho dos entes queridos, que outrora residiam no Japão.

対側で役にたった。日本と違って教材になる牛はいくらでもいるから、着々と腕が上がってくる。お産を終えた牝牛の出ないのがたまにある。(KAWADA, 2005, p. 9.)

⁸⁶ Nome do personagem criado por Kan Shimosawa, protagonista cego, mas, mestre de lâminas pertencente a uma série de filmes e programas de TV do Japão, transmitidos entre 1962 a 1989.

⁸⁷ Foi um ator, cantor e produtor famoso e atuante no Japão desde 1955 à 1990.

⁸⁸ いよいよ当日、テアトロにマナウス近郊の方々をあつめて、荻さんの司会でメインイベントがはじまった。彼の軽妙な司会振りに一同別世界に誘われた気分になった。勝新太郎の座頭市のフィルム上演がおわるとすかさず次のフィルムがはじまり、日本の美しい風景が映った。はて、見たような風景だと思っていると、なつかし長崎県の有明海岸であった。(...) ご家族の胸中を思うと実にせつなく、苦しいまでに胸が痛む。(KAWADA, 2005, p. 93.)

3.3.2 O Amazonas na visão do ensaísta

Por se tratar de uma obra que contém um compilado de textos que narram o processo migratório, o estabelecimento e o cotidiano de um migrante japonês na região norte do Brasil, a obra não se atém às narrativas decorridas somente no estado do Amazonas. Existem relatos de fatos ocorridos nos estados do Acre e Rondônia. Contudo, a contemplação do belo amazônico, a exaltação das maravilhas encontradas no Norte do Brasil, bem como a escrita detalhista e informativa se mostram como marcas predominantes em todos os textos apresentados na obra.

No ensaio literário, cujo o título é: *Criação da Câmara Japonesa de Comércio e Indústria da Amazônia*, Toshiyuki, ao relatar sobre um parente japonês que veio visitá-lo em Manaus, tece diversos elogios à cidade de Manaus e enaltece as belezas do Amazonas, conforme a seguir:

(...) o ponto alto do turismo amazônico são os passeios fluviais, o sol, a água e o verde abundante. Contudo, existem outras atrações como o Teatro Amazonas, o Museu do Índio, o Museu da Natural Amazônico, o cultivo de orquídeas etc. Meu irmão mais novo, Shinichi, veio de Porto Velho, e minha filha mais velha, Yuko, que, há 29 anos, não via Hiroko (minha prima), também se juntou ao nosso grupo de excursão. Passamos parte de uma noite em um restaurante típico amazônico e, enquanto eu explicava o que eram e como eram feitos os pratos servidos, desfrutávamos de uma deliciosa refeição. Até então, para mim, era natural visitar o Japão, mas pelo fato de meus parentes consanguíneos terem vindo me visitar no Amazonas, fiquei profundamente emocionado. Dias após de nos separarmos, senti como se tivesse tido um lindo sonho. (KAWADA, 2005, p. 97, tradução nossa).⁸⁹

O fragmento mencionado demonstra o senso de pertencimento que Toshiyuki tinha em relação ao seu novo lar escolhido. Tanto que fez questão de ser o “guia” de viagem para os seus familiares. Ficou claro que o nikkei percebeu que a “floresta” por ter lhe oferecido meios de subsistência como alimentos e remédio, com isso, surgiu

⁸⁹ アマゾン観光の目玉は、何と言っても河めぐりで、太陽、水、緑である。その他テアトロ・アマゾン、インジオ博物館、アマゾン自然博物館、蘭の栽培などがある。弟の信一はポルトベリョから出てきて、浩子とは二十九年振りに会う長女の悠子も弟とツアーの一行に加わり案内する。一夜郊外のアマゾン料理店で食べ物の説明をしながら楽しい食事をする。私が訪日するのは当然のことであるが、血縁がアマゾンの果てまできてくれたのにはすごく感激し、別れてからも数日は何が何だか夢をみた後のように思えた。(KAWADA, 2005, p. 97.)

um sentimento de pertencimento e, conseqüentemente, o desejo de manter-se pleno e saudável na Amazônia.

Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2019, p. 47) salienta que as identidades nacionais das quais os indivíduos tomam parte não estão impressas em nossos genes, mas se desenvolvem a partir das culturas nacionais que foram absorvidas. Nesse entendimento uma nação é vista como um símbolo, o que faz com que o indivíduo crie um sentimento de pertencimento à aquela lugar e desperte um sentimento de identidade e lealdade. No caso, Toshiyuki, não se via mais como um puro japonês, mas sim, um cidadão da Amazônia, e como tal, teria propriedades para guiar os demais em uma jornada de descobertas pela mata.

Essa evolução é percebida no transcorrer dos textos, considerando que os, até então, compreendidos sentidos de orientação e posicionamento social do imigrante em solo amazônica foram reelaborados, adquirindo novos significados, valores, lógicas e símbolos que resultaram em uma mescla entre o oriente e o ocidente, tornando o indivíduo um novo ser misto, constantemente transitando entre essas duas perspectivas, mesmo habitando em uma só realidade, similar do caboclo amazônica. Nesse sentido, Candido em *Literatura e Sociedade* (2006), postula que:

(...) a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma *praxis* socialmente condicionada. Mas isto só se torna possível graças a uma redução ao gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da ilusão e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão do mundo. (CANDIDO, 2006, 64.)

Diante disso, entende-se que a obra estaria destinada a todos que desejam ter um entendimento mais amplo de como era a rotina do nikkei recém-chegado na Amazônia e também sobre o processo de adaptação à nova realidade. Cabe ressaltar que, apesar de o autor não ter residido em um único estado do Norte do Brasil, essa obra pode ser caracterizada com elementos suficientes para classificá-la como amazonense, mesmo considerando que existiram passagens narradas fora do Brasil, ela é classificada, também, como uma escritura amazônica, por abranger, cenários, falas e elementos característicos de outros estados brasileiros.

3.4 Considerações finais do Capítulo III

Diante do que foi exposto anteriormente, percebeu-se que as obras analisadas no Capítulo III possuem como cenário mais propício à paisagem da Amazônia. E somente a obra de Toshio Shirayanagi pode ser caracterizada com sendo totalmente amazonense, visto que, as narrativas contidas na obra, tem como plano de fundo a zona rural do município de Maués, bem como a cidade de Manaus, ambas cidades do estado do Amazonas. Os mistérios da ficção, em que a realidade e a fantasia se entrelaçam, são também o cerne da paixão e do talento desse escritor nikkei. Nesse contexto, Antonio Candido considera que a literatura é:

(...) uma transposição do real para o ilusório, por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres e os sentimentos (...), implicando uma atitude de gratuidade. (CANDIDO, 2006, p. 63).

Portanto, a ficção ou mítico propostos por Shirayanagi, mescla-se com a realidade do cotidiano, reposicionando a narrativa, destacando os elementos formadores, ou seja, trazendo à luz, conceitos regionais do entendimento caboclo amazônida.

As obras escritas por Sachiko e Toshiyuki Kawada exemplificam a evolução pessoal do imigrante nikkei, desde a chegada em solo amazônico, desbravando a mata, suportando inúmeras dificuldades até o desenvolvimento do sentimento de pertencimento às comunidades que fizeram parte e sendo aceitos como caboclos amazônicos. Sachiko consegue expressar em poemas os sentimentos mais íntimos de tristeza, dor, alegria e finalmente a felicidade plena por conta da composição da família que a acompanhou até os últimos dias de vida. Toshiyuki, por sua vez, transmite por meio de uma narrativa fluida, simples e direta, os sentimentos que pairavam em determinados momentos de sua vida, culminando em expressões de orgulho de toda a trajetória. Para ele, o ato de registrar era preciso, visto que um dia, a vida se vai e junto com ela, um apanhado de memórias que se perderiam, assim, sua escritura era uma forma de preservar seu legado, além de servir como guia para futuras gerações.

Portanto, ao se fazer a analogia com o título do Capítulo III, as obras mencionadas são reflexos de uma comunidade nikkei que cruza o oceano em busca de melhores condições de existência e encontra na Amazônia um conjunto de elementos novos que passam a incorporar sua realidade, assim, em muitos casos,

acabam buscando justificativas em lendas e mitos da terra natal entrelaçados com os mitos e lendas da região amazônica para compreender acontecimentos do cotidiano. Tal qual um espelho, essas escrituras refletem diferentes imagens criando, algo totalmente novo, fundindo duas culturas e ratificando a existência dos japoneses que residem no norte brasileiro.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do percurso da presente dissertação, é possível reafirmar que a imigração nikkei para a região Norte trouxe contribuições relevantes para o desenvolvimento econômico, social, cultural e literário. Nesse novo espaço de inserção, os indivíduos japoneses e descendentes tornaram-se híbridos, ou seja, entrelaçados com diversos elementos pertencentes à cultura, ao processo criativo, valores e comportamentos que transitam entre a perspectiva japonesa e brasileira.

As escrituras desenvolvidas por nikkei em terras amazônicas caracterizam o conceito do entre-lugar conforme preconiza Silviano Santiago, em *Uma leitura nos trópicos* (2000). Portanto, no caso dos japoneses e descendentes, estão arranjados em uma fronteira social, assim, mesmo 'limitados' à comunidade, a interação surgia como contornos dos movimentos em prol da busca por afetos e razões para fixar-se na nova terra.

Nesse sentido, sentimentos como: o estranhamento, o medo, a alegria etc. são expressos por meio da manifestação, com características autobiográficas, forjadas em palavras escritas. A impetuosa floresta amazônica é parte do encantamento, do medo e da inspiração para a tessitura do texto. Logo, o entre-lugar delineado para os imigrantes nikkei em solo amazônica não é caracterizado como um paraíso nem um completo inferno, mas é o resultado do que é vivenciado e produzido a partir da existência que acompanha o banzeiro.

Durante a busca e análise das produções literárias nikkei desenvolvidas em solo amazônico foi possível ver pontos sincrônicos e diacrônicos do percurso de vida do imigrante entre a ficção que corporifica como verdade na lenda contada por um ribeirinho, classificando-a como um aporte de um fazer literário-suplemento que amplia as produções da literatura amazonense contemporânea por meio de elementos formadores característicos, que delineiam um cenário com características do Amazonas e da Amazônia. Nesse sentido, o Capítulo II trouxe um apanhado de 7 obras produzidas por nikkei, categorizadas em três grupos: Poesia, Prosa e Ensaio Literários, conforme proposta inicial da pesquisa.

Após análise das obras em poesia: *Amazon ni iku – Vol I (A vida na Amazônia – Vol I*, de Hisako Toguchi e *Amazonia (Amazônia)*, de Toshiko Yamaguchi; em prosa: *Embaúba: Uma árvore e muitas vidas*, de Noêmia Kazue Ishikawa; *Kodomo no tomo*

– *Garashi to Kurupira (Contos Infantis – Garashi e o Curupira)* e *Orochi no sumu mori – watashi no Amazon (A floresta onde mora a Cobra Grande – Minha Amazônia)*, de Suma Jinnai; e o Ensaio Literário: *Amazon no hohon neppu-roku (Máximo (Recorde) de ar quente na Amazônia)*, de Gôta Tsutsumi, constatou-se que os escritos mencionados não podem ser classificadas tão somente como amazonense, considerando que as obras apresentam elementos formadores que posicionam as narrativas e versos em qualquer território com características amazônicas. Algumas delas, inclusive, são escrituras que ultrapassam limites territorialistas pré-estabelecidos, podendo ser considerados universais.

Em contrapartida as obras em poesia: *Manausu Kukai shu (Coletâneas de Haikai da Nippaku – Manaus)* e *Hana to chō (Flores e Borboletas)*, de Sachiko Kawada; em prosa: *Amazon no hiroi hanashi (Narrativas Amazônicas)*, de Toshio Shirayanagi; e os ensaios literários: *Furusato wa tooku ni arite – amazon imin no esseishu* e *Katamichi kippu – Mitsurin wo hiraki chuubu amazon no jidai wo hiraita otoko no kiroku (A terra natal está tão distante – Coleção de ensaios de imigrantes amazônicos)* *Katamichi kippu – Mitsurin wo hiraki chuubu amazon no jidai wo hiraita otoko no kiroku (Passagem só de ida aos confins da Amazônia – Um registro de um homem que foi o pioneiro no meio de uma selva e iniciou uma era na Amazônia)*, de Toshiyuki Kawada, constituem-se como produções literárias com maiores características amazonenses, visto que, possuem como cenário mais propício à paisagem amazônica, transcrevendo em narrativas, lugares pertencentes ao estado do Amazonas, mesmo que, em momentos pontuais descritos nas obras, existam elementos alusivos a outros territórios.

Cabe ressaltar que, as menções a lugares externos ao Amazonas servem, na grande maioria dos escritos, como uma ponte comparativa, que os autores, apoiam-se a fim de externar sentimentos saudosistas e contemplativos à própria vivência no Amazonas.

Ademais, parte das escrituras podem ser classificadas como memorialistas, visto que, remetem-se à acontecimentos vivenciados pelos autores ou por pessoas próximas. Shirayanagi, por exemplo, traz na narrativa, elementos alusivos às lendas amazônicas para justificar experiências próprias em solo amazônica, formando uma escritura híbrida, transitando fluidamente entre o oriente e o ocidente.

Portanto, considera-se que as representações trazidas nas obras mencionadas são como reflexos da comunidade nikkei residente do Norte brasileiro.

Logo, o reflexo traz imagens distintas que contribuem para a criação de algo totalmente novo, unificando duas culturas para ratificar a presença dos imigrantes em meio a condições iniciais nada favoráveis.

Assim, observando a proposta inicial de pesquisa, os percalços encontrados durante a realização da coleta das obras, bem como o processo produtivo da dissertação, acredita-se que a pesquisa obteve êxito no que se refere aos achados mencionados. Cabe ressaltar a relevância das narrativas coligidas para o auxiliar na compreensão do processo imigratório nikkei para o Norte do Brasil

Diante do exposto, espera-se que a presente pesquisa possa contribuir para futuros estudos, relacionados à literatura produzida por imigrantes japoneses no Amazonas, bem como no restante do norte brasileiro. É importante que os escritos nikkei não se percam e possam tornar-se evidentes à academia e ao grande público. Sendo assim, espera-se, ainda, que a dissertação seja apenas o início de uma busca contínua, por mais narrativas a serem descobertas, analisadas e difundidas, possibilitando a divulgação de novos escritores, possíveis traduções e outras perspectivas nas análises mais aprofundadas de cada achado.

5. REFERÊNCIAS

- ALIANÇA Cultural Brasil-Japão. **O livro dos Hai-kais**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1987.
- AQUINO, Rubim Santo Leão de. **História das sociedades: das sociedades modernas às sociedades atuais**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2009.
- Ato Institucional 5**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVil_03/AIT/ait-05-68.htm> Acesso: 27 de fev. 2022.
- ASTON, W. G. **A history of Japanese Literature**. Tokyo – Japan: Tuttle Company, 2000.
- BASHÔ, Matsuo. **O eremita viajante: haikus – obra completa**. Organização: Joaquim M. Palma. Portugal: Assírio & Alvim, 2019.
- BRAGA, Sérgio. **Quem foi quem na Assembleia Nacional Constituinte de 1946**. Brasília, Câmara dos Deputados-Setor de Publicações, 1998.
- CABRAL, A.; SCHNEIDER, M. **O legado de Stuart Hall e a Comunicação Comunitária. Matrizes**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 107-124, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/122596>>. Acesso em: 6 mar. 2022.
- CAMPOS, Haroldo. **Escrito sobre Jade: poesia clássica chinesa**. São Paulo: Ateliê. 2009.
- CAMPOS, Haroldo. **Ideograma: Lógica, Poesia, Linguagem**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. Prefácio de Luís da Câmara Cascudo. 13. ed. São Paulo: Global, 2004.
- CASCUDO Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1976, 480 p.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Global, 2006.
- CUNHA, Fernando Cesar Pereira da. **A Imigração Japonesa No Brasil: O Caso do “Pioneirismo” Macaense (1890-1945)**. Universidade Federal Fluminense - Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, 2020.
- DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Editora Horizonte, 2012.

- FERREIRA, Cacio José. **O haikai se muda: o Amazonas no galho penso de orvalho**. In: FERREIRA, Cacio José; OLIVEIRA, Rita Barbosa de (org.). *Casulos de Imagens: a poesia japonesa no Amazonas*. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2017.
- FILHO, M. Alves. **Da xenofobia pintada de amarelo ao “quase silêncio” dos intelectuais**. *Jornal da UNICAMP*, Campinas - São Paulo, Ed. 399, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FRANCHETTI, Paulo; DOI, Elza Taeko. **Haikai: antologia e história**. Campinas: Ed. Unicamp, 2012.
- GUTTILLA, Rodolfo Witzig. **Boa companhia – Haikai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.
- HARADA, Kyoko **Amazon Kiyose**. Associação Pan-Amazônica Belém - PA, 2004.
- HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. **A imigração japonesa na Amazônia: sua contribuição ao desenvolvimento agrícola**. Brasília, DF: Embrapa, 2016.
- IBGE, **Censo 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>> acesso em 22 de março de 2022.
- IOTTI, Luiza Horn. **A Política imigratória brasileira e sua legislação - 1822-1914**. In: X Encontro Estadual de História, 2010, Santa Maria. O Brasil no Sul : cruzando fronteiras entre o regional e o nacional / X Encontro Estadual de História de 26 a 30 de julho de 2010. Porto Alegre: ANPUH-RS, 2010.
- ISHIZU, Tatsuo. **Imigração Japonesa: Monte Alegre do Pará - 1950 - 1960**. In: XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH: 50 Anos, 2011, São Paulo. XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH: 50 Anos. São Paulo: ANPUH - SP, 2011. v. 1.
- KATO, S. **Tempo e espaço na cultura japonesa**. Trad. Neide Nagae e Fernando Chamas. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Obras reunidas**. São Paulo: Escrituras Editora, 2000
- MASUDA, Goga. **O haikai no Brasil**. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 1988.
- MATSUI, Taro. **A barca vazia. (Utsuro-bune)**. Tradução (japonês/português) de Lídia Ivasa. Organização Associação Cultural e Literária Nikkei Bungaku do Brasil e Michiyo Nakata. São Paulo: Escrituras, 2015
- MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais**. Porto Alegre: Grafosul, Instituto Estadual do Livro, 1975.
- MARQUES, Kamila Cristiny Pereira. **O Shinsengumi e a queda do xogunato Tokugawa (1600-1868): a expressão dos valores de uma sociedade guerreira**. Monografia (Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- MORAIS, Fernando. **Corações Sujos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.
- MORIWAKI, R.; NAKATA, M. **História de Ensino da Língua Japonesa no Brasil**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2008.
- NAKAGAWA, Hisayasu. **Introdução à cultura japonesa: ensaio de antropologia recíproca**. São Paulo: Fontes, 2008.
- NAGAI, Akira. **Tomé-Açu na Amazônia 1929-1979**. Tomé-Açu: Associação Cultural de Tomé-Açu, 1979.
- NAGAI, Akira. **Um Nikkei da Terra dos Tembés**. Belém: Alves Gráfica, 2002.
- NISHI, M. **A literatura dos japoneses no Brasil e a questão do caboclo**. Estudos Japoneses, (34), 91-107. 2014.
- NISHIKIDO, Linda Midori Tsuji. **Hábitos alimentares esmerilhados pelos imigrantes japoneses do pós-guerra no Amazonas (1953-1967): a reconstrução do passado através da memória**. Dissertação (Mestrado); Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.
- PERAZZO, Priscila Ferreira. **Prisioneiros de guerra: a reclusão dos imigrantes indesejáveis (Brasil: 1942-1945)**. Revista Seminários. São Paulo, v.3, n.3, p. 1-4, 2003.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira, prosa de ficção de 1870 a 1920**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973
- PORTO, Patrícia. **Narrativas Memorialísticas: Memória e Literatura**. Revista Contemporânea de Educação, Rio de Janeiro, p. 195 - 211, 08 dez. 2011.

- SÁ, M.E.B. de. ***A imigração japonesa no Amazonas à luz da Teoria das Relações Internacionais***. Manaus: EDUA, 2010.
- SÁ, M.E.B. de. ***A presença dos koutakusei no Amazonas: uma análise a partir do Paradigma Realista das Relações Internacionais***. In: HOMMA, A.K.O. et al. (Org.) Imigração japonesa na Amazônia: contribuição na agricultura e vínculo com o desenvolvimento regional. Manaus: EDUA, 2011.
- SAKURAI, Célia. ***Imigração japonesa para o Brasil: um exemplo de imigração tutelada***. In FAUSTO, B. (org.) Fazer a América. A Imigração em Massa para a América Latina. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 201-238, 1999.
- SAKURAI, Célia. ***Imigração Tutelada. Os japoneses no Brasil***. Tese de Doutorado. IFCH/UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2000.
- SAKURAI, Célia. ***Tensões dentro de um mesmo grupo: os japoneses do pós-guerra e os antigos imigrantes***. Anais do XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu. Minas Gerais, 2004.
- SANTOS, Bruno Hermes de Oliveira. ***Um sonho de pertencimento: o fenômeno comunitário à luz do pensamento de Zygmunt Bauman***. Revista *Habitus*. IFCS – UFRJ V. 12, N. 2, Rio de Janeiro, 2014.
- SASAKI, E. M. ***Estudos de Japonologia no período Meiji***. ESTUDOS JAPONESES (USP), v. 37, p. 20-33, São Paulo, 2017.
- SCLIAR, M. ***Sonho em movimento: a imagem do imigrante na literatura brasileira***. Revista USP, (36), 136-139, São Paulo, 1998.
- SILVA, A. V. F. da. ***A trajetória de consagração de Paulino de Brito em periódicos belenenses oitocentistas***. Contexto - Revista do Programa de Pós-Graduação Em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, v. 1, p. 554-582, Espírito Santo, 2021.
- SILVA E SILVA, Rafael da.. ***O Drama da Colônia Japonesa de Santos Durante a Era Vargas***. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. Anais do XXVI simpósio nacional da ANPUH - Associação Nacional de História. São Paulo, 2011.
- SILVA, Micael Alvino da. ***Vigilância aos súditos do eixo na parte brasileira da tríplice fronteira (1942-1943)***. Dissertação - Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Estadual de Maringá. 2010.
- SILVA, R. da S. ***A Colônia japonesa de Santos (1908-1945): Formação e Desenvolvimento em uma cidade em transformação***. Cadernos CERU, 23, 153-174, São Paulo, 2012.

YURA, D.. *Ser ou não ser japonês? Um processo identitário em construção*. AFROASIA, v. 1, p. 9-42, Salvador, Bahia, 2019.

5.1. OBRAS COLIGIDAS

ASSOCIAÇÃO NIPO-BRASILEIRA DA AMAZÔNIA OCIDENTAL - NIPPAKU, *Kushu Manaus, N° 9*, 1992

ASSOCIAÇÃO NIPO-BRASILEIRA DA AMAZÔNIA OCIDENTAL - NIPPAKU, *Kushu Manaus, N° 11*, 1994

ASSOCIAÇÃO NIPO-BRASILEIRA DA AMAZÔNIA OCIDENTAL - NIPPAKU, *Kushu Manaus, N° 19*, 2003

ASSOCIAÇÃO NIPO-BRASILEIRA DA AMAZÔNIA OCIDENTAL - NIPPAKU, *Kushu Manaus, N° 20*, 2004

ASSOCIAÇÃO NIPO-BRASILEIRA DA AMAZÔNIA OCIDENTAL - NIPPAKU, *Kushu Manaus, N° 21*, 2005

ISHIKAWA, Noemia K.; YUMOTO, T.; MAGNUSSON, W. E. *Embaúba - Uma árvore e muitas vidas*. 1. ed. São Paulo: Editora Escrituras, 2016.

JINNAI, Suma. *Kodomo no tomo – Garashi to Kurupira*. 2. Ed. Editora Fukuinkan Shoten Publishers, Inc. Tóquio – Japão, 2004.

JINNAI, Suma. *Orochi no sumu mori – watashi no Amazon*. 1. Ed. Editora Yoshimasa-dō insatsu kabushikigaisha. Tóquio – Japão, 2018.

KAWADA, Sachiko. *Hana to chō*. [s.n.]; Manaus – Amazonas, 1999.

KAWADA, Toshiyuki, *Furusato wa tooku ni arite – amazon imin no esseishu*. [s.n.]; Manaus – Amazonas, 2005.

KAWADA, Toshiyuki, *Katamichi kippu – Mitsurin wo hiraki chuubu amazon no jidai wo hiraita otoko no kiroku*. [s.n.]; Manaus – Amazonas, 2005.

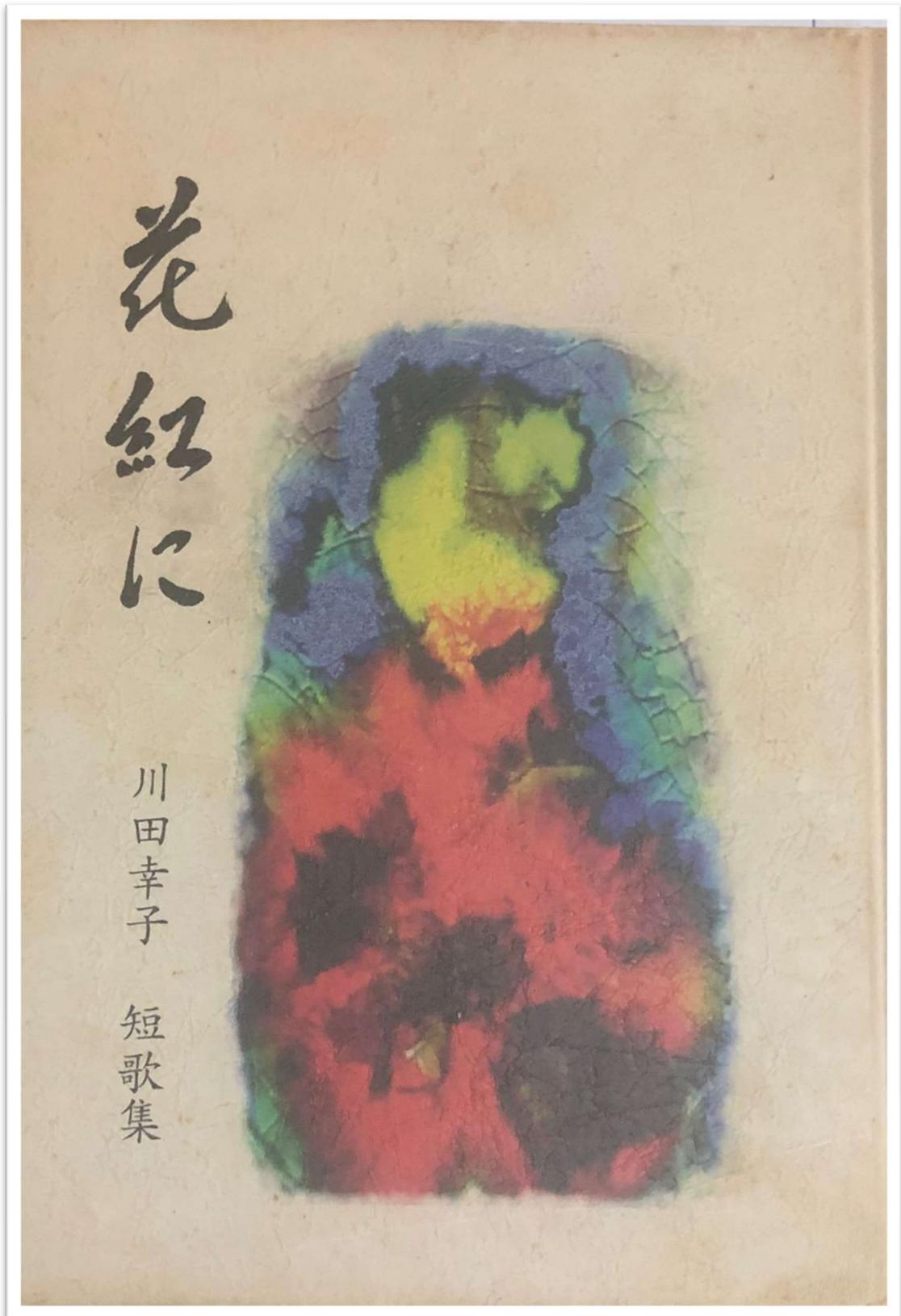
SHIRAYANAGI, Toshio, *Amazon no hiroi hanashi*. [s.n.]; Manaus – Amazonas, 1992.

TOGUCHI, Hisako. *Amazon ni iku - Vol I*. Ed. Editora Toppan-Press São Paulo – São Paulo, 2005.

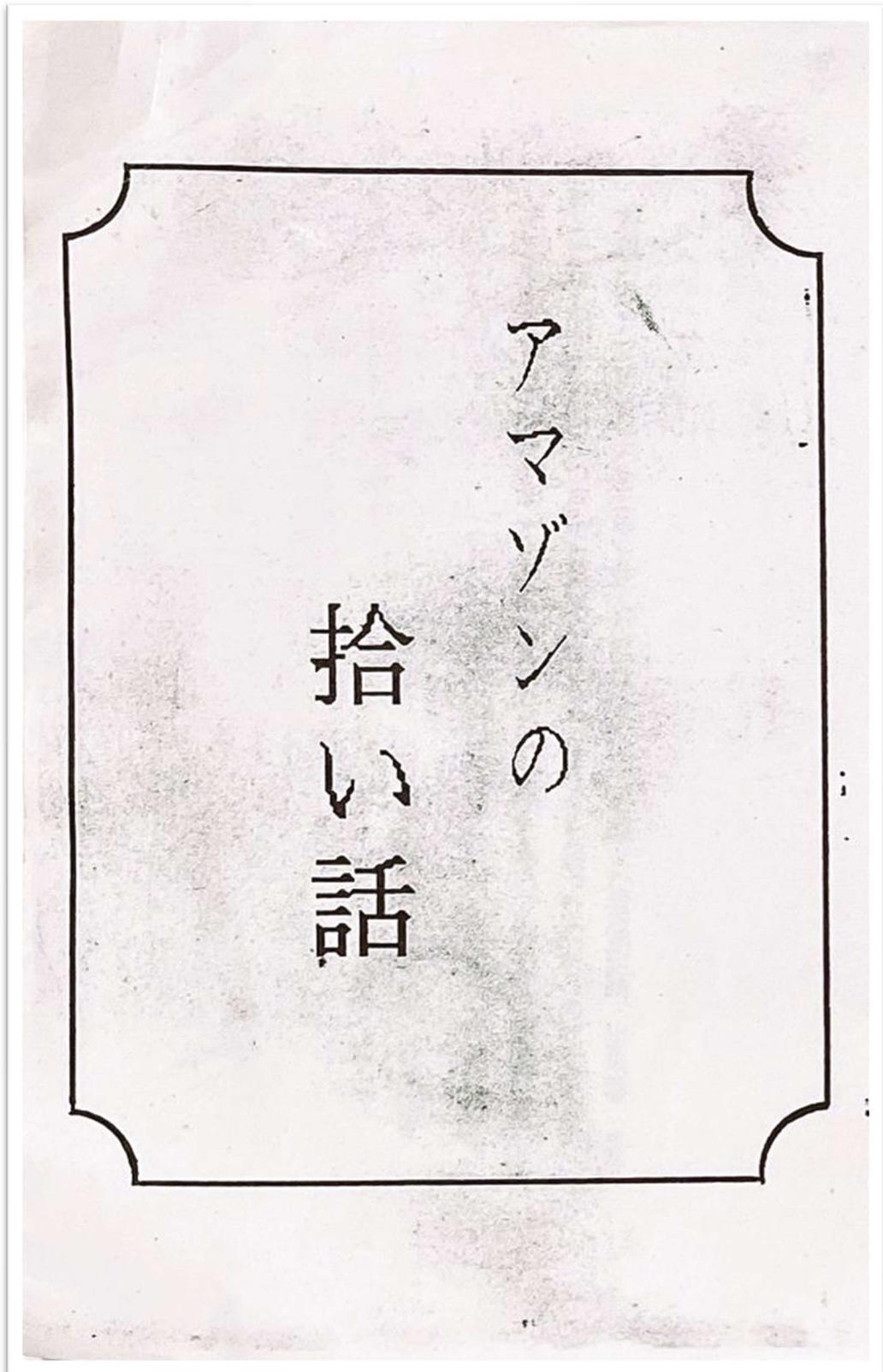
TSUTSUMI, Gôta. *Amazon no hohon neppū-roku*. Editora: Mumyōsha Shuppan, Tóquio – Japão, 2002.

YAMAGUCHI, Toshiko. *Amazonia*. 1. Ed. Editora Naganae Printing Co., Ltd. Tóquio – Japão, 1992.

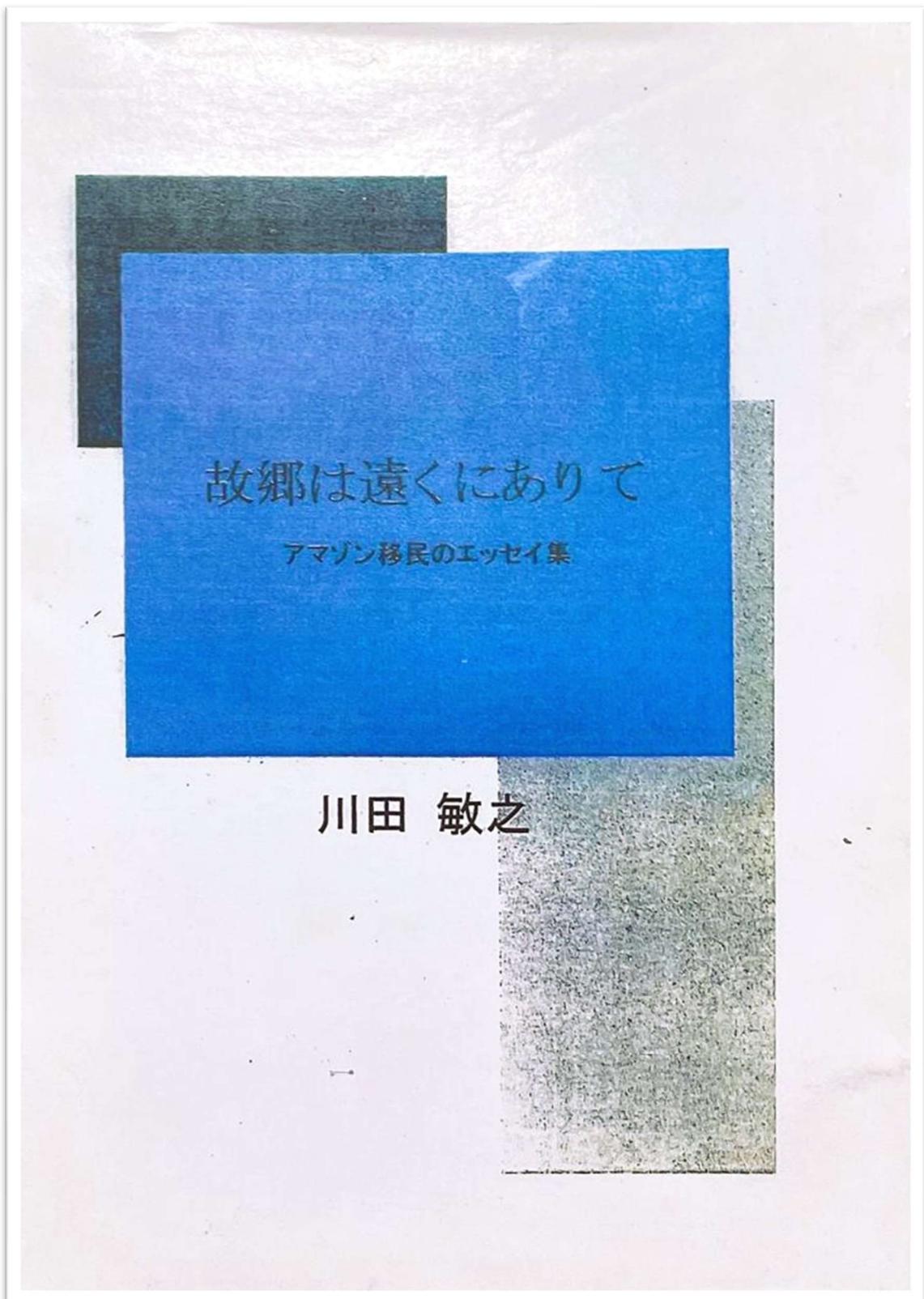
ANEXOS



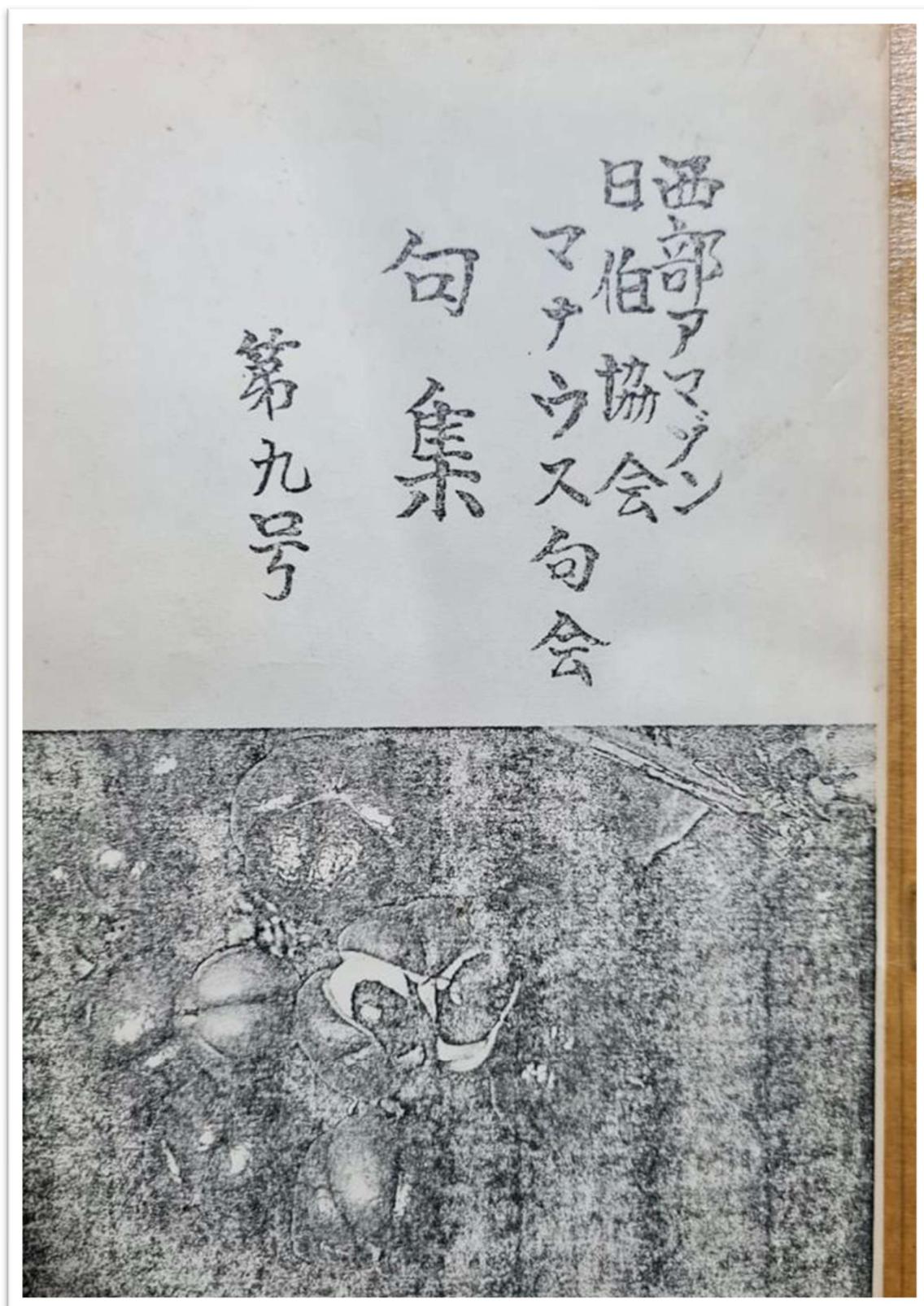
KAWADA, Sachiko. *Hana to chō* (Flores e Borboletas). Manaus – AM, 1999.



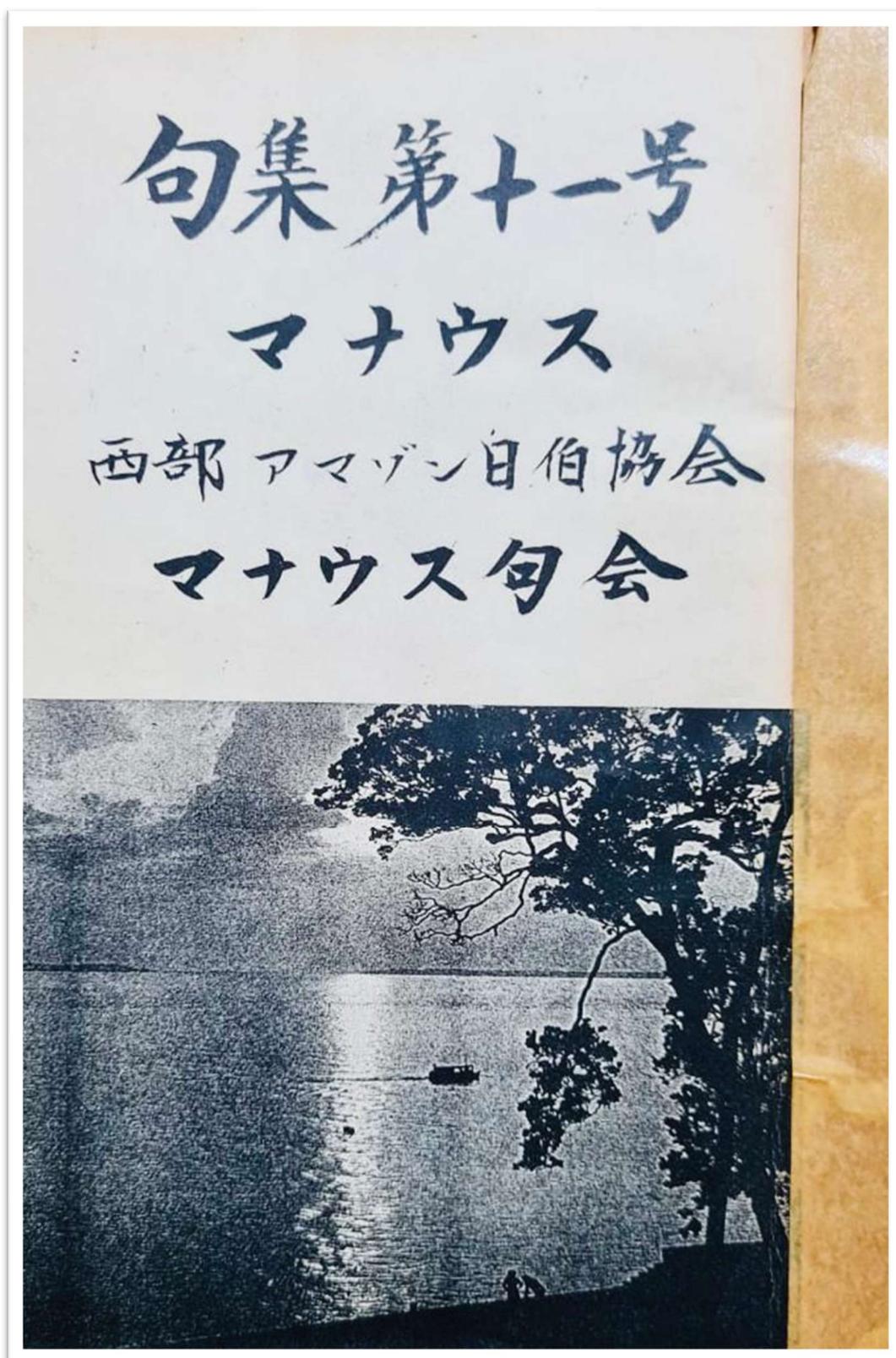
SHURAYANAGI, Toshio. *Amazon no hiroi hanashi (Narrativas Amazônicas)*. Manaus – AM, 1992.



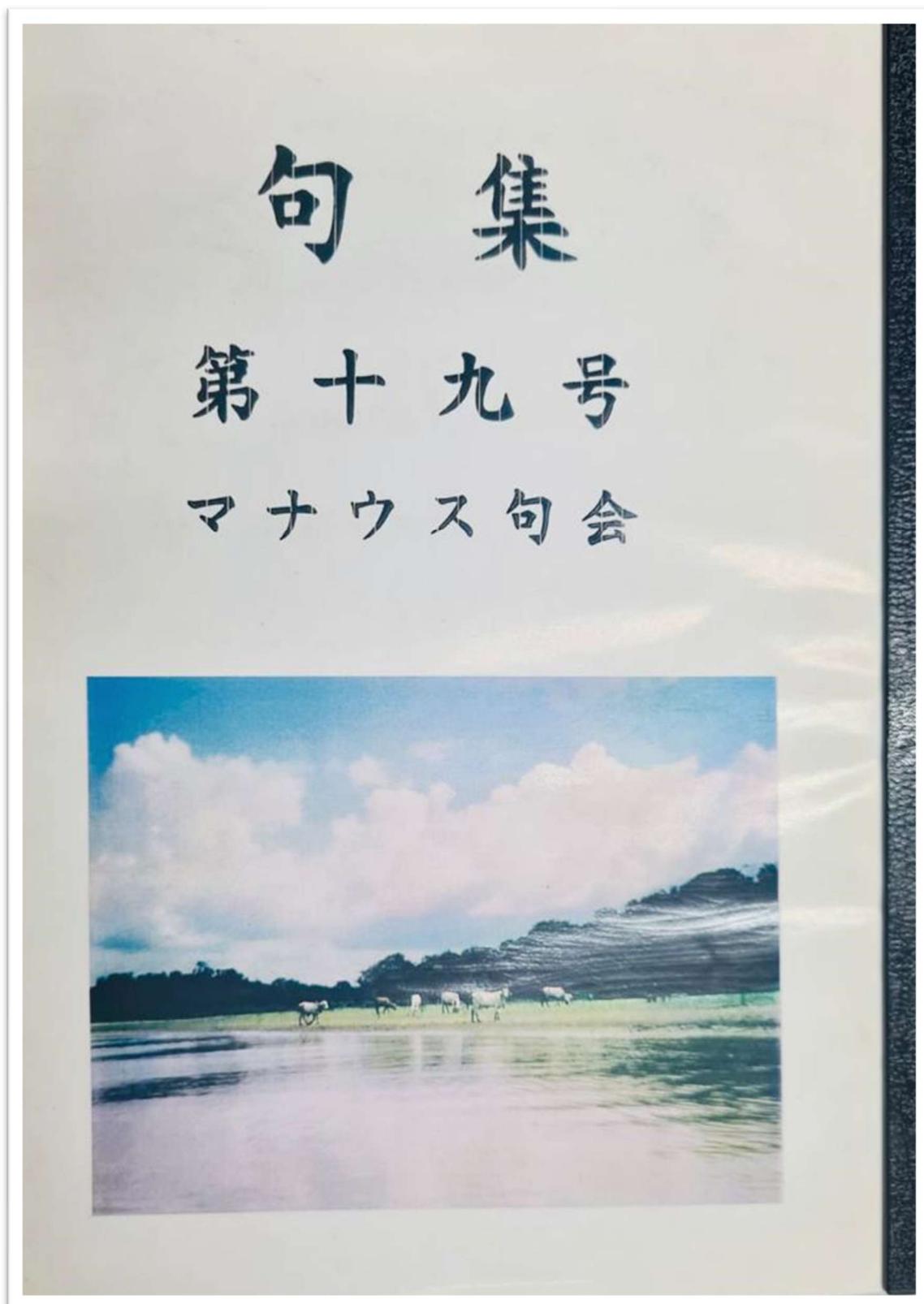
KAWADA, Toshiyuki, Furusato wa tooku ni arite – amazon imin no esseishu (A terra natal está tão distante – Coleção de ensaios de imigrantes amazônicos). Manaus – AM, 2005.



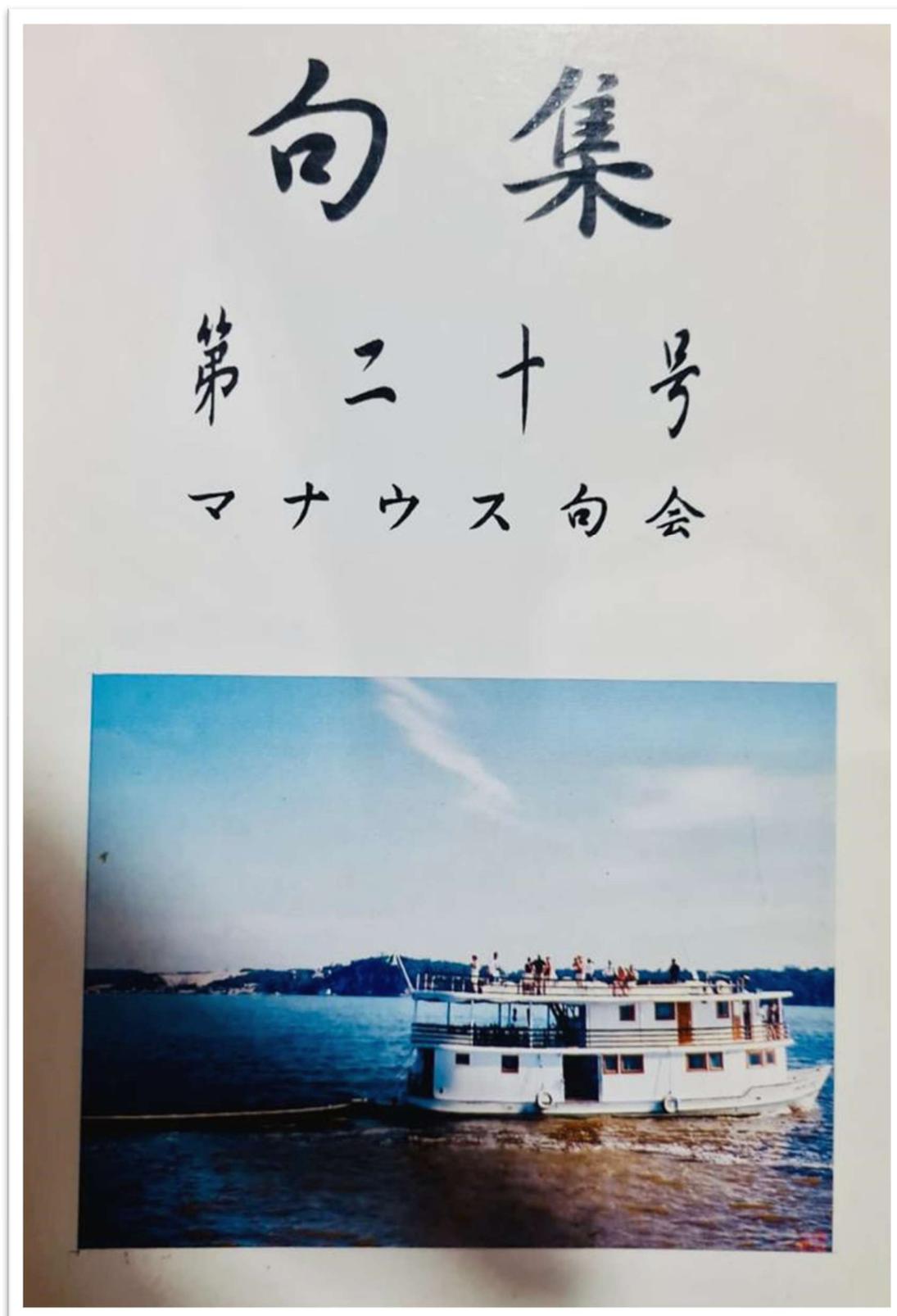
ASSOCIAÇÃO NIPO-BRASILEIRA DA AMAZÔNIA OCIDENTAL - NIPPAKU, Kushu
Manaus, N° 9, 1992



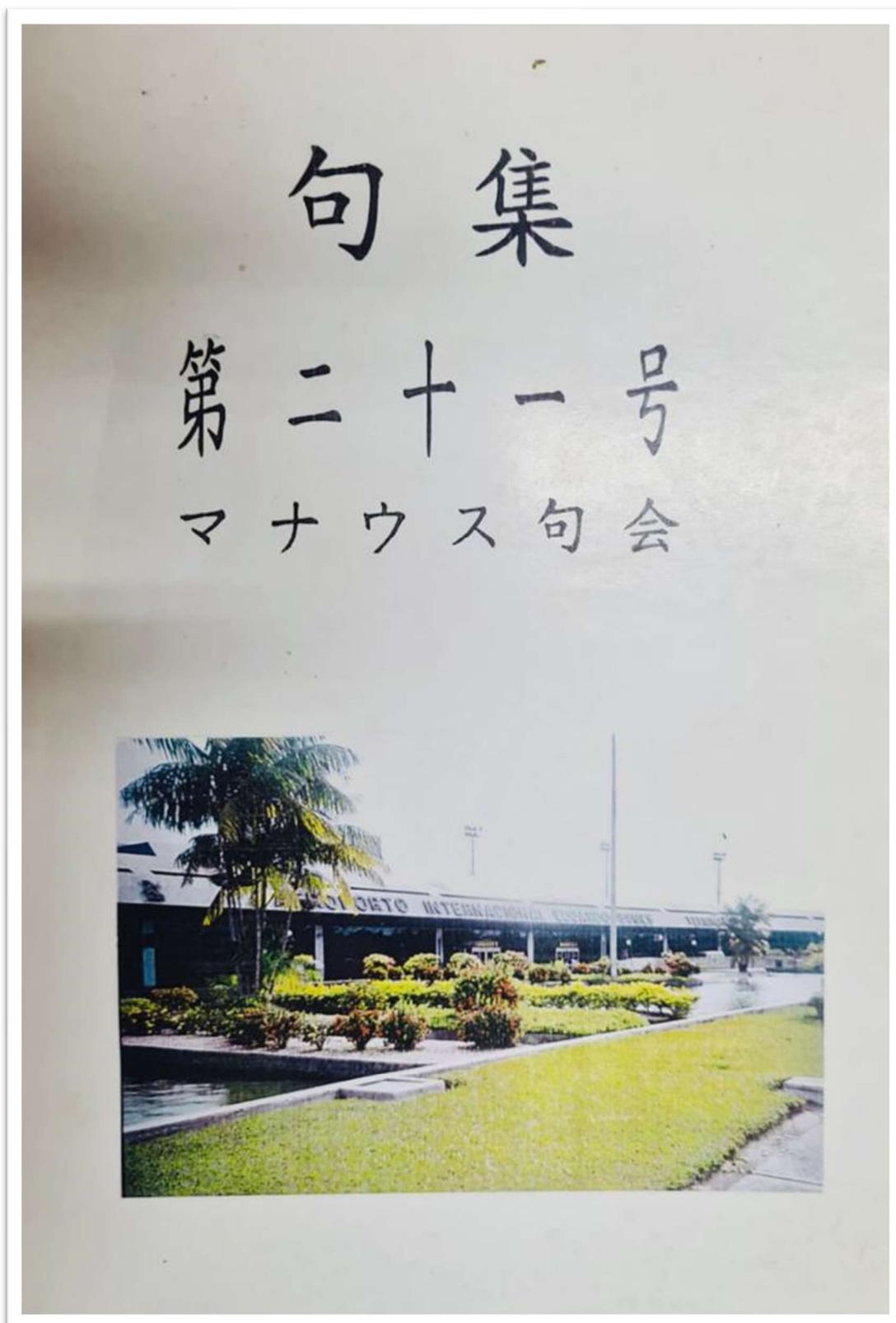
ASSOCIAÇÃO NIPO-BRASILEIRA DA AMAZÔNIA OCIDENTAL - NIPPAKU, Kushu
Manaus, N° 11, 1994



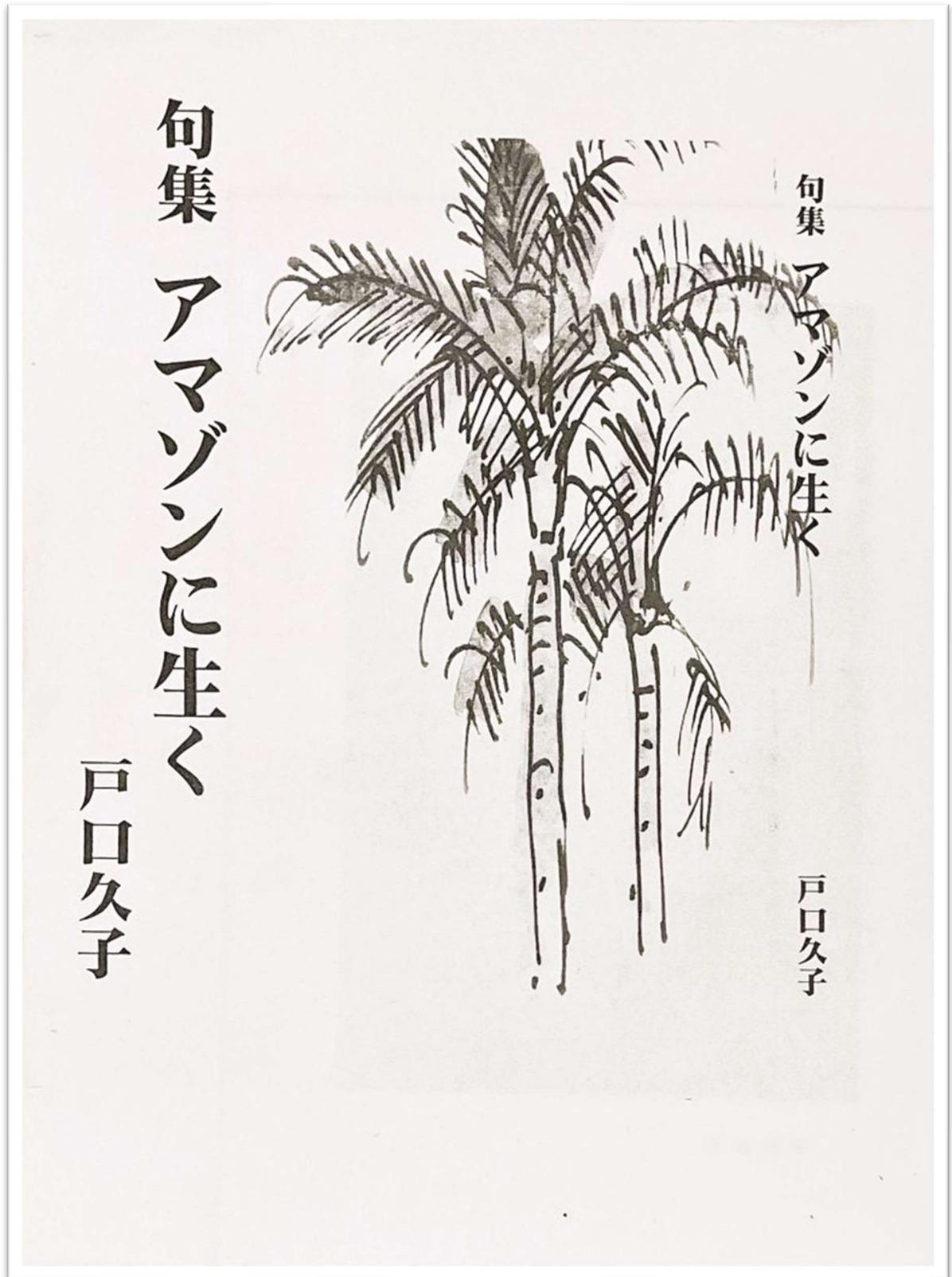
ASSOCIAÇÃO NIPO-BRASILEIRA DA AMAZÔNIA OCIDENTAL - NIPPAKU, Kushu
Manaus, N ° 19, 2003



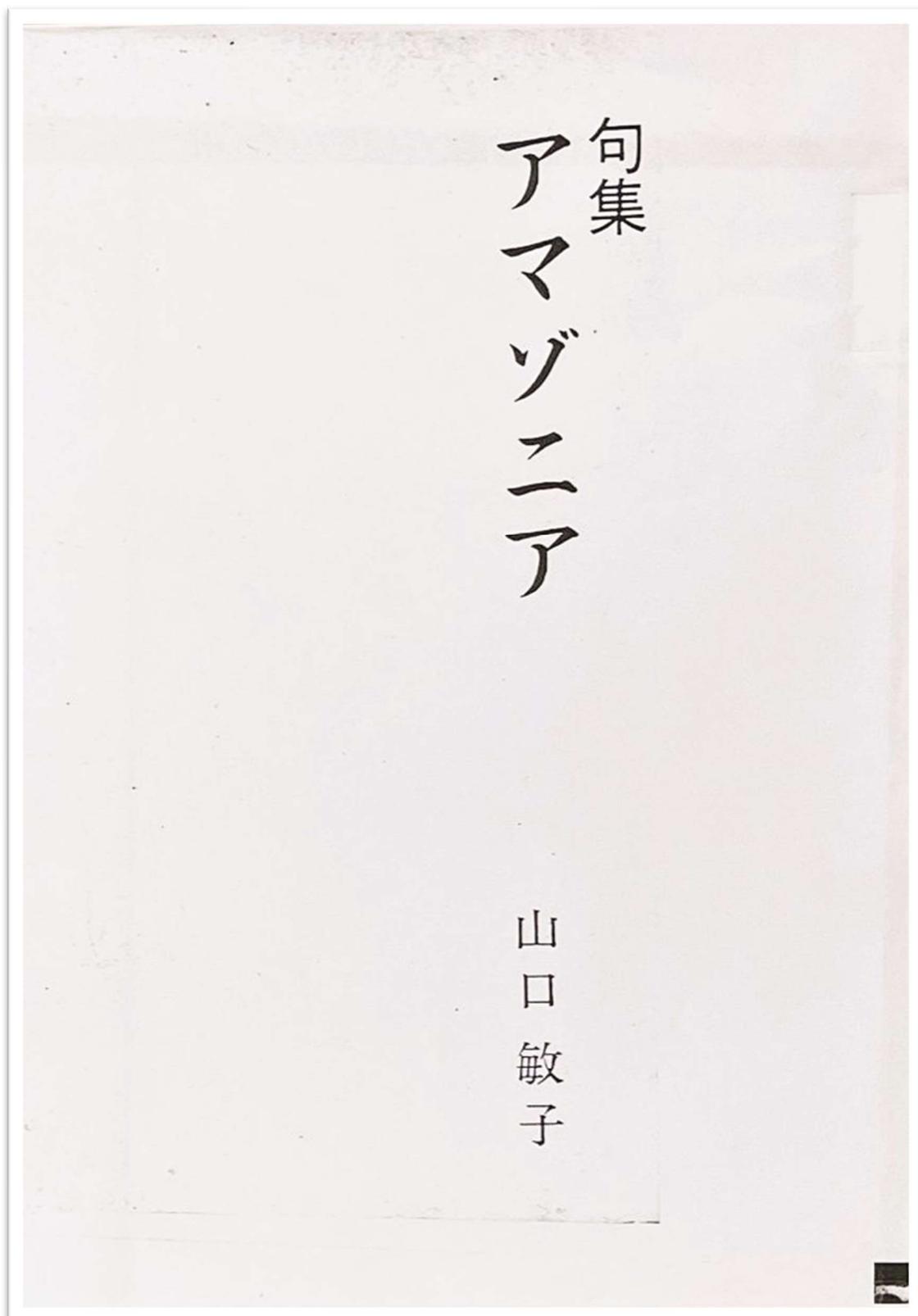
ASSOCIAÇÃO NIPO-BRASILEIRA DA AMAZÔNIA OCIDENTAL - NIPPAKU, Kushu
Manaus, N ° 20, 2004



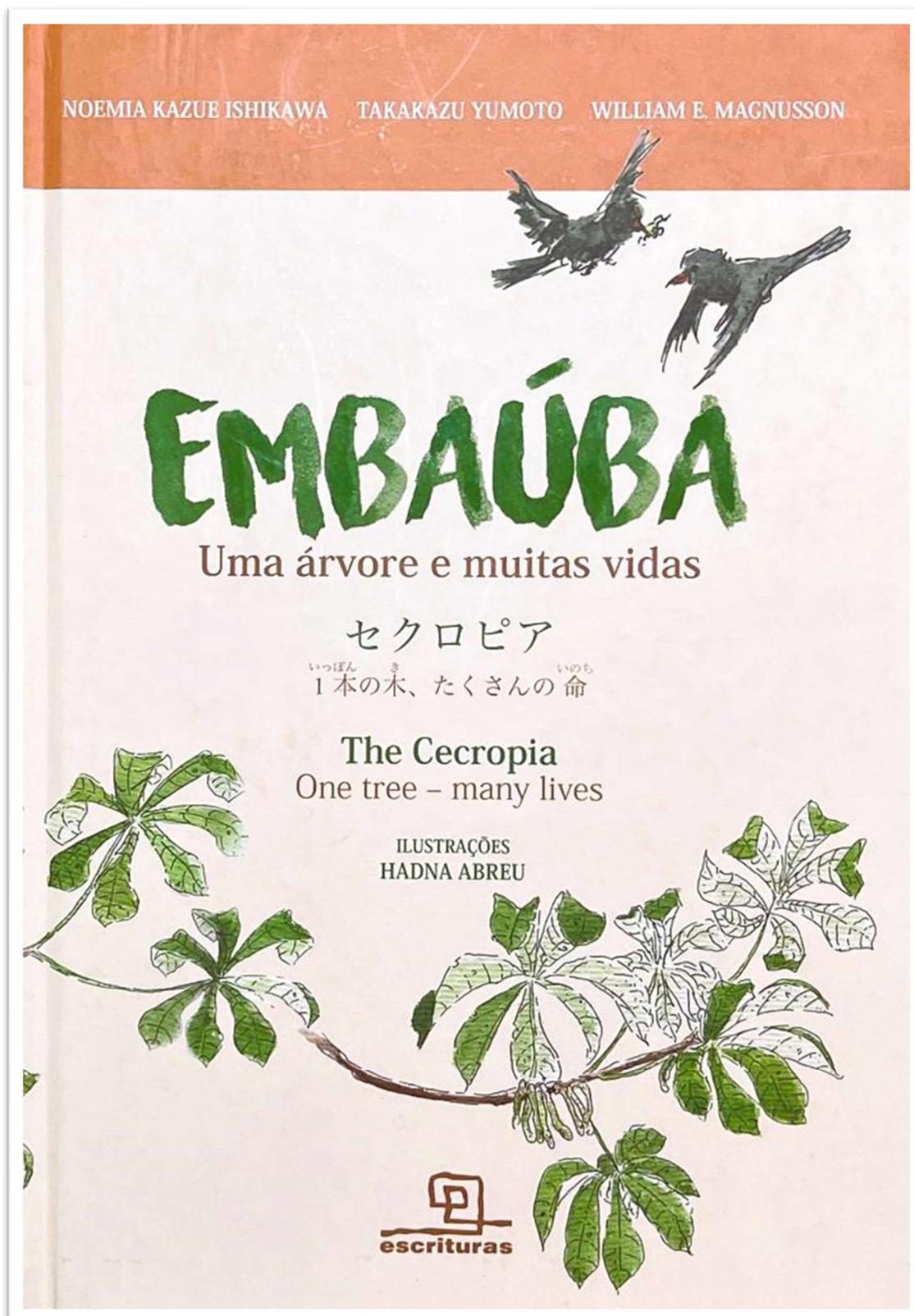
ASSOCIAÇÃO NIPO-BRASILEIRA DA AMAZÔNIA OCIDENTAL - NIPPAKU, KUSHU
Manaus, N ° 21, 2005



TOGUCHI, Hisako. Amazon ni iku - Vol I (A vida na Amazônia – Vol I). São Paulo – São Paulo, 2005



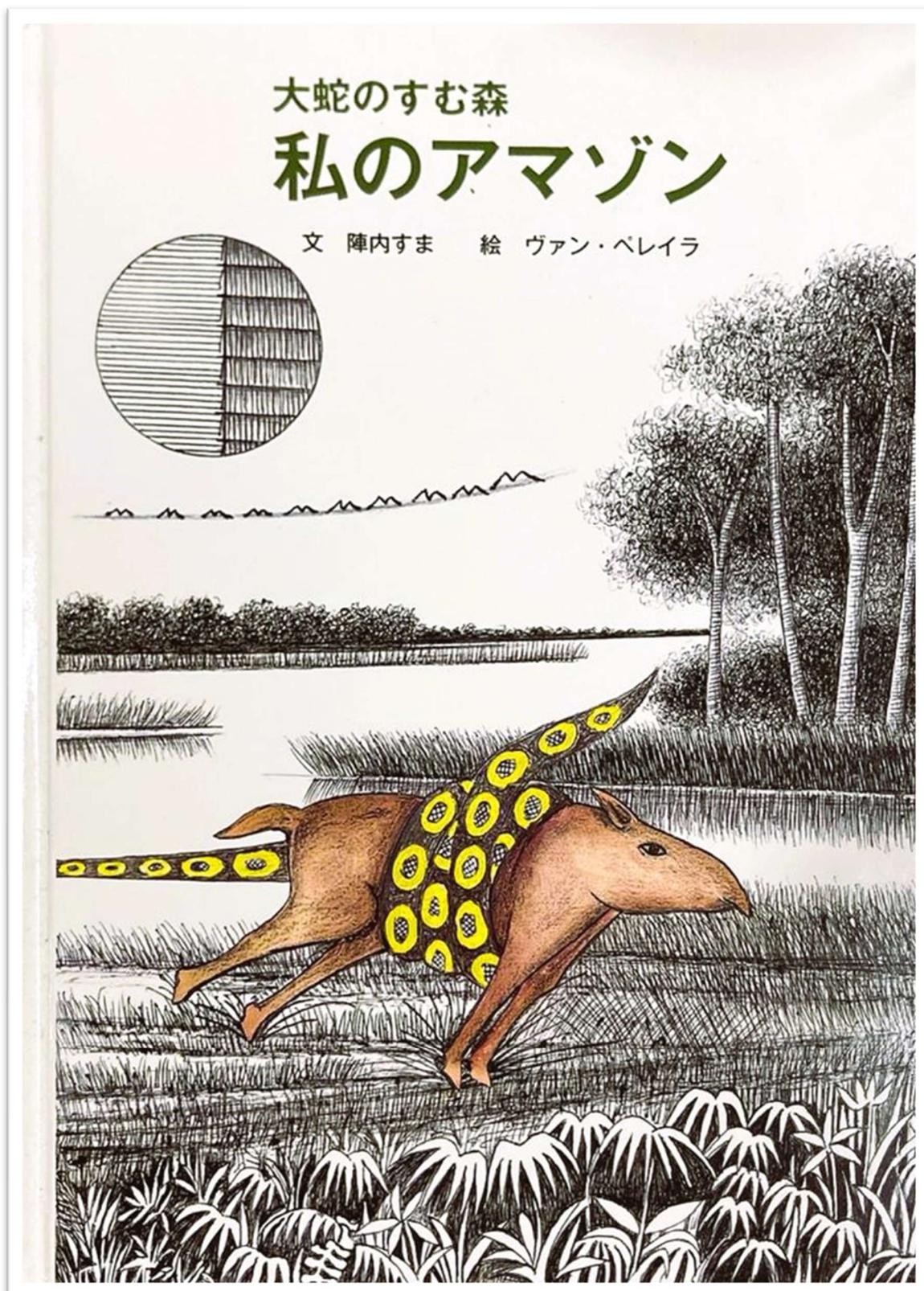
YAMAGUCHI, Toshiko. Amazonia (Amazônia). Tóquio – Japão, 1992



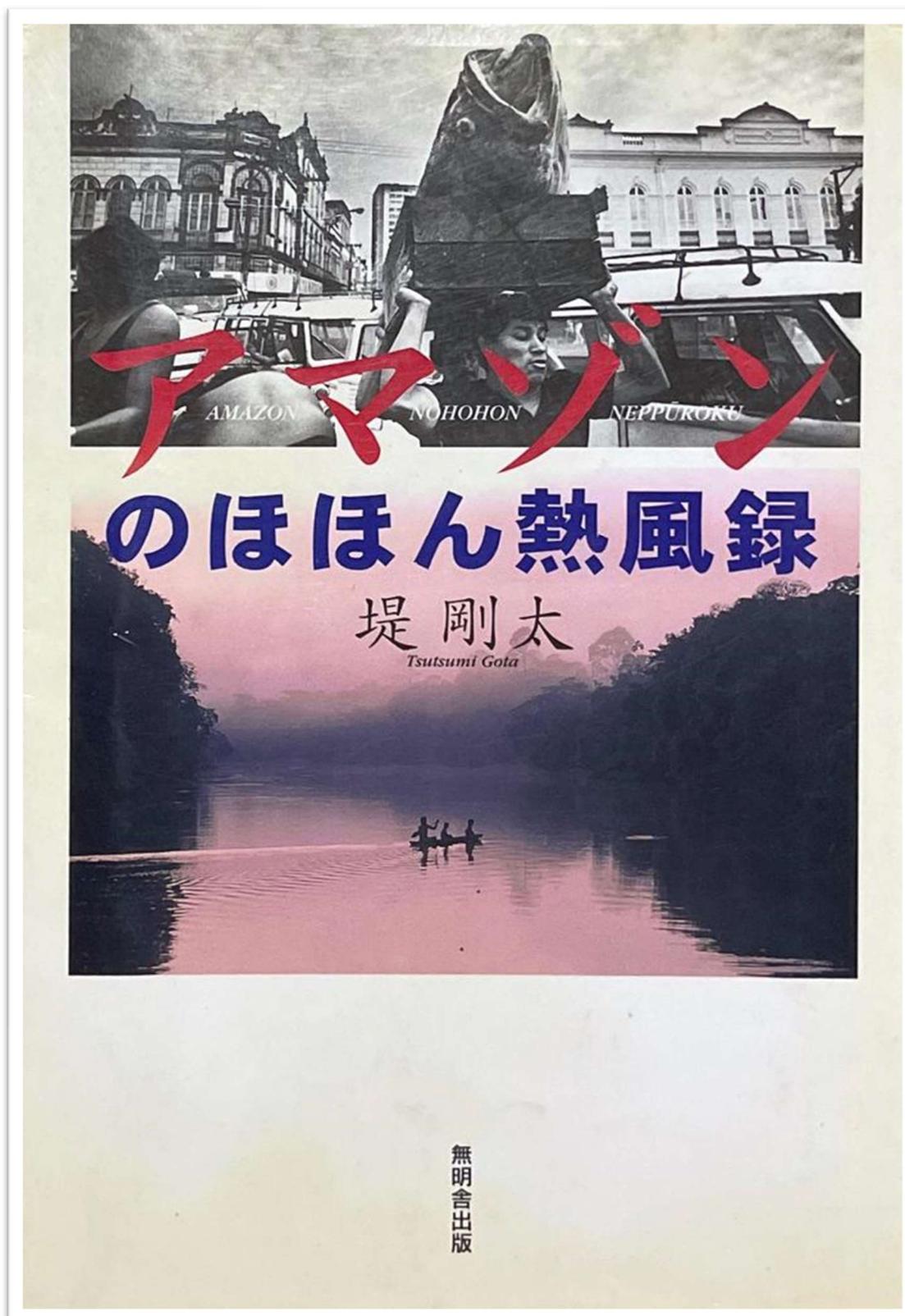
ISHIKAWA, Noemia K.; YUMOTO, T.; MAGNUSSON, W. E. Embaúba - Uma árvore e muitas vidas. São Paulo, 2016.



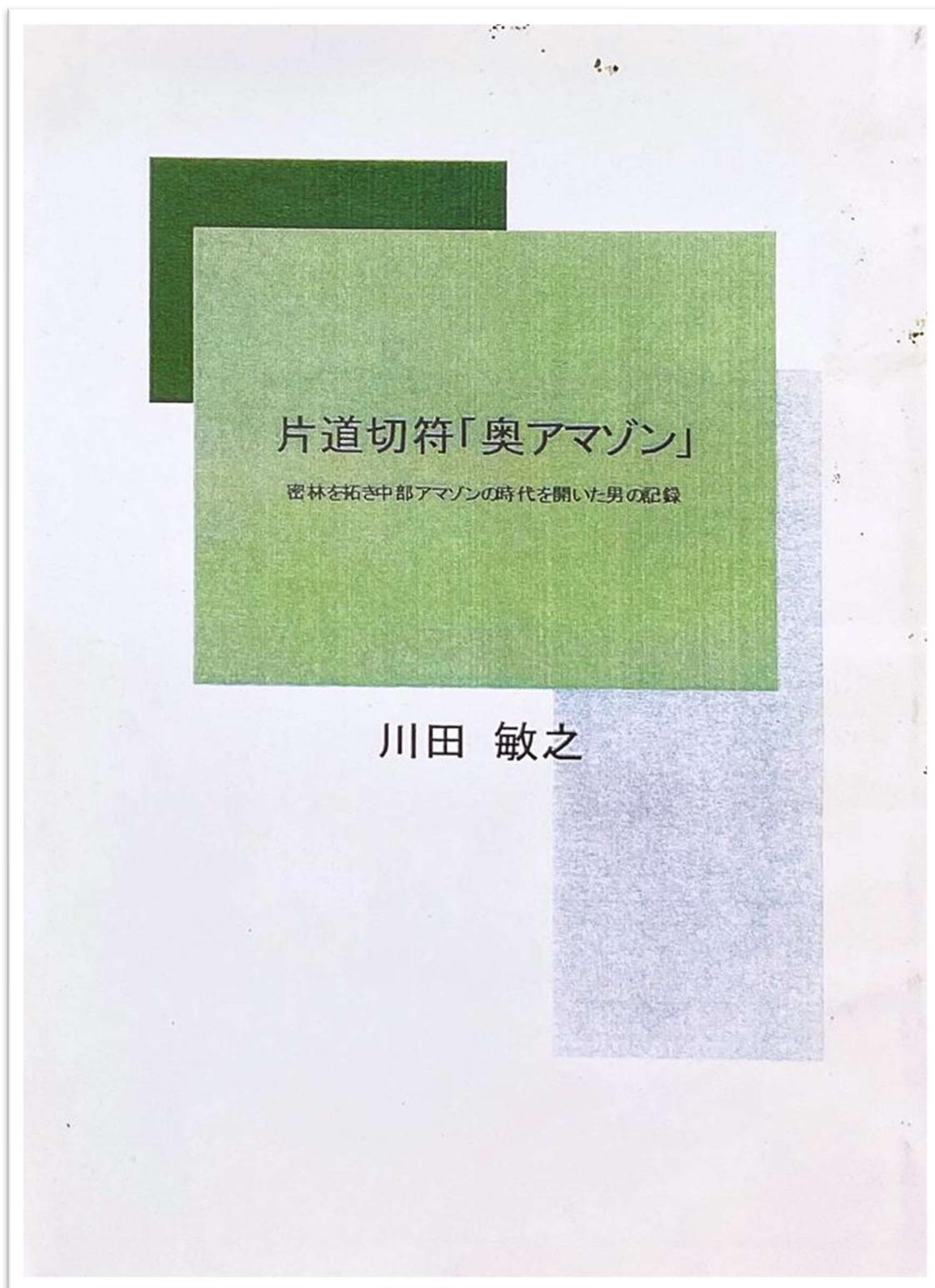
JINNAI, Suma. *Kodomo no tomo – Garashi to Kurupira* (Contos Infantis – Garashi e o Curupira). Tóquio – Japão, 2004.



JINNAI, Suma. Orochi no sumu mori – watashi no Amazon (A floresta onde mora a Cobra Grande – Minha Amazônia, de Suma Jinnai). Tóquio – Japão, 2018.



TSUTSUMI, Gōta. Amazon no hohon neppū-roku (Máximo (Recorde) de ar quente na Amazônia), Tóquio – Japão, 2002.



KAWADA, Toshiyuki. Katamichi kippu – Mitsurin wo hiraki chuubu amazon no jidai wo hiraita otoko no kiroku (Passagem só de ida aos confins da Amazônia – Um registro de um homem que foi o pioneiro no meio de uma selva e iniciou uma era na Amazônia). Manaus – AM, 2005.